

Do

BRASIL

MANCUNDO

para o

Perfis de
correspondentes

Stella Gomes

Do BRASIL
para o **MUNDO**
Perfis de
Correspondentes

Stella Gomes

G633b

Gomes, Stella Silva

Do Brasil para o mundo : perfis de correspondentes / Stella Silva Gomes. --
Bauru, 2025
116 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Jornalismo) - Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e
Design, Bauru
Orientadora: Angela Maria Grossi

1. Jornalismo. 2. Reportagens e repórteres. 3. Correspondentes estrangeiros.
4. Biografia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

Para minha mãe, Ana Paula, que celebrou cada vitória e consolou cada mágoa dos últimos 4 anos. Sem seu apoio, eu não teria terminado. Amo muito você.

Para minha gêmea, Júlia, que sempre disse que eu ia escrever um livro.

Para meu pai, Manoel, que me convenceu que estudar longe de casa seria espetacular.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução	11
Cada um tem a sua guerra	17
A banda de um homem só	34
Por que eu estou falando de mim?	51
Eu não sou correspondente de guerra, eu sou jornalista	68
A realização de um sonho	85
Eu lembrei que era feliz em Buenos Aires	98
Epílogo	113

Apresentação

Quando eu era criança, lá por 2009 e 2010, lembro muito claramente de voltar da escola, almoçar com minha família e sentar na sala de televisão para assistir o noticiário na seguinte ordem: Link Vanguarda, o jornal local do meio-dia de São José dos Campos, Globo Esporte com Tiago Leifert, Jornal Hoje, com Sandra Annenberg e Evaristo Costa, e Vídeo Show com André Marques. Eu assistia esses programas diariamente a ponto de decorar, por um tempo, a ordem das editorias, os especiais de cada dia da semana, quem eram os repórteres e de onde falavam.

Eu tinha entre 8 e 9 anos e sabia que, às segundas-feiras, a Sandra ia fazer um balanço do mercado de trabalho e que, aos sábados, um correspondente enviaria uma crônica da Europa. Nomes como Ilze Scamparini, Cecília Malan, Pedro Bassan, Márcio Gomes e Glória Maria já faziam parte do meu repertório. Eu entendia o noticiário? Muito pouco, mas gostava de ver. E gostava de pensar que os correspondentes eram aventureiros caçando histórias e notícias lá fora; como eles sabiam o que fazia o presidente da Rússia ou a que horas Israel e a Palestina trocavam mísseis?

Quando vim para a Unesp, aos 21 anos, achava que todos gostavam de jornalismo internacional como eu, que caloura iludida. O jornalismo internacional, as agências de notícias, as coberturas de guerra, tudo isso foi pouco mencionado, e eu senti falta durante o curso de aprender mais sobre essa função, de descobrir quem foram os correspondentes antes de eu começar a assistir o Jornal Hoje. Roberto Kovalick, Sandra Passarinho, Carlos Eduardo Lins da Silva, João Batista Natali, Silio Bocca-nera, Pedro Bial, Ernesto Paglia, Sônia Bridi, Marcos Uchoa... alguns desses nomes ganharam caras durante minhas leituras para este livro. E eu entendi que 60% do meu repertório, eu mesma teria que criar, e não obter pela faculdade.

Nas próximas páginas, leitor, você encontrará seis perfis, e conhecerá cinco correspondentes em exercício e um ex-correspondente, meu veterano, inclusive. gosto pessoal. Esses seis jornalistas foram escolhidos a dedo, considerando os veículos para os quais trabalham, os países onde moram, os conflitos e grandes acontecimentos que cobriram e o meu gosto pessoal. Porque, de certo modo, um dos objetivos dessa empreitada foi realizar o sonho desta futura jornalista de conhecer os correspondentes

que a inspiram diariamente.

Para mim, é inquietante que as pessoas não estejam ansiosas para saber o desfecho e as consequências de alguns acontecimentos externos: a política anti-imigração de Donald Trump e suas tarifas comerciais, o cessar-fogo que foi interrompido por Israel e a possível reconstrução da Faixa de Gaza, e a ascensão, na América Latina, de governos de extrema direita, de novo.

Mas o correspondente está inquieto, e se não estivesse, não se arriscaria mundo afora para cobrir Argentina, Venezuela, Ucrânia, Iraque, Estados Unidos, Alemanha, Jerusalém, Síria. Quem são esses correspondentes? Como começaram? Estão sozinhos ou há uma equipe do veículo para o qual trabalham? Estão seguros? Sentem medo? De grupos armados, da população, ou do governo? Quais suas funções e responsabilidades? Se algo der errado, para quem pedem socorro? Essas são só algumas das perguntas feitas para Sérgio Utsch, Ariel Palacios, Luciana Taddeo, Yan Boechat, Paola De Orte e Fabio Turci.

Sérgio Utsch é do SBT e mora em Londres. Ele estava na Ucrânia no dia em que a guerra começou. Ariel Palacios é da Globo News e mora na Argentina há quase 30 anos. Ele sentiu na pele os altos e baixos da instabilidade política da América Latina. Luciana Taddeo, da CNN, mora na Argentina, mas antes morou na Venezuela, e cobriu a eleição de Nicolás Maduro e a escassez que se instalou no país. Yan Boechat, fotojornalista e correspondente *freelancer*, juntou uma grana e foi cobrir o Oriente Médio, queria ver com os próprios olhos o que estava acontecendo. Paola De Orte, da TV Globo e Globo News, foi quem nos manteve informados, de Tel Aviv, enquanto o Domo de Ferro, sistema de defesa antiaérea de Israel, interceptava mísseis palestinos, libaneses e iranianos. E Fabio Turci, formado na Unesp-Bauru, é ex-correspondente de Nova York para a TV Globo; hoje ele é âncora do canal Times Brasil. E, se esses jornalistas têm alguma coisa em comum, é a paixão por presenciar e contar histórias, com H maiúsculo e minúsculo.

Ao longo dos perfis, quero que você entenda um pouquinho sobre como é feito o bom jornalismo, e que valorize o profissional diante de um cenário de desconfiança e desinformação generalizada nas redes sociais. Porque quando todos nós recebemos a notícia da vitória de Donald Trump nas eleições dos Estados Unidos, coube ao correspondente reportar o que queriam os norte-americanos, como celebraram ou lamentaram os resultados, e o que desejam do futuro.

Também espero que você conheça melhor esses personagens, famosos dentro da profissão, anônimos para quem não acompanha o noticiário, representantes de uma tribo jornalística que cobre as notícias do mundo para o público brasileiro. Eles se arriscam, trabalham em outro fuso-horário, passam horas no frio ou na chuva, dominam outras línguas, tudo isso para mostrar que os acontecimentos estrangeiros impactam e influenciam a política nacional.

E, se não for muita pretensão minha, espero instigar você a acompanhar pautas internacionais e ampliar sua visão de mundo através da cobertura de diferentes governos, conflitos e culturas. Pegue seu passaporte, seu bloco de notas, sua câmera fotográfica e embarque nessa viagem com os correspondentes do Brasil pelo mundo.

Stella Gomes

INTRODUÇÃO

Se eu precisasse escrever uma introdução para esse livro, começaria com uma linha do tempo do jornalismo internacional: quando surgiu, seus precursores, as primeiras coberturas de guerra e as primeiras mulheres correspondentes. Depois, traria a importância da função de correspondente não só para o jornalismo, mas também para a geopolítica e para a visão de mundo do público leitor. Talvez mencionasse o número de jornalistas mortos nos atuais conflitos armados, como na guerra em Gaza. E finalizaria com as características desses profissionais e com a desconstrução de alguns estereótipos. Eu, particularmente, nunca leio introduções porque temo receber *spoiler*, uma informação sobre o conteúdo do livro que adiante o clímax da história. Não que este livro tenha clímax; o ponto auge é que eu o escrevi em dois meses, depois de sete meses buscando informações, lendo perfis e entrevistando os correspondentes que a seguir serão apresentados à você, leitor.

Bom, o livro *Jornalismo Internacional*, de João Batista Natali,¹ já adianta meu trabalho e traz, em suas últimas páginas, uma linha do tempo interessante, que começa no século XVI com o banqueiro alemão Jakob Fugger von der Lilie, criador da primeira *newsletter* (literalmente uma carta trazendo notícias) de assuntos internacionais, principalmente economia, política e conflitos. A necessidade de receber esse tipo de correspondência se justificava pelo fato de Fugger ter negócios na Bélgica e precisar saber o que se passava com seus parceiros comerciais e concorrentes. Rico e influente, não podia arriscar seu prestígio no continente europeu porque estava mal informado. No século seguinte, Abraham Verhoeven publicaria o primeiro jornal com notícias internacionais na Antuérpia, cidade da Bélgica, por volta de 1605. O mercantilismo se expandia pela Europa e era necessário se atualizar sobre os acontecimentos do exterior, onde os comerciantes tinham interesse em expandir seus negócios.

Duzentos anos depois, em 1835, o francês Charles Havas criou uma agência de tradução de informações estrangeiras para serem publicadas em jornais franceses, que aos poucos passou a fazer as próprias apurações e reportagens. Um dos funcionários da *Agência Havas*, que daria origem a *Agence France-Presse*, *AFP*, era ninguém menos que o alemão Paul Ju-

1 NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

lius Reuter, criador da *Agência Reuters*, sediada em Londres. Alguns anos depois, em 1848, seis jornais de Nova York reuniram um grupo de jornalistas para cobrir conflitos territoriais nos Estados Unidos e produzir matérias para vários veículos de comunicação, ao mesmo tempo. Assim surgia o grupo *Associated Press*, AP,² uma das principais agências de notícias até hoje. As Guerras Civil norte-americana e Franco-Prussiana também marcaram a história do jornalismo internacional ao contar com correspondentes; nos Estados Unidos, mais de 100 profissionais cobriram o conflito, enquanto na Europa, o jornal britânico *The Guardian* enviou jornalistas para os dois países envolvidos. E no Brasil, em 1877, a agência *Reuter-Havas* abriu uma sucursal no Rio de Janeiro que recebia, por telégrafo, notícias estrangeiras para serem publicadas no *Jornal do Comércio*. Como você pode ver, leitor, a editoria de política internacional é mais velha do que imaginávamos.

O ex-correspondente da *Folha de S.Paulo*, Carlos Eduardo Lins da Silva,³ também escreveu um livro que se tornou uma das referências mais importantes sobre correspondência internacional, e foi essa leitura que me auxiliou com o roteiro de perguntas aos correspondentes; isso e muitas horas assistindo programas de entrevista como *Provocações*, com Antônio Abujamra, *Provoca*, com Marcelo Tas, *Roda Viva*, com vários jornalistas, *Conversa com Bial*, com Pedro Bial, e muitos podcasts. De volta ao livro — *Correspondente Internacional* —, seu autor também faz um retrospecto do cargo de correspondente e da função de cobrir guerras.

No Brasil, os dois primeiros jornalistas enviados pelos jornais em que trabalhavam para cobrir determinado assunto por um longo período de tempo e, portanto, para atuar como correspondentes, foram João do Rio e Assis Chateaubriand, que acompanharam, respectivamente, o Armistício da Primeira Guerra Mundial, em 1918, para o jornal *O País*, e a Alemanha pós-guerra, em 1919, para o *Correio da Manhã*. Mas o patrono dos correspondentes escolhido por Lins da Silva foi o jornalista George Washburn Smalley que, diferentemente dos brasileiros, foi enviado à Europa para cobrir diversos assuntos para o *New York Tribune*, em 1867. Antes dele, o autor cita dois enviados especiais, George Wilkins Kendall, Guerra do México, 1845, e William Howard Russell, Guerra da Crimeia, 1854, pioneiros na correspondência de guerra, que estavam no estrangeiro especificamente para cobrir o conflito ao qual foram designados, o que os configurava como enviados e não correspondentes. E por falar em enviados, cito a primeira enviada especial à Europa, Margaret Fuller, crí-

² <https://apnews.com/>

³ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Correspondente Internacional*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

tica literária e colunista do *Tribune*, que mandou despachos da Inglaterra e da Itália, e Martha Gellhorn, que cobriu a Guerra Civil Espanhola e o desembarque na Normandia, o Dia D, ofuscada pelo seu marido na época, Ernest Hemingway.

Seguindo o roteiro, qual é a diferença entre correspondente e enviado? O primeiro está sediado em outro país com a “missão remunerada de reportar fatos da sociedade em que está” (Lins da Silva, 2011, p. 15) para um veículo de comunicação e um público sediados no seu país de origem, por tempo determinado ou indeterminado. O enviado especial, por outro lado, viaja para outro país para cobrir um evento específico, como uma cúpula econômica, uma revolta popular ou uma visita de chefe de estado, por pouco tempo, dias que podem se tornar semanas, mas ele não mora nesse outro país. O que é comum: mandar o correspondente de Londres para França como enviado especial só para cobrir o Festival de Cannes. E o correspondente de guerra, apesar de cobrir um conflito específico, passa mais tempo em campo, de semanas a meses, por isso não se configura como enviado.

Por falar em guerra, no início deste ano, a *Agência Brasil* divulgou dados do Comitê para Proteção dos Jornalistas,⁴ CPJ, sobre o número de jornalistas e profissionais da mídia mortos em 2024, com pelo menos 124 vítimas em 18 países. De acordo com a Federação Internacional de Jornalistas⁵ e com o Sindicato de Jornalistas Palestinos, o número é maior, 178 mortos. E no mês de abril, o canal de notícias *Al Jazeera* divulgou um levantamento realizado pelo Watson Institute for International and Public Affairs, da Brown University, nos Estados Unidos, com o número de jornalistas mortos na Faixa de Gaza desde o início do conflito com Israel, em 7 de outubro de 2023. O número é ainda maior, 232 mortos. Esses dados demonstram que os jornalistas e correspondentes não possuem nenhuma instituição que garanta sua segurança enquanto estão trabalhando, estão sujeitos à violência de seus próprios países, mas também de nações estrangeiras.

Se no século XVI as *newsletters* internacionais serviam aos grandes comerciantes e banqueiros, hoje elas interessam um público bem mais amplo de pessoas que acompanham as pautas internacionais para compreender melhor suas influências geopolíticas, ampliar sua visão de mundo e ter contato com diferentes realidades. Ao correspondente cabe a tradução não só do idioma como também dos costumes, comportamentos e acontecimentos do estrangeiro para o público brasileiro. Além de

⁴ <https://cpj.org/>

⁵ <https://www.ifj.org/>

tradutor, o profissional é curioso, versátil, aventureiro, apaixonado por História, sabe se virar de última hora e não tem preguiça de trabalhar.

No livro *Correspondente Internacional*, Lins da Silva aponta algumas outras características comuns em correspondentes que não são tão positivas assim, como ceticismo, egoísmo, neurose, embriaguez, arrogância, entre outros. São estereótipos que, você lerá isso mais adiante, não representam esses profissionais de maneira fiel. Um dos entrevistados acha que essa é uma visão ultrapassada, muito comum nas representações de jornalistas no cinema. Outra entrevistada diz: “a única coisa que eu concordaria é caçadores de aventuras e fuga dos problemas pessoais”, e complementa “é um pessoal que trabalha muito, a gente pauta a discussão. Acho que isso também é função do correspondente, não ficar esperando as agências de notícia, mas contar antes o que está acontecendo”. Sem bolas de cristal ou máquinas de viagem no tempo, resta a esses correspondentes estarem sempre atentos aos possíveis desdobramentos políticos e lembrar que a História se repete.

Agora, se você retornar ao primeiro parágrafo, vai perceber que os tópicos listados foram contemplados e que chegamos ao fim da introdução. Finalmente. Fique agora com os seis perfis que oferecem a percepção de profissionais sobre a carreira e o trabalho do correspondente internacional. Honestamente, não sou capaz de escolher o melhor perfil, nem sei qual foi a melhor parte de fazer esse livro: conhecer os jornalistas, aprender com eles, estudar História e Geopolítica, escrevê-lo ou concluí-lo. Mas de uma coisa eu tenho certeza, foi divertido demais redigir este trabalho. Aproveite a leitura!



Sérgio Utsch e o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky
Créditos: SBT/Francisco Proner

Cada um tem a sua guerra

Sérgio Utsch - entrevista concedida em 16 de janeiro de 2025

— *We talked with some officials from the Ukrainian government. They said that they recognized there were mistakes made by Ukraine in this relationship with Latin America and with Brazil. And I believe that you think that Brazil made mistakes as well — o presidente Volodymyr Zelensky riu — So I would like to know what are the mistakes that Ukraine has made, and in Brazil side what have to change?*¹

O ucraniano balançava a cabeça encorajando o jornalista a fazer sua pergunta. O clima tenso não era para menos: do outro lado da mesa, com sua camiseta verde de manga comprida, estava o líder de uma nação em guerra, invadida pelo inimigo. Ele ri, cínico ou simpático, mas responde, em russo:

— *Acho necessário reconhecer que todos nós erramos. Os erros da Ucrânia em relação aos governos sul-americanos e às políticas da Ucrânia é que, durante anos, a América Latina estava muito longe, e isso impactou nossa relação cultural e econômica. Não existiam vínculos econômicos, e se não há vínculos fortes entre os Estados, então não há relação. Acho que o principal erro da Ucrânia foram os anos perdidos de boas relações e boas oportunidades. Mas essas coisas podem ser consertadas [...] e precisamos definir prioridades.*

Foi assim que o presidente respondeu a pergunta de Sérgio Utsch, feita em abril de 2024, em uma das visitas que o correspondente do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) fez à Kiev (a pronúncia é Kiiv). Foi a segunda vez que o jornalista se encontrou com o presidente; a primeira foi durante uma coletiva de imprensa que marcava um ano de guerra, em 2023. Sérgio, inclusive, estava na capital ucraniana quando, em 24 de fevereiro de 2022, a Ucrânia soou seu alarme de emergência e declarou lei marcial. A Rússia havia iniciado uma invasão ao leste do país. De novo.

O começo

Nascido em Belo Horizonte em 22 de junho de 1974, Sérgio mora em

¹ Tradução: Nós conversamos com algumas autoridades do governo ucraniano. Elas disseram reconhecer que erros foram cometidos pela Ucrânia nas suas relações com a América Latina e com o Brasil. E eu acredito que você acha que o Brasil cometeu erros também. Então eu gostaria de saber quais os erros que a Ucrânia cometeu, e do lado do Brasil, o que precisa mudar?

Londres há catorze anos, onde leva uma vida mais tranquila, com menos trânsito, do que quando vivia em São Paulo. Sérgio tem 50 anos, pele clara e cabelo castanho-claro, quase grisalho. Ele está vestindo um suéter bege e parece cansado, mas logo percebo por que: ele está resfriado.

Para esse perfil, sua história começa na graduação de Jornalismo na UniBH, antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte (Fafi-BH), onde se formou em 1996. Em uma entrevista ao mesacast Prateleira de Cima #26, do dia 25 de novembro de 2024,² ele contou que seu primeiro trabalho foi de comentarista esportivo do jornal de uma funerária. Depois, Sérgio trabalhou no Instituto Raul Soares, hospital especializado em saúde mental em Belo Horizonte, e passou por algumas redações: *TV Bandeirantes*, *Rádio Itatiaia*, *TV Agora* e *TV Globo*. Ser repórter sempre esteve nos planos, mas ser correspondente, e cobrir guerras, não.

— Acho que fui um dos últimos correspondentes, dessa geração, com o perfil de repórter que consolidou uma carreira no Brasil e depois virou correspondente.

Sérgio se refere ao fato de ter começado como repórter local em MG, depois como repórter do *Jornal Nacional*, da *TV Globo*, depois repórter especial do *SBT*, onde fez várias coberturas internacionais, e depois correspondente. E essa “progressão” de carreira é incomum; muitos jornalistas se tornam correspondentes porque decidem mudar de país para fazer uns *freelas*³ para o Brasil. Ai ficam conhecidos entre os veículos, e acabam sendo contratados para a função. Exemplos? Ariel, Luciana, Yan e Paola.

Quando pergunto como se tornou correspondente, Sérgio usa uma palavra inusitada para contar essa história: musculatura.

— Eu costumo dizer para as pessoas que eu já tinha adquirido uma certa musculatura antes de me tornar correspondente porque fiz várias coberturas internacionais.

Antes de trabalhar permanentemente em Londres, ele cobriu as Olimpíadas na China, em 2008, a Copa do Mundo na Alemanha, em 2006, e o terremoto no Haiti, em 2011.

— Para mim, foi o contato mais forte que tive com a morte. Foram 200 mil mortos nas ruas do país, uma situação catastrófica, horrível, e foi uma cobertura bastante difícil.

2 O episódio pode ser conferido em:

<https://www.youtube.com/live/3WsmISv23IM?si=6Kdm7K71DE8TithX>

3 Freela é uma forma de se referir ao trabalho freelancer, realizado por um profissional independente que não possui vínculo empregatício com a empresa para a qual presta o serviço. Muitos jornalistas fazem freelas, entregando reportagens para mais de um jornal, revista ou canal de televisão.

Outros eventos cobertos — e por isso é tão bom conversar com jornalistas, porque eles são um poço de informações, personalidades históricas e acontecimentos que ninguém lembra mais — foram a crise política em Honduras, quando o presidente Manuel Zelaya se refugiou na embaixada brasileira; uma crise da Petrobras na Bolívia; uma eleição no Peru, “enfim, tem várias coisas que eu cobri antes de me tornar correspondente”.

Mas, Stella, se ele já fazia cobertura internacional, como é que ele ainda não era correspondente?, você, leitor, pode me perguntar. E eu te respondo: um repórter pode fazer reportagens fora do país como enviado especial, como a Patrícia Campos Mello, da *Folha de S. Paulo*, que mora em São Paulo e viaja com certa frequência para o Oriente Médio, sempre que as coisas apertam por lá; ou o Felipe Frazão, do *Estadão*, que vira e mexe aparece num país asiático, como Índia ou Taiwan, e faz uma reportagem especial enquanto cobre alguma cúpula internacional ou evento específico. Essa rotina de trabalho difere do correspondente porque este mora em outro país, na Inglaterra, França, Argentina, Israel, Venezuela, e faz as coberturas viajando ou utilizando o material das grandes agências de notícia, como *Associated Press*, *Agence France-Presse* e *Reuters*.

Então não foi do dia para a noite que Sérgio foi para Londres assumir a função de correspondente, cargo considerado uma promoção entre os repórteres. Ele substitui o jornalista Marcelo Torres, que saiu do *SBT* e agora é âncora do canal licenciado da *CNBC*, o *Times Brasil*, lançado em novembro de 2024. Sérgio queria mudar um pouco, fazer coisas novas, sair de São Paulo, e assumir o posto do Marcelo foi bom para os dois lados.

— Para quem trabalha na rua, São Paulo é uma coisa absurda, você passa horas no trânsito. Eu já morava na capital há 7 anos, e fazer reportagem diária lá, desse jeito que a gente faz, é muito difícil. Então eu queria fazer outras coisas, que não exigissem tanto nesse aspecto.

E aí foi cobrir a Guerra na Ucrânia, bem mais fácil que São Paulo.

Correspondente de guerra?

Eu reparo que ele está em casa, e que é o mesmo cenário de algumas entradas ao vivo no *SBT News*: uma parede azul clara e branca, com um sofá cinza ao fundo, e várias molduras pequenas penduradas na parede. Pelo ângulo da câmera, deduzo que ele está em uma mesa, de jantar ou

de trabalho, entre a cozinha e a sala. Há uma porta de correr de vidro, que dá para um jardim, que também faz sua vez de cenário quanto o clima está bom.

As molduras na parede são memórias de viagem, fotos que ele mesmo tirou.

— Você quer ver? — respondo que gostaria.

Eu estava achando o Sérgio meio tenso, como ele foi o primeiro correspondente entrevistado, eu também estava nervosa. Então achei que mudar o foco de “conte sua vida profissional para uma desconhecida” para “olha só, fotos de viagem!” era um bom modo de descontrair. Ele levantou com o computador, se aproximou da parede e começou a contar o que era cada foto.

— Essa senhora é uma *pashtun*, da tribo *pashtun* do Afeganistão e do Paquistão. Essa é paquistanesa. Esses meninos são do Paquistão, e essa senhora é de Honduras, — a maioria eram retratos — aqui em cima é no Iraque, as combatentes curdas do batalhão feminino do *Peshmerga* (exército curdo iraquiano). Aqui é no Brasil. Um menino de Angola acusado de feitiçaria; Haiti. Paquistão, que é um lugar muito fotogênico. Um mosteiro ortodoxo na Grécia; Etiópia e Jerusalém.

A palavra curda peshmerga quer dizer “aquele que enfrenta a morte”, mas também é o nome do exército curdo iraquiano que ajudou a combater o grupo terrorista Estado Islâmico no país. O Curdistão é um território no Oriente Médio habitado pelo povo apátrida curdo, e ocupa quatro países: Turquia, Síria, Irã e Iraque. O Peshmerga tem uma ala feminina que participou das batalhas contra o EI em 2016. Na época, circulava o boato de que os militantes do EI temiam ser mortos por mulheres porque isso os condenaria ao inferno.

Sérgio perdeu a conta de quantos países visitou, acha que foram mais de 80.

Perguntei se o trabalho como correspondente vale os riscos enfrentados em países considerados perigosos, seja por condições políticas ou pelos casos de violência e conflitos armados. Ou se, na verdade, esses países nem são assim tão perigosos quanto costumamos pensar, e quanto a mídia costuma mostrar.

— É um pouco disso tudo. Primeiro, sim, vale a pena, para contar histórias e fazer o trabalho que a gente quer fazer. E dois, as pessoas tendem

a achar, e eu entendo porque acham, porque só quando você vive é que você entende isso, elas tendem a enxergar o perigo maior do que ele é. Não quer dizer que não seja perigoso.

Ele explica que na Ucrânia, apesar de os bombardeios acontecerem mais ao leste do país, as pessoas acham que é na capital, em Kiev, e que está tudo destruído.

— Gaza é assim — devastada pelos bombardeios — fugiu totalmente do que são as guerras no século XXI. É como a Segunda Guerra Mundial: tudo destruído.

O cessar-fogo era só conversa quando realizei a entrevista, mas como um bom “observador privilegiado de coisas que demoram um pouco mais para serem notadas”⁴. Sérgio já está pensando na possibilidade de visitar o local caso o cessar-fogo aconteça e a presença de jornalistas estrangeiros seja permitida na região. Ele está particularmente interessado porque já esteve na Cisjordânia, nas cidades de Jerusalém Oriental, Ramallah, Belém e Jericó.

— Mas e se eu te falar que fico menos tenso nesses lugares do que nas ruas de São Paulo, onde você não pode nem pegar um celular? *Cada um tem a sua guerra, e cada um se acostuma com a sua guerra*. Não é bem costume, se bem que acostumar faz parte. Mas são situações que eu tenho experiência — o que também é perigoso, porque você se acha muito foda, que entende de tudo e que nada vai acontecer contigo — mas é importante sentir medo. O que não pode é sentir pavor, o que pode atrapalhar a sua segurança, mas um bocado de medo é bom sentir, para ficar mais atento.

Os cursos de preparação e de segurança que alguns jornalistas e fotoperiodistas fazem ajudam, mas não são o suficiente; a realidade é a melhor preparadora para enfrentar essas situações. Apesar de não ter planejado cobrir conflitos armados, Sérgio entende que acabou se especializando nessa área (“Nem sei se sou tão especializado assim”, disse o repórter que foi umas 5 vezes para a Ucrânia, cobriu a Guerra Civil da Síria e as batalhas contra o Estado Islâmico no Iraque).

— A minha primeira cobertura eu ainda não era correspondente, trabalhava em São Paulo. Foi justamente a primeira Guerra de Israel com Hamas, em 2008. Depois a crise de refugiados na fronteira da Turquia com a Síria. Também acabei cobrindo a Batalha de Kobane, na fronteira da Síria com a Turquia, naquele contexto de surgimento do Estado Islâmico, e depois uma batalha final, em Mossul, no Iraque. E na Ucrânia, a

4 Ulf Hannerz citado por Carlos Eduardo Lins da Silva, no livro *Correspondente Internacional*, 2011, p. 174.

tomada da Crimeia em 2014, que não era uma guerra clássica, mas uma operação militar, e a tomada de Donetsk.

Em dezembro de 2008, o Hamas não renovou um acordo de cessar-fogo com Israel por considerar que o país não havia cumprido sua parte do tratado, e lançou foguetes contra o território. As Forças de Defesa de Israel responderam ao ataque com uma operação que ficou conhecida como “Operação Chumbo Fundido”, que se estendeu até janeiro do ano seguinte. Segundo a Autoridade Nacional Palestina e a ONG B’Tselem, entre 1.300 e 1.400 palestinos foram mortos.

A guerra civil na Síria deslocou mais de 6 milhões de refugiados, e o país que mais recebeu sírios, cerca de 3 milhões, foi a Turquia. Uma das principais batalhas desta guerra foi em Kobane, uma cidade curda na fronteira entre os dois países, ao norte da província de Aleppo. Entre setembro de 2014 e janeiro de 2015, os militantes do Estado Islâmico invadiram a cidade e travaram uma guerra com as milícias curdas da região e com o Exército Livre Sírio. O conflito se intensificou em outubro a ponto do Peshmerga, exército curdo iraquiano, atravessar a Turquia para ajudar os sírios a libertar Kobane, o que só aconteceu no mês de junho.

Do outro lado da fronteira, a cidade de Mossul foi o último reduto do Estado Islâmico no Iraque, e palco de uma batalha para expulsar os militantes do país. O SBT enviou, em maio de 2017, repórteres para cobrir o conflito, entre eles Sérgio Utsch. Mossul fica no norte do Iraque, a 80 km de Erbil, capital do Curdistão iraquiano. Em seis meses de batalha, mais de 10 mil pessoas morreram e 500 mil foram deslocadas. Sérgio esteve na linha de frente dessa batalha e cometeu um erro durante a cobertura: deixou o equipamento de segurança no carro. Por sorte, não aconteceu nada com ele nem com o cinegrafista que o acompanhava.

A Crimeia era uma república autônoma da Ucrânia que foi tomada pelos russos em março de 2016 após a deposição do presidente ucraniano pró-Rússia Viktor Yanukovich. Em março, um referendo aprovou a anexação da península pela Rússia, mas a comunidade internacional e a ONU definiram o ato como ilegal e classificaram a Crimeia como território sob ocupação. Por outro lado, a Rússia argumenta que tem fortes laços históricos e culturais com a região, cuja população é majoritariamente de origem russa.

Também em 2014, as províncias Donetsk e Luhansk, na região de Donbass, foram palco de manifestações separatistas pró-Rússia.

Historicamente, o leste do país sempre acenou para o governo russo, e as manifestações deram lugar a um conflito armado entre os separatistas e o governo ucraniano que culminou na declaração das Repúblicas Autônomas de Donetsk e de Luhansk, reconhecidas pela Rússia, mas não pela Ucrânia. A atual guerra na Ucrânia é uma continuação, um desdobramento, desse conflito/operação militar em Donbass.

Ucrânia. Chegamos onde eu queria. Eu conheci o trabalho do Sérgio por causa de um documentário que ele mesmo gravou chamado “Ucrânia - Arquivos de Guerra”⁵, lançado dia 24 de fevereiro de 2023, marcando um ano de guerra. O documentário tem quatro partes: Momentos iniciais do conflito; Tensão, sirenes e milícias tomam Kiev após invasão; Embaixada do Brasil queima documentos e sai de Kiev; Desespero marca fuga de ucranianos do país. Esse documentário só foi possível porque Sérgio insistiu com a equipe do SBT para permanecer na Ucrânia, e porque ele tem o hábito de gravar qualquer coisa em vídeo.

Em fevereiro de 2022, o clima Ucrânia&OTAN versus Rússia já estava pra lá de tenso, e o então presidente Jair Bolsonaro fazia uma visita de Estado a Vladimir Putin. Por isso, vários jornalistas brasileiros estavam na Ucrânia, ou em países vizinhos, fazendo a cobertura desse encontro. As tensões na fronteira sudoeste da Rússia não foram mencionadas pelo brasileiro, apenas temas como energia, agricultura e exportações. Carlos França, então Ministro do Itamaraty, e Walter Braga Neto, então Ministro da Defesa, acompanharam Bolsonaro na Rússia.

— O fato de eu estar lá naquele fevereiro de 2022, de ter sido um dos únicos jornalistas que permaneceram ali depois da invasão russa, por que vários deixaram Kiev, e eu entendo porquê, mas naquele momento a experiência contou para eu tomar a decisão de ficar. Fiquei mais uma semana e pouco em Kiev, até o momento em que houve um consenso de que os russos chegariam no centro da cidade em poucos dias.

Pergunto ao Sérgio por que ele gravou toda aquela tensão, por que ele não voltou imediatamente para a Inglaterra, por que ficou na Ucrânia, correndo perigo. Eu já imaginava a resposta.

— Porque eu tinha certeza absoluta de que aquilo era História acontecendo, sabe? Estava muito claro para mim que aquilo era um evento histórico que mudaria completamente o contexto geopolítico da época. E a experiência ajuda, a gente tem essa visão — A experiência é aquela

⁵ Disponível em: <https://youtu.be/SS6hLG4smf0?si=qbHzUgtr6Rxe0PGS>

vozinha que disse: fique aí até o circo pegar fogo — Então eu saí gravando, eu sempre gravei muita coisa. Ainda mais nesses lugares — que não passam mais de uma década sem conflitos armados.

— Isso não pode ser uma matéria de 2 minutos na TV. Isso tem que ser um documentário, porque isso precisa de contexto.

Em 2024, Sérgio fez três viagens à Ucrânia, uma delas especialmente para entrevistar o presidente Volodymyr Zelenski. Mais três jornalistas estavam com ele: Américo Martins, correspondente da *CNN* em Londres, Walter Porto, editor de Livros e colunista da *Folha de S.Paulo*, e o fotojornalista Francisco Proner.

— Três colegas, uma turma ótima, aliás.

Em tempos de guerra, é interessante para o Estado invadido, a Ucrânia, falar com a mídia internacional, afinal, o governo busca aliados políticos e econômicos para enfrentar seu invasor. E essa viagem do Sérgio aconteceu neste contexto: com os contatos certos e um convite de uma “fundação ucraniana com muita abertura no governo”, os quatro jornalistas encararam muitas etapas de segurança até se encontrarem com o governante ucraniano.

Outro fator que colaborou com o acontecimento da entrevista foi o fato da Ucrânia perceber que a América Latina poderia ser uma aliada de sua causa. Sérgio mencionou um ponto importante da cobertura de guerra, embora ele mesmo não se considere um correspondente de guerra: é preciso muito cuidado para o jornalista não se tornar um porta-voz do governo que foi cobrir. Apesar de haver um consenso de que a Ucrânia foi invadida pela Rússia, o que é uma violação da soberania de um Estado independente, a Ucrânia tem sua parcela de participação na confusão que culminou na guerra.

Essa afirmação é polêmica. No contexto da Guerra em Donbass e das manifestações pró-Rússia, Vladimir Putin reforçou a presença de tropas na fronteira com a Ucrânia. Um dos motivos foi o fato da Ucrânia negociar sua entrada na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma aliança de países pró-EUA que se protegem e se apoiam desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Territorialmente falando, os países fronteiriços à Rússia estão sujeitos à área de influência do país, e não deveriam fazer parte de uma associação como a OTAN. Mas a Ucrânia, que sempre teve uma relação complicada com o vizinho, inventou de entrar na OTAN para se proteger. Eu sei que isso vai soar pró-Rússia, mas Putin deu sinais de que invadiria o território ucraniano

caso essa história continuasse. Dito e feito. O governo russo iniciou uma “operação militar especial” para impedir, de acordo com a BBC, “a expansão da OTAN pelo Leste Europeu e a possibilidade de adesão da Ucrânia à aliança”. Do início do conflito até a posse de Donald Trump em janeiro de 2025, os Estados Unidos foram os maiores apoiadores financeiros e militares da Ucrânia.

Os países em guerra têm instrumentos de censura para informações que eles consideram de segurança nacional e estratégicas. Se o jornalista divulgar esse tipo de informação, pode perder a credencial e até ser expulso do país. Infelizmente, isso quer dizer que algumas informações importantes não são divulgadas para o público, e cabe ao jornalista avaliar se a omissão de um dado ameaça a veracidade da informação. Para Sérgio, é preciso ter muito “jogo de cintura para saber até onde se vai com a divulgação de informações, como isso pode te comprometer e qual é a sua relação com o governo”.

— A cobertura de conflito que eu acho mais importante fazer, além da diplomacia e das questões militares, é a questão humana, os civis prejudicados pelo conflito. Eu tento não perder esse rumo, porque acho que essas histórias são importantes de serem contadas.

Quando um jornalista faz uma cobertura de guerra, é preciso entender o jogo que está jogando. E não são apenas questões geopolíticas, quem são os aliados, os inimigos, os terroristas, é preciso entender um pouco da História dos envolvidos. Inclusive, esse jogo dificulta o contato com fontes oficiais, porque é preciso considerar o interesse geopolítico de um governo, uma instituição ou de um político de conversar com um jornalista, ainda mais um jornalista brasileiro.

— Israel, por exemplo, levou algumas equipes para Gaza que só podiam entrar com o exército e só podiam ver o que os israelenses mostravam. Você não podia sequer conversar com os palestinos. E quais foram as TVs escolhidas para isso? As de países cujo apoio interessava a Israel: Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, além das TVs israelenses. E tudo isso faz parte de um jogo.

Eu reparo que Sérgio está resfriado, mas isso não o impediu de trabalhar nem de me conceder esta entrevista. Ainda assim, ele está mais empolgado, o gelo de uma videoconferência com uma desconhecida foi quebrado e ele está contando histórias, mais do que simplesmente respondendo às minhas perguntas.

Sua família mora no Brasil, seus pais vivem no interior de Minas Ge-

rais, e Sérgio mora sozinho na Inglaterra. Ele é o único jornalista do *SBT* lá.

— O escritório do *SBT* em Londres fica entre a minha cozinha e o meu jardim. Trabalho em casa, com uma estrutura mínima, e quando preciso, contrato outros profissionais para trabalhar comigo. Trabalhei com gente de várias nacionalidades.

Obviamente, depois de 15 anos em Londres, ele tem contato com outros correspondentes, mas tenho a impressão de que ele não vai me contar muito sobre essas relações, talvez por respeito à privacidade ou simplesmente por ser um homem reservado.

— Olha, eu nunca senti rivalidade. Até porque não tenho a necessidade de concorrer com ninguém. Cada um tem seus pontos fortes e fracos. Quando pedi ajuda, recebi, e quando me pediram ajuda, eu ajudei.

Mas tem questões mais complicadas para o correspondente do que entrevistar fontes oficiais em outro idioma, que é a burocracia de morar fora. Vistos, passaportes, cidadanias, logística de viagens, passagens.

— Às vezes, sou 80% resolvidor de problemas e 20% jornalista.

Para Sérgio, há muitas formas de definir o que é ser correspondente. Mas ele interrompe nossa entrevista por alguns instantes para lidar com seu editor, que está no Brasil, cobrando um *off* que ele tem certeza que enviou. Talvez, ser correspondente nesse esquema de home office também signifique lidar com a distância da redação, com o fuso horário e com problemas técnicos.

— Eu acho que ser correspondente hoje é trazer informação e contexto. E para mim é muito claro que essas duas coisas têm o mesmo valor. Tão importante quando você dar o *lead* de uma notícia, é você trazer o contexto dessa notícia. Ainda mais em notícias internacionais, pelo simples fato de que a maior parte dos brasileiros não está familiarizada com as estruturas de como funciona o mundo.

Ele exemplifica a falta de familiaridade com uma conversa que teve com uma pessoa que demonstrou choque ao saber que o Irã faz parte da Organização das Nações Unidas (ONU). E esse simples episódio reforça a convicção de Sérgio de que o jornalismo precisa explicar mais as coisas, precisa trazer contexto. Não adianta o jornalista falar de Olaf Scholz e Friedrich Merz como se o público soubesse de quem se trata (atual chanceler da Alemanha, ou chefe de governo; e líder da aliança conservadora de oposição, formada pelos partidos União Democrata Cristã e União Social Cristã, que provavelmente será o próximo chanceler do país).

E tão importante quanto contextualizar as informações e acontecimen-

tos, é contrapor narrativas rivais. Sérgio exemplifica esse dilema com a Guerra entre Israel e Hamas. De um lado, o grupo armado Hamas, que não é considerado terrorista por vários países, luta em nome da liberdade e autonomia palestina. De outro lado, o exército israelense defende o povo judeu e sustenta uma narrativa de limpeza étnica, exclusão e violência muito recente, que foi o Holocausto. Mas os palestinos, de Gaza e da Cisjordânia, também sofrem violência, exclusão e limpeza étnica por parte de Israel; então há vários pontos de vista que o correspondente precisa considerar.

— Daí a importância de você saber o contexto, de ter essa experiência em lidar com figuras do governo e não fazer propaganda para um dos lados, não ceder à pressão de uma narrativa.

Ser correspondente também é se sentir pressionado; se sensibilizar com a situação das vítimas; quase se deixar levar pelo medo; fazer piquenique com os membros do Talibã e ouvir o que eles têm para contar; empreender muitos recursos para uma cobertura que virou uma entrada ao vivo de 30 segundos; dizer para a mãe, ao vivo, que está bem e que volta pra casa no próximo fim de semana; alugar carros no leste europeu; quebrar o pé para perceber que é hora de desacelerar; não estar preparado e ir mesmo assim; ler muitos jornais e acessar muitas agências para enviar “um cardápio de notícias para o meu editor”; ignorar medidas de segurança e só perceber o risco que correu depois; e se meter em saias justas com os *fixers*.

— O *fixer* é a figura mais importante na cobertura de um conflito. Às vezes, mais importante que o repórter em si. É um local, que fala língua local, e vai ser seu motorista, tradutor, guia, produtor e contato com fontes. Em Israel, eu não estava tão preparado para lidar com a situação como estou agora. É preciso estar tranquilo para resistir à pressão, e saber ler as pessoas e entender que o que falam está relacionado com as suas posições.

Para Sérgio, há uma vantagem em ser brasileiro: a nossa capacidade absurda de conversar com todo mundo e de absorver um pouquinho de cada cultura que conhecemos. Esse privilégio deixou o correspondente numa posição confortável para entender e lidar com as pessoas, para chegar em um local e não fazer julgamentos imediatos e, principalmente, “não medir a cultura dos outros com a minha régua”.

— Há muitas coisas com as quais eu discordo. O Afeganistão, por exemplo. Como não discordar do extremismo do Talibã? Da política horrível com as mulheres, da pena de morte? Mas quando você se senta,

como eu me senti, para conversar com vários talibãs, você vê que tem uma história por trás que desafia a imagem clássica do grupo. E é preciso ter coragem para reportar isso, por mais contraditório que seja.

Mudo um pouco o assunto para tecnologia. Sem dúvida, os avanços dos últimos dez anos, que incluem entrar ao vivo com um celular e um fone *bluetooth*, deram mais agilidade ao correspondente. Mas para Sérgio, a tecnologia trouxe para as coberturas, através da rede social, um grupo de pessoas que não são jornalistas, e que, portanto, não tem um compromisso tão claro com a informação precisa e ética quanto os jornalistas profissionais têm. Além disso, a proposta de criar conteúdo para promover o próprio canal ou página não é exatamente jornalismo, porque:

— O jornalista tem muito claro as regras que precisa seguir, de apuração, investigação, verificação e ética.

Pense rápido!

No fim dessa entrevista, começo a correr com as perguntas e amarrar as pontas soltas. Se cometi um erro durante o processo, foi o de interromper as respostas do meu entrevistado para dar conta de todas as perguntas. Porque ao deixar ele falar livremente, descubro que ele faz terapia, gosta de passear por Londres, tomar café e encontrar os amigos para uma cervejinha. Para terminar, faço um ping-pong.

Qual foi a melhor cobertura? Ucrânia, pelo todo.

E a pior? *Uma final de Champions League que eu fui para a Alemanha, fiquei dois dias para fazer uma entrada de 30 segundos ao vivo, gastando uma grana absurda para fazer uma bobagem.*

Correspondência Internacional em uma palavra. *Contador de histórias e contextualizador.*

Um livro. *The Secret Life of War: Journeys Through Modern Conflict*, do Peter Beaumont.

Um filme. *Marte 1*.

Um país. *Nossa. Em quantos países já estive. 82. Afeganistão, muito interessante.*

Uma cidade. *Londres. Ou Berlim.*

O pior conselho? *Foi para jogar o jogo sem questionar.*

E você seguiu esse conselho? *Nunca.*

E o melhor conselho? *Aqueles que tem a ver com segurança, recebi de vários amigos em lugares difíceis como Israel e Ucrânia.*

Um sonho. *Quero terminar um projeto que estou fazendo, e continuar contando histórias enquanto tiver forças para isso.*

Pior entrevista? *Uma das piores foi com Sergei Lavrov, Ministro das Relações Exteriores da Rússia, fiz uma pergunta estúpida.*

Melhor entrevista. *Essa última com o Zelensky foi uma boa entrevista.*

Situação mais perigosa. *Mossul, no Iraque, quando estava na linha de tiro do Estado Islâmico (sem o equipamento de segurança, que ficou no carro estacionado a quilômetros de distância).*

Qual evento você gostaria de ter feito a cobertura? *Aquela negociação brasileira e turca do acordo nuclear do Irã, em 2010. Foi um dos jogos diplomáticos mais ousados da história da diplomacia brasileira.*

Do que você tem medo? *Eu tenho medo de várias coisas. Sou gente também. Tenho medo de cobra.*

Você se considera famoso? *Não considero, não jogo esse jogo, não pretendo ser personalidade, nem influencer, nem nada disso. Eu sei que eu tenho uma responsabilidade, e uma visibilidade, maior do que a média, porque eu trabalho em televisão, mas não me acho famoso, tenho preguiça dessa coisa de famoso.*

Você é otimista ou pessimista em relação ao futuro da profissão? *Nossa. Sou otimista, acho que sempre vai ter gente para exercer jornalismo de verdade.*

Um erro. *Não levar devidamente a sério questões de segurança em áreas de conflito, e não ter medo o suficiente.*

Um acerto. *Tentar entender as pessoas sem um pré-julgamento, isso me ajuda muito.*

Está satisfeito com seu salário? *Não posso reclamar.*

Já tinha pensado em ser correspondente de guerra? *Olha, não me considero correspondente de guerra porque não faço só isso, embora 80% do meu trabalho tenha sido isso. Mas é uma área na qual acabei me especializando, teve uma dedicação da minha parte acima da média.*

Recomendações. *Você conhece o Yan? Boechat? Exato. Sim (e um mês depois, eu o entrevistei). O Yan faz fotos maravilhosas, é um cara que viajou muito mais do que eu, inclusive. Ele se dedica basicamente a isso porque ele é freela.*

E jornais para ler? *El País, Guardian, The Times.*

Jornalistas que eu devo acompanhar. *Christina Lamb, chefe de correspondência internacional do The Times, de Londres. Felipe Dana, foto-*

jornalista da Associated Press.

Muito bom. Obrigada, Sérgio.

E a entrevista estava concluída. Quando Sérgio saiu da videoconferência depois de uma hora, e ele disse que tinha uns “40 minutos, por aí”, eu estava eufórica. Ele falou o que eu esperava que falasse e muito mais. Pensei em já começar a escrever este perfil, com tudo fresco, mas a agitação era demais e não consegui. O que não foi um problema. Na verdade, era pretexto para assistir minha entrevista com Sérgio Utsch, correspondente do SBT em Londres.

Uma hora e 40 minutos antes da entrevista, eu liguei este computador no qual escrevo, e a seguinte notificação surgiu na tela: Atualização do sistema disponível. Não desligue o computador. 0% de 100% concluído. Desespero.

Implorei à máquina que voltasse para mim. Forcei o desligamento e liguei de novo.

Faltava uma hora. Pensei em desculpas para justificar o cancelamento da entrevista. Pensei em ligar para minha mãe. 40 minutos.

Eu tinha então quatro possibilidades: remarcar a entrevista, esperar o computador voltar a funcionar, emprestar o *notebook* da minha colega de apartamento, Carolina, ou correr para o estúdio e usar o computador de lá. Com uma tempestade a caminho, sair de casa não era uma opção, muito menos remarcar.

“Carol?”. Eu expliquei a situação, e Carolina mais que depressa me entregou computador, *webcam*, *ring light* e carregadores. 22 minutos. “Trabalhando em atualizações. 100% concluído. Não desligue seu computador”. “Limando. 0% concluído. Não desligue seu computador”.

A 10 minutos da entrevista, peguei o *notebook* emprestado, abri o aplicativo e esperei. Deu tudo certo. Mas meu computador só voltou a funcionar 4 horas depois.

Referências

1. Entrevista com Zelensky disponível no link:
https://youtu.be/kMheibxZNCA?si=1_uo5HZXu1iGr2QH.
2. Prateleira de Cima #26, do dia 25 de novembro de 2024
https://www.youtube.com/live/3Wsm1Sv231M?si=1FK_nbHLDpwUWyBV
3. Ucrânia
 - a. Documentário completo
<https://youtu.be/SS6hLG4smf0?si=pv9KDzv1oBh2DdtZ>
 - b. Episódio 1 <https://www.youtube.com/watch?v=rCVYICPUZTw>
 - c. Episódio 2 <https://www.youtube.com/watch?v=XEn2h3wqzA4>
 - d. Episódio 3 https://www.youtube.com/watch?v=_KlhaFo-7l8
 - e. Episódio 4 <https://www.youtube.com/watch?v=bR7RoF4Ff7Q>
4. Operação Chumbo Fundido
 - a. https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Chumbo_Fundido
5. Batalha em Kobane
 - a. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/10/batalha-pelo-controle-da-cidade-curda-de-kobane-segue-na-siria.html>
 - b. <https://youtu.be/KiCn7bIVzGY?si=1MJJhBreLxkEbJ69>
6. Rússia e Ucrânia
 - a. <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-importancia-estrategica-crimea.htm#:~:text=A%20quest%C3%A3o%20atual%20da%20Crimeia,conflitos%20de%20Danfur%2C%20no%20Sud%C3%A3o?>
 - b. https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_da_Crimea_de_2014#:~:text=Crise%20da%20Crimeia%20de%202014%20foi%20uma%20crise%20pol%C3%ADtica%20institucional,presidente%20Viktor%20Yanukovich%20foi%20deposto.
 - c. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_em_Donbas_\(2022%E2%80%93presente\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_em_Donbas_(2022%E2%80%93presente))
 - d. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_em_Donbas\(2014%E2%80%932022\)#:~:text=Em%20abril%20de%202014%2C%20a,militar%20e%20econ%C3%B4mico%20da%20R%C3%BAssia.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_em_Donbas(2014%E2%80%932022)#:~:text=Em%20abril%20de%202014%2C%20a,militar%20e%20econ%C3%B4mico%20da%20R%C3%BAssia.)
 - e. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60606340>



Ariel Palacios em seu escritório em Buenos Aires
Arquivo pessoal

A banda de um homem só

Ariel Palacios - entrevista concedida em 1º de fevereiro de 2025

— Que ano terrível este 2020. Agora o falecimento de Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido mundialmente como Quino, o pai da Mafalda, criada nos anos 1960, que se tornou o desenho latinoamericano mais conhecido em todo o planeta. Um desenho que foi publicado entre os anos 1964 e 1973. Em 1973, Quino disse que já não tinha mais o que desenhar sobre a Mafalda. Mas a gente vê aquelas tirinhas e continuam sendo totalmente válidas ainda hoje. O Julio Cortázar, numa entrevista, isso mais ou menos em 1974, se não me engano, perguntaram para esse outro grande escritor argentino o que ele achava da Mafalda, e Cortázar respondeu “O que eu penso da Mafalda? Isso não importa! O importante é o que a Mafalda pensa de mim!”.¹

Foi assim que Ariel Palacios, com um sorriso triste, comentou a morte do mais famoso cartunista argentino, em uma de suas entradas no Jornal da *Globo News*, em setembro de 2020. Quino faleceu no dia 30, aos 88 anos, devido às complicações de um Acidente Cerebral Vascular (AVC). Nas décadas de 1960 e 1970, publicou as tirinhas da Mafalda em jornais argentinos, espanhóis, portugueses e italianos. É quase um consenso: sabemos quem é a Mafalda, menina baixinha, gordinha e cabe-luda, de língua afiada e crítica mordaz, que em três ou quatro quadrinhos deixa a política internacional no chinelo.

No programa *Entrevista com Bial*, do dia 7 de maio de 2024, o apresentador e ex-correspondente comentou essa entrada ao vivo:

— É bonito porque é uma emoção que te toma de repente, né?

— Sim, porque o Quino fez parte da minha infância. Eu entrevistei o Quino uma vez, encontrei com ele em algumas ocasiões; ele era muito tímido. Encontrei com ele comprando presunto e queijo, por exemplo. É alguém da minha infância, e não só da infância, porque continuo lendo Mafalda até hoje, então me pegou. Eu sabia de cor todas as tirinhas. Quando era criança e meus pais recebiam convidados para jantar, sentávamos à mesa e eu dizia: eu queria contar umas piadinhas da Mafalda. Tinha sete ou oito anos. Coitados dos convidados, lembra Ariel.

¹ <https://g1.globo.com/pop-arte/video/ariel-palacios-se-emociona-ao-falar-da-morte-de-quino-criador-da-mafalda-8900439.ghtml>

Para Pedro Bial, Ariel tem uma evidente vocação cosmopolita, “um cidadão do mundo em pessoa”. E Ariel responde que sua inspiração é o próprio Pedro, e relembra a cobertura do fim da União Soviética em 1991, quando Bial, às margens do Rio Moscou, disse *“estou moído, minha cabeça e meu corpo estão exaustos, mas meus olhos não se cansam de ver a História”*.

— Eu pensei *“Claro. O jornalismo é cobrir a história do dia a dia”*
— *ele para, emocionado* — *“então eu vou ser correspondente internacional, porque é uma forma de cobrir a História”*.

Bial responde:

— Então eu sou o responsável por essa carreira linda e histórica!

É claro que além da inspiração, há muito trabalho duro, experiências e livros. Ariel Palacios é um jornalista argentino com alma brasileira, correspondente internacional do canal *Globo News*, e colunista da rádio *CBN* e do canal *SporTV*, que mora em Buenos Aires desde 1995. Ele parece um personagem: o sotaque espanhol sobre o português brasileiro, a camisa com colete, gravata e abotoaduras, o rosto sério e expressivo, o cabelo e a barba grisalhos, o espírito jovial e o bom humor, e uma quantidade absurda de curiosidades históricas. Essas características fazem de Ariel uma figurinha dourada do álbum de correspondentes brasileiros.

O começo

Ariel nasceu em Buenos Aires, no dia 23 de maio de 1966, filho de um engenheiro e de uma economista. Em 1964, seu pai veio para o Brasil fazer uma obra e ficou fascinado com o país do futuro. “Temos que mudar para lá”. E como a Argentina começava a enfrentar crises políticas e econômicas, a mãe de Ariel topou. Ela engravidou algum tempo depois e voltou para a capital portenha para dar à luz.

— Porque do lado da minha mãe, há toda uma dinastia de obstetras. A minha bisavó foi da primeira turma de obstetras da América Latina (década de 1920). Por isso, inclusive, que eu tenho aqui na estante os espelhos que ela usava, é o orgulho da família.

No Brasil, a família se estabeleceu em Londrina, no Norte do Estado do Paraná, onde Ariel cresceu, estudou e se formou em Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 1987. Começou como freelancer no *Jornal de Londrina*, e depois foi tentar a vida em Curitiba. “De Curitiba fui para Madrid, de Madrid voltei para Curitiba, e de lá eu

vim para Buenos Aires”.

Em Madri, fez parte da sétima turma do *Máster de Periodismo* do jornal *El País* em parceria com a *Universidad Autónoma de Madrid*, o equivalente a um curso Foca do *Estadão* ou *Trainee* da *Folha de S. Paulo*. Ele e um colega foram os primeiros brasileiros a fazer o curso. De volta ao Paraná, trabalhou como *freela* cobrindo cultura e política internacional.

— Naquela época, a *Folha de Londrina* era um dos principais jornais do interior do Brasil, e o jornal tinha três, quatro páginas de notícias internacionais. Às vezes páginas inteiras com análise, né? E eu comecei a escrever sobre política internacional nessas páginas enormes que eram de maior tamanho do que são hoje.

Ariel trabalhava como *freelancer* fixo na sucursal da *Folha de Londrina* em Curitiba. O plano era fazer um pé de meia e ir para São Paulo buscar trabalho tranquilamente. Mas numa mudança de planos, foi passar as férias em Buenos Aires e reencontrou o correspondente do *El País*, Juan Jesús Aznárez, que conheceu em Madri, e o colega sugeriu que ele ficasse na Argentina.

— “Por que você não se instala aqui?”, ele disse. Em Buenos Aires, quase não existiam correspondentes brasileiros. Em 1995, só tinha dois. Da *Folha de S. Paulo*, que tinha acabado de chegar, e da *Gazeta Mercantil*, que era um jornal econômico fenomenal da época, de várias décadas de existência que depois, infelizmente, acabou.

Ariel fala muito. E eu deixei ele falar.

— Aí comecei a ligar para vários jornais, e o *Estadão* falou: “Olha, não temos ninguém em Buenos Aires no momento, você vai mesmo?”. E eu falei: “Sim, eu vou”. “Então quando você chegar e se instalar, a gente conversa”, me disseram. Tudo assim muito genérico, nada garantido. Então eu vim na loucura, comecei a escrever para o *Estadão*, e um ano depois, me ligaram da *CBN*. “Ah, vimos as tuas matérias no *Estadão*, gostaríamos que você trabalhasse para a gente”, e comecei a trabalhar para a *CBN*. Uns poucos meses depois, a *Globo News* ia ser inaugurada, e me ligaram: “Vimos as tuas matérias no *Estadão*, e ouvimos você na *CBN*, gostamos da tua voz. O que você acha de trabalhar para a gente? Estamos inaugurando o canal de notícias da *Globo*”. E aí comecei a trabalhar para eles. Eu trabalho na *Globo News* desde a primeira semana de existência. Na época não era nem por câmera, era por telefone.

Então só para recapitular, de umas férias em Buenos Aires em 1995, Ariel passou a correspondente do *Estadão*, da *CBN* e da *Globo*, em 1996.

Pouca coisa, né?

Testemunha da História

A Argentina é um universo paralelo de coisas “*cringe*, bizarras, esdrúxulas” e *sui generis*,² como o jornalista define a História da América Latina no subtítulo do seu último livro publicado, *América Latina lado B: o cringe, o bizarro e o esdrúxulo de presidentes, ditadores e monarcas dos vizinhos do Brasil*. E Ariel cruzou a fronteira justamente quando um escândalo político se desenrolava no país: o então presidente argentino Carlos Menem era acusado de vender armas ilegalmente ao Equador e à Croácia. Como se não bastasse, uma fábrica militar explodiu em Rio Tercero, uma cidade na província de Córdoba, espalhando estilhaços e causando a evacuação de 60 mil pessoas e a destruição dos arredores da fábrica.

Em 1991, o presidente Menem e alguns ministros e assessores autorizaram a venda de armas ao Panamá e à Venezuela, mas nenhum dos dois países recebeu a compra. As armas que iam para a Venezuela foram parar na Croácia, envolvida na Guerra da Ex-Iugoslávia e sob embargo de armas da Organização das Nações Unidas (ONU). E aquelas que iam para o Panamá foram parar no Equador, em guerra com o Peru pela Cordilheira do Condor. E mais: a Argentina fazia parte da missão de paz da ONU para a Iugoslávia e era avalista do tratado de paz entre Equador e Peru. Você entende a confusão, leitor? O governo argentino forneceu armamento para dois conflitos que deveria estar ajudando a resolver!

Então, em 1994, a Argentina enviou armas do próprio exército, erro que escancarou o escândalo, porque os equatorianos receberam peças defeituosas, reclamaram publicamente e ameaçaram processar o país. Para ocultar a escassez das armas que estavam no Equador, mandaram explodir a fábrica em Rio Tercero³. Com tudo destruído, era impossível verificar o arsenal.

Uma das coberturas que marcou a memória do correspondente foram as manifestações contra o então presidente paraguaio Raúl Cubas Grau, em 1999, após o assassinato do vice-presidente Luís Aragaña.

Assim como seus vizinhos, o Paraguai também enfrentou crises po-

² Definição: sem semelhança com nenhum outro, único no seu gênero; original, peculiar, singular.

³ América Latina lado B: o cringe, o bizarro e o esdrúxulo de presidentes, ditadores e monarcas dos vizinhos do Brasil. Globo Livros, 2024, p. 114 e 115.

líticas. No fim dos anos 90, um general chamado Lino Oviedo foi impedido pelo então presidente Juan Carlos Wasmosy de concorrer às eleições presidenciais sob a justificativa de tentativa de golpe de Estado, e foi preso. Raúl Cubas Grau, que era candidato a vice de Oviedo, foi promovido a candidato à presidência, e como vice foi indicado Luís Maria Argaña, aliado de Wasmosy. Esses quatro sujeitos, rivais entre si, Oviedo & Cubas Grau versus Wasmosy & Argaña, faziam parte da mesma aliança política, Asociación Nacional Republicana-Partido Colorado (ANR-PC), e realizaram uma série de maracutaias durante o período eleitoral.

Quando Cubas Grau e Argaña venceram as eleições, em 1998, o presidente eleito anulou a condenação de Oviedo e o liberou da prisão. Em 1999, em meio a uma crise política, o vice Luís Maria Argaña foi assassinado (há várias versões sobre como ele morreu e quem mandou matá-lo), o que desencadeou manifestações populares pedindo a renúncia de Cubas Grau. O presidente renunciou ao cargo alguns dias depois, se exilou no Brasil e depois foi preso, acusado de assassinato. Oviedo se exilou na Argentina e depois no Brasil. Então foi preso e enviado de volta ao Paraguai, onde foi solto, concorreu às eleições presidenciais de 2013 e morreu no mesmo ano em um acidente de helicóptero.

Outro momento marcante aconteceu entre 2001 e 2003, com a crise política e econômica da Argentina, que levou à queda do presidente Fernando de la Rúa.

Fernando De la Rúa foi eleito presidente na Argentina em 1999 no meio de uma crise política e recessão econômica, para variar um pouco. O barco de De la Rúa afundou de vez quando descobriram um escândalo de propinas no Senado, seu vice renunciou, ele decretou um confisco bancário e depois renunciou. Entre o dia 20 de dezembro de 2001, dia da renúncia, e 2 de fevereiro de 2002, cinco homens ocuparam a cadeira presidencial, o último, Eduardo Duhalde, ficou um ano e meio no cargo. Só para fechar, entre 2001 e 2003, a Argentina teve catorze moedas paralelas (isso mesmo, outro dinheiro válido), além do peso argentino e do dólar americano, criadas pelas províncias numa tentativa mais do que desesperada de superar o colapso econômico daqueles anos.

Ariel também citou a morte do ex-ditador do Chile, Augusto Pinochet,

em 2006, a rebelião das forças policiais equatorianas contra o presidente Rafael Correa, em 2010, que rendeu um belo jantar, e no mesmo ano, o terremoto no Chile.

Rafael Correa assumiu a presidência do Equador em 2007, com guinadas ideológicas que aborreciam o governo e a população. Até que em setembro de 2010 policiais equatorianos se rebelaram contra uma redução salarial, e fecharam o parlamento e o aeroporto de Quito, a capital. Correa foi enfrentar os revoltados num dos quartéis amotinados, se machucou e foi levado para o hospital, pelos policiais, como refém. Depois de libertado, acusou os envolvidos de... tentativa de golpe de Estado! Mas no dia seguinte a vida voltou ao normal e o chanceler equatoriano da União das Nações Sul-americanas (Unasul), Ricardo Patiño, ofereceu um jantar para os seus colegas membros da união. A lista de convidados foi inédita e Ariel Palacios entrou de penetra no evento. Mais informações no fim do texto.

Ariel chegou no Chile no dia seguinte ao abalo sísmico de 8,8 graus na escala Richter, que aconteceu às 03h da madrugada do dia 27 de fevereiro de 2010, uma sexta-feira, e pegou uma “réplica quase tão forte do terremoto original, mais de sete pontos, e também um tsunami”. Ele foi cobrir o desastre para o *Estado de S. Paulo* acompanhado de dois colegas correspondentes, um da *Rádio Catalunya*, e outro do jornal *ABC* de Madri. Perguntei se ele sentiu medo:

— Não.... Medo, não. É uma coisa engraçada, né? Como as pessoas lidam com situações de perigo. Tem um jornalista americano fantástico, John Lee Anderson, que escreve para o *The New Yorker*, que foi correspondente de guerra no Afeganistão e no Iraque. E ele disse que fica com sono em situações de perigo, então começa a bocejar. Uma vez, no Iraque, foi detido por guardas que acharam que ele era um espião, e ele começou a bocejar. E os guardas olhavam assim “Esse cara não está com medo da gente? Se está tão tranquilo que está bocejando, então o cara com certeza não é espião”. Ele não era, mas nunca se sabe a paranoia dos militares, né? E aí deixaram ele ir embora. E tive algo mais ou menos parecido.

Antes do terremoto, Ariel passou um ano trabalhando “que nem um cavalo” cobrindo outra crise política na Argentina, e estava louco para tirar suas merecidas férias. O destino escolhido era a China, um lugar que

ele adora, e estava indo para lá pela segunda vez. Então veio a tragédia, com mais de 500 mortos e 12 mil feridos, e faltando uma semana para as férias, Ariel viajou para o Chile.

— No meu caso, havia esse agravante. Fui deitar numa sexta-feira e na madrugada de sábado, três da manhã, aconteceu o terremoto. No outro domingo, eu viajava para a China. Já tinha deixado arrumada a mala, porque eu odeio fazer as coisas em cima da hora. Odeio, odeio, odeio.

Então estava tudo pronto quando o Estadão o mandou para o Chile. Devido às avalanches e à destruição da infraestrutura, era difícil chegar ao local. O jornal até perguntou se ele poderia remarcar as passagens.

— Mais ou menos, né? É uma viagem cara. Então, se vocês pagarem o adiantamento do hotel, da passagem, da excursão, tudo isso, sim. Aí o jornal falou: “Não, não, não. Você estará de volta daqui uma semana. Fica tranquilo”. E acabei voltando no sábado, na véspera da viagem.

Contexto apresentado, posso explicar porque o argentino-brasileiro não sentiu medo durante a cobertura. Na verdade, quem vai explicar é ele.

— Não é porque eu seja irresponsável, fui preparado, porque você nunca sabe se tem um novo terremoto, não é? Eu sou muito consciente e precavido, mas cheguei lá e não havia energia elétrica, porque tinham caído todas as torres de energia, e não tinha internet. E estamos falando da internet de 2010. Eu falei: “Como é que eu vou mandar matéria para o *Estadão*?”. Aí, avisei minha mulher na época (Ariel é divorciado) por mensagem de texto, só havia mensagem de texto, nem telefone. Fui mandando para ela, que avisou o *Estadão*. E eu fui escrevendo a matéria em pedacinhos para ela reenviar por e-mail para o jornal, foi assim.

Quando qualquer pessoa se submete a uma situação de perigo extremo, ainda mais se for uma primeira vez, é normal que essa pessoa reaja de forma anormal, como bocejar o tempo todo ou não se sentir em perigo. No caso de Ariel, ele estava tão ansioso com a logística de sair do Chile e viajar para a China, e tão incomodado com a falta de infraestrutura para a cobertura, que não sobrou muito espaço para temer um novo terremoto.

— Exatamente um mês antes, teve o terremoto no Haiti, que arrasou o país. Mas a ONU já estava lá há anos, então quando chegaram os jornalistas para cobrir o desastre, eles ficaram trabalhando no quartel general da organização, que tinha internet. Quem cobriu o terremoto do Haiti, que foi muito pior, tinha melhores condições de trabalho do que quem chegou no Chile. Então eu escrevia as matérias, entrevistava as pes-

soas, via aquilo tudo, mas ao mesmo tempo pensava, não tem água para tomar banho, né? Minha barba já está coçando.

Apesar de toda a ansiedade e cansaço, Ariel conseguiu fazer uma boa cobertura, “escrevia a matéria perfeita, modéstia à parte”, mas muitos outros jornalistas estavam apavorados:

— Tinha gente que nunca tinha coberto um terremoto, também era minha primeira vez, mas quando viam cavalos partidos ao meio e barcos incrustados em prédios, por causa do tsunami, tinha gente que vomitava ou desmaiava. E eu ali pensando na China. Então não tive medo, não sei se foi um mecanismo psicológico.

Como ele mesmo disse, Ariel odeia odeia odeia fazer coisas em cima da hora, ainda mais se não conseguir se preparar para o que está por vir. Por isso, ele já deixa a cafeteira com água e pó de café pronta na noite anterior, para acordar e só apertar o botão de ligar. Quando essa entrevista aconteceu, o Equador estava a nove dias de realizar eleições presidenciais, e Ariel já estava estudando o cenário político do país. Inclusive, ele tem um obituário do Papa pronto para ser atualizado.

— No jornalismo, infelizmente, a gente faz as coisas em cima da hora. Mas o que eu já puder ter previamente pronto, perfeito.

Mudo de assunto para falar da sua rotina. Ariel faz *home office* e está sozinho em Buenos Aires, não há nenhum escritório da Globo no país. Quando aparece na televisão, está sempre bem vestido e no mesmo cenário: uma estante de madeira escura, que ocupa toda a parede, abarrotada de livros, cacarecos, espelhos, bonequinhos e *souvenirs* de viagem. Nenhum escritório seria mais *aesthetic* (estético, charmoso) do que essa estante invejável.

Muitos assuntos e pautas são sugestões do próprio correspondente, e ele diz não ter discordâncias com os editores de jornalismo. Pergunto se é mais difícil fazer reportagens fora do país, se bem que Ariel está, teoricamente, no seu país. Ele diz que a dificuldade é relativa. No Uruguai “a internet é espetacular até na zona rural”, já na Argentina, se você estiver no meio de uma manifestação, o sinal oscila.

— Se você vai cobrir uma manifestação, e todo mundo está mandando mensagem, entrando nas redes sociais, o sinal cai muito, porque tem muita gente na área usando. Aqui, as manifestações são grandes, no Brasil são pequenas comparadas com a Argentina.

Com uns 20 minutos de conversa, Ariel pede perdão e me diz para “aguentar na linha” só um minutinho, enquanto ele resolve uma coisa.

Ele tinha me avisado que talvez precisasse interromper a entrevista para resolver questões profissionais e pessoais, como responder sua irmã, que mora em Curitiba, sua namorada, ou sua filha, que também mora em Buenos Aires. Ele resmunga algumas coisas enquanto digita freneticamente no teclado, e eu tenho tempo de reparar nele e no cenário.

Ariel é branco, tem 58 anos e olhos castanhos claros muito expressivos. O cabelo é grisalho, assim como a barba, com um corte estilo *Peaky Blinders*⁴, raspado dos lados, cheio em cima, talvez modelado com gel ou outro produto. Ele não veste camisa, colete, gravata e abotoaduras, muito pelo contrário, uma camiseta preta de mangas curtas. Nas orelhas, fones sem fio.

Atrás dele, na estante, tem dois bonequinhos dele mesmo, uma miniatura da Mafalda e outra do *Lumière*, o candelabro falante do filme *A Bela e a Fera*. Exatamente acima da cabeça de Ariel tem um quadro, escrito “Careless talks cost lives” (conversas descuidadas custam vidas). Uma breve pesquisa esclarece que o quadro é um pôster de propaganda britânico, utilizado na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), para alertar a população sobre o perigo de falar sobre determinados assuntos em público.

De volta à entrevista, Ariel conta que tentou dividir um escritório fora de casa.

— Eu tenho essa colega, uma jornalista brasileira, que uma vez, há muitos anos, disse: “Ei, Ariel, por que a gente não divide um escritório? Eu não consigo trabalhar em casa”. Eu falei que, para mim, era perfeito trabalhar de casa, ficaria muito caro dividir um escritório. Para a amiga, funcionou por três meses.

Além do aluguel, havia o custo do deslocamento e de almoçar fora. Mas isso nem é o pior. Depois de terminar a matéria e enviar para o jornal, sua amiga fechava o escritório e ia embora. E no meio do caminho, os editores ligavam e diziam “precisamos de uma nova versão”. Então havia a dúvida: termino em casa ou volto para o escritório? Com o tempo, a jornalista percebeu que era inviável.

— Como correspondente, você está 24 horas disponível, e ter que se deslocar de um lugar para outro, assim, é impossível, a não ser que você tenha o escritório na calçada da frente.

Outra complicação jornalística é contatar fontes oficiais.

— Na Argentina é uma complicação colossal. E não depende deste governo, do governo anterior, isso é um clássico, eles odeiam ter que fa-

⁴ Seriado de televisão britânico, produzido entre 2013 e 2022, que acompanha a família Shelby, uma gangue criminosa de Birmingham, Inglaterra, na década de 20. Os *Peaky Blinders*, como a gangue é conhecida, são ciganos contrabandistas, traficantes de drogas e donos de uma casa de apostas.

lar com a imprensa estrangeira. Dizem que a gente faz perguntas muito inconvenientes, especialmente os jornalistas brasileiros — considere isso um elogio.

Ariel explica que as fontes oficiais argentinas têm uma lógica muito provinciana, no sentido de preferirem falar com jornalecos e rádios locais do interior do país, onde há eleitores, do que com um jornal do Brasil ou um canal da França.

— Fora que a estrutura de assessoria de imprensa na Argentina, geralmente, é catastrófica. O Brasil tem uma estrutura muito boa em comparação, mas quando digo muito boa, é muito boa mesmo. Institucionalmente, o Brasil é mais sério do que a Argentina. Aqui você busca informações básicas e não encontra.

Outra coisa comum no jornalismo argentino são as fontes oficiais falarem em *off*. *Mas o que é isso, Stella?*, você me pergunta. *Uma fonte pode falar e fingir que não falou?* Mais ou menos. Quando um jornalista quer uma informação que pode prejudicar ou entregar sua fonte, essa fonte fala em *off*, ou seja, a pessoa dá o depoimento mas o jornalista não pode contar como conseguiu a informação, ou não pode nem divulgá-la; deve achar outra forma de chegar naquele dado que não seja através da fonte. Isso é comum nos grandes jornais, como o *Clarín* e o *La Nación*.

Ariel acha que, de modo geral, o jornalista brasileiro é levado a sério pelos argentinos, assim como os jornalistas chilenos e uruguaios. Outra peculiaridade é que o jornalismo factual brasileiro é melhor, enquanto na análise, o argentino supera.

— É, talvez, o melhor da América Latina. E a análise é uma coisa necessária aqui, porque a Argentina tem tanta crise, há tantas décadas, que os analistas estão calejados. Quando teve o impeachment da Dilma, em 2016, a crise do governo Temer, quando elegeram o Bolsonaro, em 2018, tudo isso foi uma surpresa, né? Na Argentina, isso é o dia a dia. Então, em matéria de análise do que aconteceu no passado recente, do que acontece no presente e no futuro, os argentinos estão mais preparados.

Pense rápido!

Depois de meia hora com a impressão de que não consegui muitas respostas, parto para o esquema ping pong pressentindo só respostas longas.

— Qual foi a melhor cobertura internacional que você fez?

— Ah, isso é tremendamente difícil de saber, porque são muito diferentes... — ele se interrompe — Ah, perdão, a melhor ou mais interessante para mim? Porque seria muito cara de pau dizer “minha melhor cobertura internacional foi aquela tal”. Isso é impossível. Mas é interessante quando se descobre um novo neto desaparecido da ditadura, que hoje tem 50 anos de idade, é muito emocionante.

Durante a ditadura militar argentina (1976-1983), muitas mulheres e crianças foram sequestradas pelos militares, o que fez com que as avós dessas crianças se organizassem para exigir o resgate das mães e dos netos. Elas ficaram conhecidas como as Avós da Praça de Maio, e já recuperaram mais de 130 netos.

Ariel aponta uma diferença entre os tipos de cobertura. Uma coisa é cobrir uma crise de uma semana. Outra coisa é cobrir uma crise como “a da Argentina, de 2001 até 2003, e ter 3 anos de cobertura diária sobre o mesmo assunto”.

— Então você precisa ter criatividade para fazer coisas diferentes a cada semana, e é interessante depois, quando você olha para trás, e diz: “Nossa, consegui fazer tais coisas!”, porque é difícil fazer cobertura de longo prazo.

Voltando à pergunta, Ariel diz que a entrevista com o Quino foi a mais emocionante, “e quando ele morreu, eu quase chorei ao vivo”. Sem que eu pergunte, ele continua:

— Eu já fiz entrevistas com figuras interessantíssimas, como o Quino. O Umberto Eco veio para cá e fiz uma entrevista com ele, isso anos antes que ele falecesse. Ser correspondente dá essa possibilidade de falar com pessoas que você diz: “Uau, eu tô falando com tal pessoa”.

Mas a lista de figuras interessantíssimas de Ariel é longa. No livro América Latina lado B, encontrei algumas entrevistas e conversas inusitadas. Por exemplo, o biógrafo de Evita Perón, Tomás Eloy Martínez, que disse que a “necromancia é uma coisa típica dos argentinos”, por causa da obsessão com cadáveres de ex-presidentes. Ou o correspondente internacional polonês Ryszard Kapuściński, que foi jantar na casa de Ariel em Buenos Aires. Ou com um dos líderes do Exército Revolucionário do Povo (ERP), o argentino Enrique Haroldo Gorriarán Merlo, que assassinou o ditador nicaraguense Anastasio Somoza Debayle, em

1980, e concedeu uma entrevista por escrito a Ariel, em 1995, porque ele estava na prisão. E o escritor peruano Mario Vargas Llosa, que foi a Curitiba em 1994, onde teve uma “longa conversa” com o jornalista. Outra conversa curiosa que Ariel teve a oportunidade de escutar foi durante um jantar oferecido pelo chanceler equatoriano Ricardo Patiño, no palácio Najas, sede do governo, durante o governo de Rafael Correa. Convidados: Nicolás Maduro, então ministro do Hugo Chávez, Antonio Patriota, Secretário-Geral das Relações Exteriores do Brasil na época, e o Ministro das Relações Exteriores do Chile, Alfredo Moreno.

— Correspondência internacional em uma palavra

— *One man band*, ou banda de um homem só. Aquele que cobre de tudo: esportes, política, cultura. O correspondente não está numa única editoria.

— Um livro.

— Um livro? — É difícil escolher pra quem tem centenas na estante — Um que me marcou muito é um livro de História. Eu adoro História. E acho que tudo que eu fiz profissionalmente tem, de uma forma ou outra, a ver com História, como os livros⁵ que eu publiquei também. É um livro muito didático, que meu avô me deu de presente quando tinha 10 anos, que ele tinha guardado para quando tivesse um neto ou uma neta. E ele comprou esse livro em 1946, eu nasci em 66 e ele me deu esse livro em 76, ou seja, 30 anos depois, que era do H.G. Wells. Herbert George Wells é um escritor britânico, conhece?

— Conheço — li *O Homem Invisível* dele.

— Uau. É o autor da *Guerra dos Mundos*, de A máquina do tempo, só que ele escreveu um livro de história, que em inglês chama *Outline of History*⁶. Eu tenho esse livro ainda, só que está na casa da minha irmã, em Curitiba.

— Está satisfeito com seu salário?

— Eu? Sim. Embora com o divórcio as coisas fiquem complicadas. Que gasto de dinheiro brutal!

— Os correspondentes costumam ganhar em real, em dólar ou na moeda do país que eles estão?

— Varia muito de caso para caso, de país para país, de pessoa para pessoa, de empresa para empresa, isso no mundo inteiro.

— Você se considera famoso?

— Não! — ele pareceu surpreso com a pergunta — Não me considero famoso. Você acha que eu sou famoso?

5 Os *Argentinos*, de 2013, e *Os Hermanos e Nós*, de 2014, escrito com o jornalista Guga Chacra. As duas obras foram publicadas pela Editora Contexto.

6 *The Outline of History: The Whole Story of Man or Being a Plain History of Life and Mankind*, H. G. Wells, publicado pela primeira vez em 1920.

— Eu acho que é. — 50 mil seguidores no Instagram.

— Que coisa interessante! Eu tenho grandes dúvidas, porque há um detalhe importante. Estou na Argentina, aqui ninguém me conhece. Porque eu não trabalho para um meio de comunicação argentino, então o público é diferente. A minha filha, inclusive, fala isso. “Por que brasileiros te cumprimentam na rua em Buenos Aires, e não os argentinos?”. Porque os brasileiros me conhecem, e os argentinos, não. Mas uma coisa que eu percebi é que se eu saio de gravata e paletó, as pessoas me reconhecem. Se eu tô de roupa de ginástica, as pessoas tendem a não me reconhecer, a não ser que ouçam a minha voz.

Por falar em roupa, não há meio termo para Ariel. Ou é camisa e calça social, ou é camiseta e calça jeans. Ele acha que, por ser baixinho, fica péssimo de camisa social e jeans.

— Tem alguma cobertura que você gostaria de ter participado? Que você gostaria de ter feito?

— Um evento que eu perdi porque estava de férias? Ou do passado? — ele ficou confuso com a pergunta. Eu explico: um puta acontecimento internacional que você pensa “teria sido muito legal cobrir isso”. E a resposta é hilária:

— Se fosse do passado, antes de eu ter nascido, eu teria ADORADO, mas assim, de uma forma bestial, a liberação de Paris em agosto de 1944, quando os Aliados entraram em Paris. Hemingway fez isso. Ernest Hemingway, escritor que era jornalista também, entrou com os primeiros tanques de guerra, de uma brigada espanhola, que fugiam da Guerra Civil (1936 - 1939). Porque ele cobriu essa guerra na Espanha. Cadê aqui o livro da Martha Gellhorn, a mulher dele? — Ariel vira de costas e puxa um livro de capa rosa da estante, *El rostro de la guerra: Crónicas en primera línea 1937-1985*, que apresenta os sentimentos, impressões e testemunho direto da autora sobre a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial e outros conflitos na Ásia e no Oriente Médio.

— Meu Deus! — fiquei impressionada, como eu queria esse livro!

— Estupenda ela! E Hemingway entrou com os blindados, pararam na frente do Ritz (um dos mais famosos hotéis de Paris). Ele desceu, imagine ele então, grandão, barbudo, caminhando pom pom pom pom — imitando o som dos passos — Entra no hall do hotel de onde os alemães tinham acabado de fugir. Chegou no balcão do bar, cujo garçom ele conhecia de antes da guerra. Imagina que o garçom chamava Jean Pierre — e então, com voz grossa e rouca, Ariel Palacios faz sua impressão de

Ernest Hemingway — Bonjour Jean Pierre. One Martini. Dry. Ele não pediu Martini, não me lembro o que ele pediu. — Ariel diz isso como se tivesse estado lá — Nossa, como eu queria ter visto essa cena! — Eu ri muito nesse momento — Mas depois de eu ter nascido, a eleição de Trump, em 2020, o ataque ao Capitólio dos Estados Unidos, em 2021, e a queda da União Soviética, em 1991, que o Bial cobriu.

— Você ficou emocionado quando foi no programa dele?

— Emocionadíssimo! Eu lembro do Bial esgotado naquela cobertura, três dias sem dormir, com a barba crescendo, era um cara muito bonitão, ainda é hoje em dia. Mas era meio galã naquela época. Aí ele estava com umas olheiras que eram um *grand canyon* de fundas, a roupa amarrutada, sentou na beira do Rio Moscou, e fez aquela passagem fenomenal.

— Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria que eu tivesse perguntado?

— É, sim. O que que um correspondente internacional precisa como requisitos básicos?

— Então, quais os requisitos básicos para ser correspondente internacional?

— Ter uma mente flexível. Opa, perdão, só um minutinho. A minha filha tá me dando bom dia. — Victoria Palacios. — Eu tenho uma filha de 13 anos que já fica atenta às notícias internacionais.

— Você acha que ela vai ser jornalista também?

— Não, espero que não. Já falei para ela que não, de jeito nenhum, e a mãe dela concorda totalmente. Porque o jornalismo, desculpa te falar isso, o jornalismo está numa crise de business descomunal há 25 anos, desde o finalzinho dos anos 90. Todo ano fazem congressos de empresas jornalísticas tentando ver qual é o futuro e todo congresso termina da mesma forma, não sabemos o que vai acontecer. Então, cada vez tem mais estudantes se formando e cada vez tem menos meios de comunicação. Não sei o que que vai acontecer.

— E os requisitos...?

— Requisitos! Eu acho que tem que ter, primeiro, uma flexibilidade mental enorme. Saber que o que acontece no teu país natal não necessariamente funciona da mesma forma nos outros países, mesmo que eles sejam vizinhos sul-americanos. Que o que funciona no Brasil, um ministério, um governo, um partido, não necessariamente funciona na Argentina, no Chile, no Uruguai e na Colômbia. A outra coisa, ler muito sobre o país que você vai cobrir, seja para uma cobertura específica, durante

uma eleição, ou para morar e trabalhar como correspondente por tantos anos em tal lugar. Então é preciso ler muito sobre História, isso de forma geral. E estudar os idiomas dos lugares onde você vai.

Chegamos ao fim.

Quem sugeriu entrevistar o Ariel foi a minha orientadora, Angela. Infelizmente, é muito difícil entrar em contato com alguns jornalistas, ainda mais quando trabalham para grandes grupos de comunicação. Não é como se tivesse um endereço de e-mail disponível em seus perfis nas redes sociais, só esperando o estudante de Jornalismo. Assim, eu enviei uma mensagem direta, ou DM, no Instagram do Ariel. Na segunda vez que enviei, ele respondeu que sim, podíamos fazer a entrevista. Eu expliquei como funcionaria e pedi sugestões de datas. Se ele pudesse quarta-feira, às quatro da manhã, seria quarta-feira, às quatro da manhã.

No dia primeiro de fevereiro, eu acordei por volta das dez horas e havia um áudio do Ariel na nossa conversa, que foi enviado no dia 31 de janeiro, quase à meia-noite. No áudio, ele perguntava se poderíamos fazer a entrevista naquele final de semana. Claro que poderíamos. Por volta das onze horas, outro áudio sugerindo o horário: 14h. “Perfeito, eu envio o link do Google Meet”. Às 14h10, mais um áudio: “meu app do Meet não funciona, podemos fazer a ligação pelo Instagram?”. Eu entrei em pânico. Não sabia se era possível atender vídeo chamada do Instagram pelo *notebook*, nem se conseguiria gravar a tela. Disse que poderíamos tentar. Então Ariel Palacios me ligou através do Instagram. Atendi pelo notebook. Nos cumprimentamos e eu avisei que testaria o gravador de tela. Gravador ativado, captação de imagem e de áudio funcionando. Eu estava tão eufórica que tremia.

Quando ele desligou, 52 minutos depois, eu interrompi a gravação, que supostamente ficaria salva nos arquivos do computador. Agora era a hora da verdade. Abri o explorador de arquivos, selecionei a pasta certa e cliquei duas vezes para abrir. Ali estava salva a minha entrevista com Ariel Palacios, correspondente do *Globo News* em Buenos Aires.

Referências

1. *Entrevista com Bial* de 7 de maio de 2024, disponível no Globo Play
 - a. <https://globoplay.globo.com/v/12579263/>
2. Política na Argentina, Paraguai e Equador
 - a. PALACIOS, Ariel. **América Latina lado B**: o cringe, o bizarro e o esdrúxulo de presidentes, ditadores e monarcas dos vizinhos do Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.
 - b. https://pt.wikipedia.org/wiki/Ra%C3%BA1_Cubas_Grau
 - c. <https://www.cidob.org/lider-politico/raul-cubas-grau>
 - d. https://pt.wikipedia.org/wiki/Luis_Mar%C3%ADA_Arga%C3%B1a
 - e. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft10039805.htm>
 - f. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lino_Oviedo
 - g. <https://www.youtube.com/watch?v=kUHkSObb4Eo>
 - h. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/02/lino-oviedo-morre-em-acidente-de-helicoptero-no-paraguai.html>
 - i. https://es.wikipedia.org/wiki/Ra%C3%BA1_Cubas_Grau
3. Quadro “Careless talk costs lives”
 - a. <https://x.com/arielpalacios/status/1241137286701559810>
4. Ernest Hemingway e a libertação de Paris
 - a. <https://www.uol.com.br/nossa/viagem/noticias/afp/2019/08/26/a-lenda-de-hemingway-e-a-libertacao-do-bar-do-hotel-ritz-de-paris.htm>
 - b. <https://www.diffordsguide.com/pt-br/encyclopedia/2863/people/ernest-hemingway#:~:text=Embora%20os%20soldados%20j%C3%A1%20tivessem,Bar%20Hemingway%20em%20sua%20homenagem.>



Paola De Orte em Jerusalém
Arquivo pessoal

Por que eu estou falando de mim?

Paola De Orte - entrevista concedida em 11 de março de 2025

Quando o telespectador assiste o noticiário na televisão, pode ter a impressão de que a repórter é inabalável: ela segue adiante com a notícia, sem perder o fio da meada, ainda que segundos antes tenha visto manifestações e fugido de um ataque aéreo. A repórter está firme, em um *bunker* subterrâneo em Tel Aviv, de madrugada, horas à frente do Brasil e ao vivo para a *Globo News*.

— Assim que começam a soar as sirenes (que avisam que a cidade está sob ataque aéreo) aqui em Tel Aviv, a orientação é procurar um local protegido. Eu estou em um ambiente com várias famílias, porque todo mundo veio procurar abrigo. Nesse momento, foram lançados 200 mísseis contra Israel a partir do Irã, de acordo com a rádio das Forças Armadas Israelenses. O que a gente pôde presenciar foi o toque de muitas sirenes, quatro vezes, quase seguidas. Isso é uma coisa meio fora do comum. Há um ano, no início do conflito em Gaza, a gente ouvia as sirenes, mas não eram tão seguidas umas das outras. A gente também ouviu um barulho de explosão muito alto e o prédio até deu uma chacoalhada. O que é normal quando acontecem as interceptações no céu (quando um foguete é interceptado por um míssil da defesa aérea).¹

Essa foi uma das entradas ao vivo da Paola De Orte (se pronuncia “Ôrte”), correspondente da *TV Globo* e da *Globo News* em Paris, que até outubro de 2024 morava em Tel Aviv, cidade costeira e turística de Israel. Naquela noite, 1º de outubro, o serviço de inteligência dos Estados Unidos havia emitido um alerta de que o Irã lançaria um ataque aéreo contra a cidade em resposta à escalada do conflito entre Israel, Hamas e Hezbollah, grupos armados da Palestina e do Líbano apoiados pelo governo iraniano, depois que Israel bombardeou a capital libanesa, Beirute, e matou líderes dos dois grupos árabes. E a Paola estava na rua, “onde é o lugar do repórter”, à procura de um abrigo subterrâneo para se proteger dos mísseis.

1 Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/DA1l7vhJIOD/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNW-FIZA==

O começo

Antes de começar a contar como Paola foi parar no Oriente Médio, vamos às explicações. Não há um consenso internacional sobre qual é a capital de Israel. A sede do governo fica em Jerusalém, cidade controlada pelos israelenses e reivindicada pelos palestinos. Mas as embaixadas estrangeiras ficam em Tel Aviv, considerada a capital pela comunidade internacional.

Tel Aviv, ou Telavive, possui um sistema de defesa aérea chamado Domo de Ferro (Iron Dome), que consiste em mísseis programados que interceptam outros mísseis e foguetes de curto alcance disparados contra o espaço aéreo da cidade. O sistema é uma tecnologia criada com apoio do maior aliado militar do país, os Estados Unidos da América, e já salvou os israelenses em várias ocasiões.

— Paola, quanto tempo você tem?

— Eu separei uma hora, mas acho que meia hora deve dar para fazer, né?

— Ah, eu acho que é uma hora mesmo.

— Uma hora? Uau.

Paola é de Curitiba, capital do estado do Paraná, e se formou em Jornalismo na Universidade Federal do Paraná, a UFPR. Pela primeira resposta, imaginei que ela estivesse pensando “o que tanto essa menina quer saber que precisa de uma hora de entrevista?”. Logo, eu descobri que a jornalista não gosta muito de falar de si, é reservada com sua vida pessoal e sua idade.

— Precisa colocar o aniversário no trabalho?

Precisar, não precisa, mas peço para ela me contar, pelo menos, em que dia nasceu. “Então vamos pular essa parte, meu aniversário é em dezembro”. Se eu soubesse alguma coisa sobre signos, poderia fazer uma anedota, mas eu não sei. Assim, defino que Paola tem entre 30 e 35 anos, talvez menos, mas definitivamente nem um ano a mais!

Com poucos minutos de conversa, percebo o sotaque do Sul. Achei estranho, porque havia passado a semana anterior inteira assistindo suas entradas ao vivo e não tinha reparado nesse sotaque. Inclusive, se fosse para dar um palpite, eu diria que ela é paulista, e não paranaense.

Em Curitiba, Paola trabalhou em revistas e editoras até 2014, quando se mudou para Brasília — terceira capital do Brasil, depois de Salvador

e Rio de Janeiro — para escrever para o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID) em um projeto liderado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (United Nations Office on Drugs and Crime - UNODC), e pelo Ministério da Justiça. E para aproveitar a temporada na cidade, Paola fez Mestrado em Relações Internacionais na Universidade de Brasília (UnB).

— Eu já era interessada antes na área internacional, falava outras línguas desde que era mais nova. Quando eu fui para Brasília, fui com a ideia de ir para essa área. Trabalhei em algumas agências da Organização das Nações Unidas (ONU), e comecei o mestrado lá. Aí começou a vir essa vontade, eu percebi — então quer dizer, eu trabalhei um pouco com organização internacional, e tinha a questão acadêmica do mestrado — mas eu percebi que o que eu gostava mesmo era o jornalismo, e tentei pensar em algo que pudesse aliar essas duas coisas que eu gostava: o interesse por geopolítica com o exercício da profissão de jornalista.

Em 2015, Paola começou a trabalhar na *Empresa Brasileira de Comunicação (EBC)*, uma rede pública de televisão e radiodifusão, responsável por outros veículos públicos de comunicação. Ela cobriu política nacional por dois anos, até ser promovida a correspondente internacional em Washington, D.C.², capital dos Estados Unidos. Por lá, acompanhou a Casa Branca e assuntos de relações exteriores e de comércio internacional para a *TV Brasil*, a *Agência Brasil* e o programa radiofônico *A Voz do Brasil*, canais que integram a *EBC*.

— Pela *EBC*, comecei a viajar bastante pelo Brasil, e cobri uma cúpula do BRICS em 2016, em Goa, na Índia. Eu ainda não era correspondente, tinha sido enviada, e foi super interessante, porque na época se falava muito do BRICS³, que estava proeminente nas discussões geopolíticas, e não apenas tive um contato intenso com a cultura indiana, como vi aquelas negociações e decisões acontecendo ali, na minha frente.

A *EBC* tem uma proposta diferente da *Rede Globo* e da *Globo News*. A primeira tem um projeto “muito bacana” de televisão pública que é relevante para o Jornalismo brasileiro, ainda que não tenha um público tão grande. A partir do momento que começou a trabalhar para a segunda, Paola percebeu o tamanho do alcance que a empresa possui, o que ela considera uma vantagem, pois significa que mais pessoas estão se infor-

2 D.C. significa District of Columbia, ou Distrito da Colúmbia, o distrito federal dos Estados Unidos. A sigla é necessária para diferenciar a capital Washington com o estado de Washington, ao norte da costa oeste do país.

3 BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, e os novos membros Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã. Segundo o site do Governo, “é um espaço de cooperação e concertação dos países do Sul Global com o objetivo de dialogar sobre temas da agenda internacional”. <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/brics/afinal-o-que-e-o-brics#:~:text=O%20agrupamento%20de%20pa%C3%ADses%20%C3%A9,sobre%20temas%20da%20agenda%20internacional>.

mando sobre o que acontece ao redor do mundo.

— Quando você quer fazer jornalismo, não é necessariamente o veículo que determina como vai ser o sentimento para você.

Nos Estados Unidos, Paola cobriu para a *EBC*, e depois para o jornal *O Globo*, o primeiro mandato do Presidente Donald Trump (2016-2020; 2024-atual), eleito pela primeira vez em 2016. Enquanto estava no país, ela também trabalhou para o canal colombiano *NTN24* e para o jornal brasileiro *Valor Econômico*.

— Então quando você pergunta “qual foi a tua grande cobertura desse período?”, ali no começo, acho que é isso: a correria, parecida com o que tá agora, do que que o Trump fez: ir para Casa Branca e acompanhar a coletiva de imprensa.

Talvez, a principal diferença entre os primeiros meses de governo Trump do primeiro e do segundo mandato seja que, agora, na segunda temporada, o presidente norte-americano esteja causando a maior confusão na economia global, com suas taxas de importação recíprocas, e na segurança internacional, ao se envolver na resolução dos conflitos da Palestina e da Ucrânia, e insinuar que o continente europeu deveria se preparar para uma Terceira Guerra Mundial.

“Eu preciso ver as coisas”

Paola é uma mulher branca, de cabelos e olhos castanhos escuros, e sobranceiras bem definidas, o que lhe dá um ar sério. Ela está usando óculos de lentes quadradas e armação transparente, acessório que não aparece na frente das câmeras, e um suéter bege claro que combina com pele meio bronzada pelo sol do Oriente Médio. Como os outros perfilados, a correspondente começou a conversa mais reservada, e aos poucos foi ficando mais à vontade. Não sei você, leitor, mas para mim é esquisito conversar com alguém pela primeira vez por vídeochamada.

Depois de ficar quatro anos em Tel Aviv (2021-2024), Paola se mudou para Paris, onde mora hoje. Pergunto se é em caráter permanente.

— Na verdade, a resposta certa é “não tenho como saber”. É uma mistura de questões profissionais e pessoais. Eu me mudei muito por questão de profissão mesmo, sendo correspondente internacional, mas eu nunca sei direito se eu vou querer ficar mais tempo. Pode ser permanente, mas eu já mudei tantas vezes que eu acho que posso encontrar um novo desafio, uma outra coisa para fazer em algum outro lugar... Não tenho respos-

ta certa para isso.

— E como é que você foi parar em Israel?

A resposta foi longa, mas tudo começou com um interesse geopolítico e histórico na região. Eu ia perguntar se ela tinha ascendência judia ou árabe, mas ela deve ter presumido a dúvida e logo esclareceu que “não, não tinha origem árabe nem judia”, era só uma incansável curiosa que queria entender por que aquela gente no Oriente Médio simplesmente não conseguia parar de brigar.

— Em algum momento, antes até de fazer o mestrado, eu comecei a me interessar pelo tema Israel e Palestina, que é o mais emblemático, porque já dura tanto tempo, gera tanta tragédia e violência...

Quando a temporada nos Estados Unidos terminou e chegou o momento de decidir a próxima capital, Paola percebeu que queria muito ir para o Oriente Médio. Então conversou com o pessoal da *Globo News* para saber se eles tinham interesse em ter uma jornalista por lá. Ela ainda não trabalhava para o canal, mas continuava escrevendo para o *O Globo*. A princípio ela foi como *freelancer*, mas sabia que daria certo porque o correspondente que ficava em Israel tinha ido embora e o canal precisava de uma pessoa para cobrir o posto.

— E aí eu comecei a trabalhar para a *Globo News*. Eu fui para lá e foi como se eu tivesse investido dez anos do meu cérebro estudando todas aquelas coisas e agora eu ia poder ver de perto. E claro que muita coisa muda, né, quando você acompanha de perto. Para mim, ir para o Oriente Médio era como começar uma nova fase desse interesse e tentar entender como um conflito pode perdurar tanto.

De modo generalizado, a mídia ocidental reporta o Oriente Médio como muito perigoso, de infraestrutura precária e população violenta. Por isso, há quem diga que a cobertura de conflitos na região, seja na linha de frente, ou nas ruas de uma das capitais israelenses, não deveria ser lugar de mulher.

— Acho que a gente tem uma cultura de ver a mulher como alguém frágil, como alguém que não tem nada a ver com essas coisas de guerra. E eu escutei coisas do tipo “uma menina tão frágil escrevendo sobre esses assuntos”. Eu não achei que parecesse frágil, só porque eu era mulher, entende? Então não acho que a questão de passar por países em que existem políticas públicas que limitam o direito das mulheres, necessariamente, foi o que mais dificultou meu trabalho.

Até porque, em situações tão complicadas como as que Paola presenciou, quando um jornalista senta na frente de uma pessoa e fala “Oi, eu estou aqui para escutar a tua história. Eu quero saber o que você tem para me contar”, pouco importa se é um homem ou uma mulher. O entrevistado, que sobreviveu ao ataque aéreo e à destruição de sua casa, pode estar tão ansioso para expor sua visão de mundo que não vai se preocupar com essa questão.

— Mas eu sempre consegui encontrar o meu espaço para conversar com a população, que é o mais importante no jornalismo, o que eu mais gosto de fazer. Mesmo reportando de lugares muito, muito, muito conservadores que existem no Oriente Médio, tanto na Palestina quanto em Israel.

Paola contou que, certa vez, foi entrevistar um senhor judeu ultra-ortodoxo. As comunidades ortodoxas e ultraortodoxas de Israel seguem uma série de regras e leis religiosas que limitam, ou proíbem, o toque e interação entre homens e mulheres que não são da mesma família, como um simples aperto de mãos. Na ocasião, o senhor não podia nem olhar nos olhos dela enquanto conversavam, e passou a entrevista toda meio de lado. Ainda assim, ele contou sua história à jornalista, que conseguiu oferecer um espaço seguro em que o entrevistado sentiu que não desrespeitava Paola, a si mesmo e às suas crenças.

Paola fala um pouco de hebraico e árabe, o suficiente para uma comunicação básica quando o entrevistado não sabe inglês, mas o ideal é ter um *fixer*, que é aquela pessoa nativa que vai atuar como guia, tradutora e ajudar a entrar em contato com fontes locais, principalmente para assuntos mais complexos.

Como a maioria dos correspondentes perfilados, ela estava sozinha em Tel Aviv, e não havia nenhum escritório da *Globo* na cidade. O trabalho de redação era *home office*, e o de repórter, na rua, com o cinegrafista brasileiro-israelense Victor Palatnik Krutman. Esse esquema de não ter mais escritórios, nem grandes equipes, é o mais comum atualmente. Pergunto se ela achava o esquema solitário.

— Ah, pode ser solitário, no sentido de que a minha relação com o local era profissional. Claro que eu fiz amizade e conheci muita gente. Mas o que eu quero dizer é, eu não sou nem judia, nem palestina e não fui para lá por nenhuma outra relação que não fosse profissional.

Havia mais uma correspondente brasileira em Tel Aviv durante os anos em que Paola morou lá, a Denise Odorissi, da *Rede Record*. Hoje,

inclusive, Paola e Denise estão juntas de novo, desta vez em Paris, a capital da França. Elas são amigas e “a gente compartilhava muito entre nós duas” quando a situação ficava muito pesada.

Quando correspondentes internacionais convivem por bastante tempo, pode surgir um clima antagônico de comunidade e rivalidade ao mesmo tempo. Nos anos em que trabalhou nos EUA, onde havia mais jornalistas brasileiros do que em Israel, a competição pelo *furo*⁴ era acirrada. Apesar disso, “as pessoas com quem fiz amizade naquela época continuavam sendo as minhas melhores amigas até hoje”, ressalta Paola. Alguns nomes (porque aqui trabalhamos com nome, sobrenome e veículo) da primeira leva de correspondentes brasileiros em Washington D. C. são Henrique Batista, do *Globo*, e Cláudia Trevisan, do *Estado de S. Paulo*.

— Nós éramos muito amigos. Aí os dois foram embora e teve outra leva, só de mulheres. Sempre tive a sorte de trabalhar com mulheres correspondentes.

Nomes da segunda leva: Marina Dias, para a *Folha* (correspondente do jornal americano *The Washington Post* em Brasília), Beatriz Bulla, para o Estadão (apresentadora da *RedeTV!*), Raquel Krähenbühl, para *Rede Globo* e *Globo News*, e Mariana Sanches, para a *BBC News Brasil* (cargo que deixou no início do ano).

— É uma coisa engraçada que existe no jornalismo, ao mesmo tempo que a pessoa está competindo com você, ela também é tua amiga. E de repente você está trabalhando numa história, mas as tuas amigas não sabem, e aí um dia você acorda, sua matéria foi publicada no jornal e tua amiga te liga e diz: “Pô, parabéns, aí!”, mas no outro dia é você que liga e faz o elogio. Então assim, é legal porque também te incentiva; são pessoas que você gosta e admira, e também compete. Eu gostava.

Voltando aos percalços de ser correspondente no Oriente Médio, Paola explica algumas dinâmicas de acesso à informação no que diz respeito às fontes oficiais, como o governo e outras instituições, e fontes extraoficiais, como ONGs, a própria população e canais de mídia independente. Em relação às fontes oficiais, como as Forças de Defesa de Israel ou o Ministério da Saúde de Gaza, há um aparato bem desenvolvido de divulgação de informações, em que essas instituições “rapidamente encontram o teu contato, e vão atrás de você e de outros jornalistas, para te passar a versão oficial dos fatos de cada lado”, pontua Paola.

Quando o assunto é ir além e checar informações, obter números exatos e cruzar dados, a complicação começa, porque há limitações ter-

4 O *furo* jornalístico é um jargão da profissão usado para se referir a uma notícia inédita, que nenhum veículo publicou antes.

ritoriais, como o fechamento de fronteiras, e limitações tecnológicas, como interrupção de energia elétrica e queda do sinal de internet.

— Isso na guerra é muito difícil. Por exemplo, a Faixa de Gaza. Israel fechou a Faixa logo no primeiro dia da guerra, então a gente não tinha como atravessar a fronteira para olhar, você acaba dependente de outros tipos de apuração, por telefone, por exemplo, que às vezes também não funcionava, porque precisava da internet e a gente não tinha como falar com as pessoas lá.

Paola se refere à recente guerra entre Israel e o grupo armado Hamas, iniciada em outubro de 2023, mas ela também fez a cobertura de um conflito menor, com os mesmos personagens, que ocorreu em maio de 2021 e durou onze dias. Nas duas ocasiões, ela disse ter percebido que, rapidamente, aparecem pessoas prontas para fornecer versões oficiais do conflito, não importa o lado.

*Entre os dias 6 e 21 de maio, as Forças de Defesa de Israel e o grupo islâmico extremista Hamas travaram um conflito durante o feriado muçulmano do Ramadã. O estopim foi uma ordem de despejo de famílias palestinas do bairro Sheikh Jarrah, em Jerusalém Oriental, e a presença de policiais israelenses na Mesquita al-Aqsa, lugar sagrado para os muçulmanos. O Hamas deu um ultimato a Israel, informando que se este não retirasse seus agentes do entorno da mesquita e das ruas de Sheikh Jarrah, lançaria um ataque contra as cidades israelenses. Mais de 200 civis palestinos foram mortos.*⁵

Para lidar com tanto estresse e insegurança, a jornalista tem duas estratégias para cuidar de sua saúde. Primeiro, a prática de atividades físicas quando é seguro sair na rua. Nos primeiros meses de conflito, havia muitas sirenes de ataque aéreo, e ela não podia arriscar uma corridinha com fones de ouvido e não ouvir o toque de alerta nem ficar sem abrigo anti bomba. E segundo, a terapia.

— Porque é muito pesado. Nós estamos lidando com temas devastadores todos os dias. Eu acho que às vezes, quando eu converso com as pessoas, elas têm a impressão de que o maior problema de ser correspondente de guerra é você arriscar a sua vida. E, na verdade, não é bem isso. Porque quando você tá vivendo aquilo todos os dias, você entra num personagem que é a tua profissão, você consegue garantir que está usando todos os mecanismos necessários e possíveis para se proteger ao

⁵ Conflito entre Israel e palestinos: o que está acontecendo e mais 5 perguntas sobre a onda de violência, 17/05/2021, disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/17/conflito-entre-israel-e-palestinos-o-que-esta-acontecendo-e-mais-5-perguntas-sobre-a-onda-de-violencia.ghtml>

máximo. Claro, nunca será 100% se você está em um país em guerra, mas você se acostuma e consegue ir adiante. O maior problema é a questão da devastação moral e psicológica de uma população inteira, e que você está acompanhando diariamente.

Antes da guerra em Gaza, a maior devastação presenciada por Paola foi um terremoto na Turquia, no início de 2023, que deixou 50 mil mortos e desaparecidos. Ela ficou três dias no país e, enquanto estava lá, se sentiu bem, assumiu o papel de correspondente e seguiu firme com a cobertura. O abatimento e a tristeza só foram sentidos depois de voltar pra casa.

— Eu fiquei uma semana baqueada. Então, quando começou a guerra com o Hamas, eu pensei “nossa, eu consigo ver que agora eu tô trabalhando, tô fazendo as coisas, mas em algum momento isso vai bater”, essa é a parte mais desafiadora.

— E você acha que vale a pena cobrir esse tipo de conflito, apesar do desgaste físico e da insegurança?, pergunto.

— Então, é uma pergunta que estou tentando descobrir - ela ri e eu também, um riso meio desesperado, mas que quebrou o clima sério da entrevista — Porque é mais difícil do que eu imaginava, de maneiras que não previ antes.

Paola acha difícil, por exemplo, não acompanhar mais de perto a questão, até porque ela precisa trabalhar com outros temas. Depois de passar dez anos estudando e se preparando para uma possível cobertura, no fim, ela apenas fez o que queria fazer.

— E você viu o que você queria ver? Você conseguiu concluir essa jornada de estudos sobre Palestina e Israel? Encontrou as respostas que procurava ou, pelo menos, algumas das respostas, do porquê a região tem esses conflitos, por que isso se arrasta ao longo de tantas décadas?, pergunto curiosamente.

— Eu acho que estando no terreno você entende o conflito muito melhor. Não tem nada que compense estar lá naquele chão, pegar o carro, dirigir para uma micro vila e falar com aquele senhorzinho, que te conta a história do avô dele, isso muda tudo realmente. Hoje eu compreendo de uma maneira diferente.

Uma coisa é ler os livros, “você que está interessada nesse assunto, é claro que você vai se debruçar sobre os livros, é sua obrigação”, lembra Paola. Outra coisa é sentir na pele o confronto entre esses dois povos. Os livros podem fornecer a sequência dos acontecimentos, o nome das batalhas, quem era o líder da negociação, “e é importantíssimo ter tudo

isso claro na cabeça”, como bem pontua a jornalista. Mas “a psicologia local”, ou seja, a mentalidade dos habitantes, suas dinâmicas sociais, visão de mundo e interpretação do embate, esse entendimento só é possível acompanhando de muito perto.

Já que arriscar a própria vida numa cobertura não é a parte mais desafiadora, pergunto em qual ocasião Paola mais se sentiu em perigo. Ela responde que as fronteiras de Israel são sempre complicadas, primeiro porque o país não se dá bem com nenhum de seus vizinhos: ao norte, o Líbano e a Síria; ao sul, o Egito; a sudeste, a Faixa de Gaza; a oeste, a Cisjordânia. Depois, porque o sistema de defesa Domo de Ferro protege apenas a capital e seu entorno. Em Tel Aviv, você tem um minuto para encontrar abrigo depois que tocar a sirene. Na região dos kibutzim, ao sul do país, perto do muro e sob a mira dos foguetes de curto alcance lançados a partir de Gaza, você tem segundos para se proteger. Sim, há um muro que delimita a fronteira entre Gaza e Israel.

Um kibutz é uma comunidade agrícola autônoma e judaica, “sustentada pelos ideais econômicos do socialismo e do sionismo”, gerida de forma democrática, cujos lucros são partilhados pelos membros da comunidade.

— Então ali é um ambiente que você fica muito exposto. E quando estávamos lá, andando por um kibutz atacado em 7 de outubro, começou a tocar a sirene, e um pouco antes de tocar, a gente tinha passado em frente de um abrigo e eu falei: “Ah, se tocar a sirene, a gente entra aqui”. Só que aí, quando tocou a sirene, todo mundo ficou meio maluco, porque é muito rápido, e seguimos os soldados do exército, porque eles deviam saber mais do que nós. Só que eles não sabiam nada, na verdade. Entramos numa casa qualquer, nos jogamos no chão e eu me ralei. Claro, não fomos atingidos, mas ali foi bem complicado. E ao norte, tem os mísseis antitanque do *Hezbollah*, grupo paramilitar fundamentalista islâmico do Líbano, que nem acionam a sirene.

Outro momento de muita tensão foram os dias que antecederam o ataque do Irã a Tel Aviv. Foi uma ofensiva muito maior comparada aos foguetes de curto alcance que atingem o sul do país. Mas devido ao Domo de Ferro, a correspondente se sentiu menos ameaçada sob o ataque iraniano do que sob ataque palestino.

O Irã lançou diversos ataques contra Israel nos últimos dois anos. As duas nações são inimigas declaradas, uma vez que o Irã apoia os grupos armados islâmicos Hamas e Hezbollah. Antes de outubro, o governo iraniano já havia lançado, em abril, mais de 300 drones contra o país como retaliação ao bombardeio da embaixada do Irã em Damasco, capital da Síria, que matou sete membros da Guarda Revolucionária iraniana, incluindo três comandantes. Depois do atentado, o Irã prometeu revidar, mas não disse quando, o que aumentou a tensão da região. Na época, Israel enfrentava o Hezbollah, no Líbano, o Hamas, na Faixa de Gaza, os Houthis, do Iêmen, e manifestantes israelenses nas ruas de Tel Aviv.

— Foi um dia de trabalho muito intenso, entrei ao vivo o tempo todo. Então, quando você entra nesse ritmo de trabalho, e veste um outro papel (o de repórter) essa questão toda do medo não passa muito pela cabeça. Na verdade, eu não sinto medo. O sentimento é substituído por um senso de responsabilidade, tipo “eu preciso fazer determinadas coisas sem me machucar, sem chatear as pessoas que gostam de mim”.

De certa forma, Paola se considera uma observadora privilegiada dos acontecimentos, sem bem que privilegiada não é bem a palavra. Sem dúvida, sua experiência foi muito, muitíssimo, mais intensa do que aquilo que conseguiu passar para o telespectador, uma vez que foi ela que entrevistou, presenciou e fotografou a História acontecendo. Mas o jornalismo tem um limite.

O exemplo que ela me deu foi o ataque ao Capitólio dos Estados Unidos, em 6 de janeiro de 2021. Quando alguém lhe fala do episódio, suas lembranças são do tumulto daquela multidão, e não de uma tentativa de golpe no país mais poderoso do mundo. O mesmo acontece em relação aos mortos de Gaza: o que lhe vem em mente não é o número de vítimas, e sim uma conversa que teve com uma pessoa que perdeu os filhos, com quem ela se sentou, olhou nos olhos e ouviu as histórias de vida. O ideal, e impossível, seria passar o máximo disso para o público.

— Sua mãe te liga preocupada?

— A minha mãe, no começo da guerra, só me perguntou “Filha, você está fazendo isso porque você quer ou você sente que é uma obrigação sua?”, e eu respondi “É o que eu quero fazer”. E ela nunca veio com essa coisa de “Volta! Vá embora!”, porque deve ter algumas famílias que são assim. Mas a minha entendia que eu sempre tive essa curiosidade muito grande. Eu preciso ver as coisas.

Sua mãe não a incomodava, mas outras pessoas, que Paola não faz ideia de quem são, sim, e mandavam mensagens no *Instagram* perguntando por que ela cobria guerra e quando iria embora.

— O *Instagram* é uma plataforma que não chega muita coisa ofensiva. O *Twitter*, atual *X*, é muito mais agressivo, e não é nem *feedback* do meu trabalho, é só grosseria mesmo, rudeza.

No *Instagram* eu recebo muito amor, muita gente querida que me acompanha, e umas senhoras que sentem que são minha mãe - porque se preocupam com sua segurança e elogiam seu trabalho.

Eu me considerei sortuda quando encontrei o contato da Paola, porque é difícil falar com mulheres correspondentes. Eu enviei uma mensagem no *Instagram*, mas como encontrei um *e-mail*, resolvi arriscar.

— Deixa eu te dar uma dica, já que você é jornalista. O canal que você conseguiu, você vai. Eu mando por todos os canais possíveis até a pessoa me responder, porque se for ficar com essas frescuras, a gente não encontra o que precisa.

Depois de entrevistar três homens, foi bom entrevistar outra mulher, e perceber coisas que só mulheres percebem. Como a presilha de cabelo em suas mãos, que antes da entrevista prendia o cabelo castanho escuro. Ou o suéter e a calça jeans clara, talvez os mesmos da foto que ela postou nas redes sociais no dia anterior à entrevista. Inclusive, ela não estava em Paris, e sim passeando por outra região da França. E também a preocupação com a imagem e a iluminação, caso eu fosse usar a gravação posteriormente.

Pense rápido!

— Qual foi a melhor cobertura internacional?

— Nossa, era para ser rápida e eu já não fui rápida aqui. O que mais me deu satisfação recorrente, que eu aprendi e ouvi muitas coisas, foram as eleições americanas de 2020.

— E a pior?

— Ah, eu acho que não teve nenhuma que não rendeu nada — Silêncio — Nos Estados Unidos, durante um bom tempo, a gente fazia muita cobertura de visita de autoridade, um ministro que viajava para lá, e aí, no fim do dia, as reuniões não tinham resultado e a gente tinha se matado de trabalhar. Eu gosto mais quando as coberturas são de falar com as pes-

soas que estão ali, de escutar a população.

— Correspondência internacional em uma palavra.

— Curiosidade - ela responde com franqueza.

— Um livro.

— O Labirinto dos Desgarrados: O Ocidente e seus adversários, do Amin Maalouf. É um livro de geopolítica do século XX, que explica muito do que a gente tá vivendo hoje. Para o correspondente internacional é essencial.

— Um país incrível.

— Brasil.

— Uma cidade.

Silêncio. Paola fez vários silêncios ao longo da entrevista. Ela tira os olhos da câmera e levanta o queixo, pensativa. Se ela estava refletindo suas respostas, é porque as perguntas foram boas, e se as perguntas foram boas, acho que a banca de avaliação pode aprovar o meu TCC.

— Ah, você deve estar esperando que eu diga uma cidade fora.

— Mas pode ser uma cidade do Brasil também, eu digo.

— Rio de Janeiro.

— O pior conselho que já recebeu?

— A gente recebe muitos conselhos relacionados ao medo da mudança. “Você tem certeza que você vai fazer isso?”. Eu mudei muitas vezes de lugar e de área na minha carreira e eu sempre recebi esse tipo de conselho. Quando eu olhei para trás, eu falei: “nossa, que conselho péssimo, porque no fim eu devia ter ido para onde eu queria, o que se provou mais do que correto”. Então acho que são os conselhos de estagnação.

Esse conselho ela não seguiu. Melhor fonte, ou entrevista. Mais silêncio.

— Durante a cobertura das eleições americanas, eu estava dirigindo sozinha pelo interior do estado do Michigan e vi um senhor sentado numa cadeira em frente de um prédio de um conjunto habitacional. Ele estava sozinho, perdido numa cidade pobre do interior dos Estados Unidos, e eu perguntei em quem ele ia votar. Ele respondeu que ia votar no Joe Biden (46º presidente, de 2020 a 2024), e eu perguntei se ele já tinha votado nos democratas em eleições passadas. Ele disse “Não, eu tenho 60 anos e essa é a primeira vez que eu vou votar na minha vida”, eu disse “Primeira vez? Por que você está votando agora?”. E ele falou “Para tirar o Donald Trump do poder”. São personagens e atitudes assim, que a gente

encontra nas nossas apurações, que marcam a gente. A atitude daquele senhor, um homem negro do interior do Michigan, um estado chave, que ia votar pela primeira vez, são essas pessoas que resumem um movimento social que estava acontecendo.

No complicado processo eleitoral dos Estados Unidos, alguns estados, como Michigan, Wisconsin, Carolina do Norte, Flórida, Pensilvânia, Washington, são considerados “chaves” ou “pêndulos”, porque votam ora no partido republicano, ora no partido democrata, e influenciam o resultado final das eleições.

— Tem algum evento que você gostaria de ter feito a cobertura?

— Ai, sempre tem. A gente sempre tá se coçando para fazer tudo. Eu lembro quando estourou a guerra na Ucrânia e a minha vontade era de pegar o avião sair correndo para lá. Eu fiquei muito chateada de não ter ido na época. Mas eu acho que a gente, como correspondente, sempre tá querendo fazer tudo. A gente quer estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Acaba escolhendo a profissão porque é muito curioso, e aí você quer estar em todos os lugares, ouvindo todas as pessoas do mundo.

— Você se considera famosa? E com 20,4 mil seguidores, ela diz:

— Não. Acho que não. Eu acho que as pessoas famosas, sei lá, elas não conseguem andar na rua no Brasil.

— Eu reparei que, conversando aqui, você tem um sotaque que não aparece na televisão.

— É automático. Eu não sei exatamente porque. Mas é verdade, você tem toda a razão. Na televisão, eu falo com sotaque neutro e aqui, com você, eu falo com mais sotaque.

— Tem alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria que eu tivesse perguntado?

— Não, acho que falamos de tudo. Na verdade, eu não gosto tanto de falar sobre mim, sobre o meu trabalho. Durante a guerra, várias pessoas me pediram para conversar para trabalho de universidade e eu recusei. Mas daí você escreveu e eu pensei: “Ah, a Unesp é uma boa universidade, e ela me mandou mensagem no Instagram também, vou fazer”. Mas assim, por que eu tô falando de mim?

Depois de uma hora, o tempo que eu disse que levaria, terminei as perguntas. Se alguém tivesse dito que eu faria essa entrevista, eu não teria acreditado. Mas eu fiz, e me lembro da primeira vez que vi Paola

De Orte, correspondente da *Globo News* em Paris, na televisão, lá em 2023, diretamente de Tel Aviv.

Referências

1. Israel e suas capitais
 - a. GUITARRARA, Paloma. “Israel”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/israel.htm>. Acesso em 22 de abril de 2025.
2. Domo de Ferro
 - a. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/10/01/iran-lnacammisseis-contra-israel.ghtml>
 - b. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c05g906gezpo>
 - c. [https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/10/03/quais-sao-os-sistemas-de-defesa-de-israel-e-como-eles-funcionam.htm#:~:text=Domo%20de%20Ferro%20\(Iron%20Dome\)&text=O%20sistema%20opera%20utilizando%20 radares,destr%C3%B3i%20o%20proj%C3%A9til%20no%20ar](https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/10/03/quais-sao-os-sistemas-de-defesa-de-israel-e-como-eles-funcionam.htm#:~:text=Domo%20de%20Ferro%20(Iron%20Dome)&text=O%20sistema%20opera%20utilizando%20 radares,destr%C3%B3i%20o%20proj%C3%A9til%20no%20ar)
3. Retaliação ao ataque à embaixada iraniana na Síria
 - a. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/04/13/ira-envia-mais-de-dez-drones-para-atacar-israel-dizem-militares-israelenses.ghtml>
 - b. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/04/13/do-ataque-a-embaixada-ao-iminente-revide-entenda-a-cronologia-da-escalada-de-tensoes-entre-ira-e-israel.ghtml>
4. Conflito com Palestina em 2021
 - a. https://pt.wikipedia.org/wiki/Conflito_israelo-palestino_de_2021#Cessar-fogo
 - b. <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/atualidades/conflitos-entre-israel-e-palestinos-em-2021.htm>
 - c. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/17/conflito-entre-israel-e-palestinos-o-que-esta-acontecendo-e-mais-5-perguntas-sobre-a-onda-de-violencia.ghtml>
5. O que é um kibutz
 - a. https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-de-israel-saiba-o-que-e-um-kibutz-tipo-de-comunidade-que-foi-alvo-dohamas/#goog_rewarded

Yan Boechat em Mossul
Arquivo pessoal



Eu não sou correspondente de guerra, eu sou jornalista

Yan Boechat - entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2025

— *Hi, I'm Yan Boechat in Damascus today. And we got access to the house of the former dictator of Syria, Bashar al-Assad. Here in his house, everything is kind of destroyed. But there are a lot of guards now guarding this place. This place is not open to everyone, but we got access today. And you still can see a lot of his personal stuff, like pictures of his father, the former president of Syria, Hafez al-Assad, and his brother, Bassel al-Assad, who died. This is very impressive to see how this house was the center of power in Syria a week ago, and now is absolutely empty. The guards said that the new government of Syria will decide what to do with this place. I'm Yan Boechat from Damascus for VOA News.*

Foi assim que o jornalista *freelancer* e correspondente internacional nas horas vagas, Yan Boechat, reportou sua visita à residência de Bashar al-Assad em 27 de dezembro de 2024, 19 dias depois da queda do governo sírio, marcada pela invasão da capital Damasco pelos grupos rebeldes. Pelas imagens, a casa parece espaçosa e bem iluminada. As paredes sem adorno são pintadas de branco e bege, os móveis são de madeira clara e escura, não há quadros, enfeites, almofadas nem tapetes; os objetos pessoais que restaram estão destruídos pelo chão. Há fotografias rasgadas, camas reviradas e o banheiro foi quebrado.

Depois de 25 anos de regime, dos quais os últimos treze foram de guerra civil, o governo sírio de Bashar al-Assad caiu em 8 de dezembro de 2024. Em novembro, o grupo rebelde Hayat Tahrir al-Sham (HTS) e seus aliados iniciaram uma ofensiva em direção à capital do país e libertaram das mãos do regime as principais cidades sírias, como Aleppo, Hama, Daraa e Homs. Bastou o grupo chegar em Damasco para que o ditador e sua família fugissem para a Rússia. O HTS foi fundado em 2012 sob o nome Frente al-Nusra e foi leal ao Al Qaeda até 2016, quando

1 Tradução: Olá, eu sou Yan Boechat, estou em Damasco hoje. E nós conseguimos acesso à casa do ex-ditador da Síria, Bashar al-Assad. Aqui na casa dele, tudo está meio destruído. Mas tem vários guardas agora protegendo este local. Este lugar não é aberto ao público, mas conseguimos vir hoje. E ainda dá para ver vários pertences pessoais, como fotos do seu pai, ex-presidente da Síria, Hafez al-Assad, e do seu irmão, Bassel al-Assad, que faleceu. É muito impressionante ver esta casa, que era o centro do poder do país nas semanas anteriores, completamente vazia agora. Os guardas disseram que o novo governo irá decidir o que fazer com este lugar. Eu sou Yan Boechat, de Damasco, para o VOA (Voice of America) News. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DEFvafVJpAM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

adotou o nome atual. Por enquanto, o grupo organiza um governo provisório para a Síria, e a comunidade internacional espera um pouco de estabilidade para o povo sírio.

O governo de Assad se enfraqueceu nos últimos anos porque seus maiores aliados - Rússia, Irã e o grupo armado libanês Hezbollah - estavam ocupados com suas próprias guerras. Irã e Hezbollah enfrentavam Israel, como desdobramento da Guerra em Gaza, e a Rússia enfrentava a Ucrânia. Ao mesmo tempo, as Forças Democráticas Sírias, aliança formada por milícias de várias etnias, principalmente curdos, e apoiada pelos Estados Unidos, conquistavam território ao norte e a leste do país, desestabilizando o governo local. A família Assad estava no poder desde 1970, primeiro com o ex-presidente Hafez al-Assad, que morreu em 2000, e depois com seu filho, Bashar, que ficou mais duas décadas e meia no poder.

Yan é repórter do *Voice of America News*, maior emissora internacional dos Estados Unidos, gerida pelo governo. Atualmente, ele mora em São Paulo com o filho de 18 anos e vive uma “vida de verdade”, com boletos, congestionamento, compromissos e segurança. Mas já esteve em lugares onde a vida foi suspensa, e a realidade interrompida, pela presença de tanques de guerra, drones, bombas e grupos rebeldes. Contudo, nesses lugares onde a população sobrevive um dia de terror de cada vez, como o *front* da Ucrânia e vilarejos da Cisjordânia, da Síria e da Etiópia, nesses lugares, o jornalista tem uma vantagem preciosa: a escolha de ir embora. O repórter pode ser curioso, inquieto e aventureiro, mas não é suicida.

Até porque ele quer muito ganhar na Mega Sena ou coisa parecida, ficar rico e sair por aí só tirando fotos.

— A foto para mim sempre foi uma parada lúdica, eu adoro ser fotógrafo. Se eu tiver a chance de sair só para fotografar, gostaria muito. É meu prazer.

O começo

Basicamente, Yan Boechat largou cargos de editor e repórter especial em revistas consolidadas e foi para o Canadá aprender inglês e juntar dinheiro. Quando achou que já estava bom, pegou sua câmera e coragem, e foi cobrir a Guerra no Afeganistão, em 2003. Por quê? Porque estava

com medo de deixar a vida passar sem ter feito o que queria fazer e, consequente, se tornar um velho amargurado. Para a nossa sorte, minha e sua, leitor, ele não é nem uma coisa nem outra.

Yan (Yân) nasceu em 21 de novembro de 1974 em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Ele se formou na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, para onde se mudou apenas para estudar Jornalismo. Não havia grana para uma faculdade particular no Rio ou em São Paulo, e o jeito foi fazer a matrícula onde deu certo. A UFSC foi muito importante para a sua formação, e ele deve muito do que tem hoje ao ensino público brasileiro.

Enquanto estava na federal, começou a trabalhar para o jornal *O Estado* como repórter da editoria de polícia. Recém-formado, se mudou para São Paulo em 1999 e fez o curso Foca do *Estadão*. Depois começou a trabalhar na *Gazeta Mercantil*, que já foi um dos principais jornais econômicos do país. Juntou uma grana e se mudou para o Canadá, onde aprendeu inglês e fez algumas especializações.

— Na minha primeira experiência internacional, eu acabei indo cobrir a guerra no Afeganistão, que tinha acabado de começar. Eu fiquei no Canadá um tempo, trabalhando como faxineiro, subemprego e tal, e de lá fui para o Afeganistão. Eu tentei ir para o Iraque, foi exatamente o ano em que os Estados Unidos invadiram o Iraque (2003), mas não consegui e acabei indo para o Afeganistão mesmo.

Depois do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, que derubou as torres gêmeas de Manhattan, o governo dos Estados Unidos, do então presidente George W. Bush, lançou uma operação de combate ao terrorismo de grupos islâmicos extremistas armados conhecida como Guerra ao Terror. Um dos objetivos desta operação era eliminar o líder do grupo Al-Qaeda, Osama bin Laden, escondido no Paquistão sob a proteção do grupo islâmico fundamenlista Talibã, que apoiava grupos terroristas como o Al-Qaeda. Além dos EUA, o governo afegão e países como a França, a Alemanha e o Reino Unido se envolveram na operação e estabeleceram um governo apoiado pelo Ocidente, e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em Cabul, capital do Afeganistão.

Depois de 20 anos de ocupação norte-americana e mais de 240 mil mortos, entre civis, rebeldes, tropas americanas, afegãs e europeias, os EUA iniciaram sua retirada do país, concluída em julho de 2021, sob o governo do então presidente Joe Biden. Um mês depois, em 15 de agosto,

o Talibã retomou o poder do país e implantou uma série de leis restritivas, principalmente às mulheres, como o uso de vestimentas que cobrem completamente o corpo e a proibição de concluir os estudos. O antigo líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, foi assassinado em 2 de maio de 2011, dez anos antes do fim definitivo do conflito, e o Talibã continua no poder até hoje.

Essa foi a primeira vez que o então repórter de Economia fez uma cobertura internacional, numa área de conflito ainda por cima.

— Publiquei uma matéria grande na revista *Época*, que acabou, infelizmente. Acabou quase tudo, né? Essa primeira vez foi uma experiência bem interessante.

De volta ao Brasil, alguns anos depois de ter viajado o mundo, Yan trabalhou como repórter e editor para a revista *Foco Economia* e como repórter para o jornal *Valor Econômico*, do *Grupo Globo*. Depois seguiu para a revista *IstoÉ*, onde foi editor de Política, e de 2011 a 2012 foi repórter especial no *Portal iG*. Nos anos seguintes, colaborou com veículos variados, como *O Estado de S. Paulo*, *Deutsch Welle*, *Revista Exame*, *Revista Época*, *Revista Marie Claire*, *Revista GQ*, *Folha de S. Paulo*, *Grupo Bandeirantes de Comunicação* e *Grupo Record*. Em 2024, fez Mestrado em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Hoje trabalha na estatal de comunicação *VOA News*, colabora com o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, e com o boletim diário de notícias *Canal Meio*, do jornalista Pedro Doria.

No meio desses vinte anos de carreira, teve uma filha, hoje com 11 anos, e viajou para países como Tunísia, Angola, Israel, Egito, Líbano, África do Sul, República Democrática do Congo, Iraque, Venezuela, Ucrânia, etc. São mais de “50 países, com certeza, mas não chega a ser 100”, pontua ele.

Algumas coberturas foram mais memoráveis do que outras, seja pela qualidade do trabalho ou pela imersão em outra realidade. Além das três vezes em que esteve no Afeganistão, a cobertura da ressaca da Primavera Árabe foi onde “acertou a mão num trabalho duro de reportagem”; o tempo em que morou no Iraque durante o embate com o Estado Islâmico também foi especial, por ter alugado um quarto e vivenciado a guerra mais intensamente; e a cobertura da Venezuela em seus períodos mais duros. Mas, pra falar a verdade, Yan gostou de tudo.

Aos 50 anos, o repórter fluminense tem cabelo castanho escuro curto. A barba é quase toda branca, só o bigode continua na cor original. Ele é

branco, tem olhos castanhos escuros e rosto redondo. Veste uma camiseta preta e os óculos são “óculos de pai”: lentes retangulares com armação fina de metal escuro. Ele tem um jeito de tiozão descolado que já trabalhou muito nessa vida e tem histórias para dar e vender. Deve ser porque ele é isso mesmo. Pelo recorte da câmera, vejo que está no escritório do seu apartamento. Ele bebia de uma caneca branca do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e, durante o início da conversa, levava o dedo mindinho sangrando à boca. Ele deve ter se cortado minutos antes da entrevista, porque chegou um pouquinho atrasado. Yan falou devagar e com calma. Suas respostas foram curtas, diretas e bem-humoradas, até para falar da crise do Jornalismo. E ele é um parente muito, muito distante do falecido jornalista Ricardo Boechat. Sem mais comentários, vamos ao que realmente interessa.

O jornalista é um bicho estranho

No Afeganistão, Yan fez o que sempre quis fazer: cobrir guerra. Sem nenhum treinamento de segurança ou de reportagem em zonas de conflito, simplesmente foi, porque era fascinado, desde a adolescência, com a possibilidade de viajar para lugares novos e vivenciar a História acontecendo. E o jornalismo internacional unia, na época, esses dois interesses: viver em mundos distantes e exóticos, e presenciar acontecimentos históricos, combustível do seu pique para reportagens desafiadoras. E há elementos menos nobres, também, que movem um correspondente, como adrenalina e vaidade.

Em determinado momento, abdicou de uma carreira convencional porque percebeu que a vida corria, e se não tentasse o que tinha muita vontade de fazer, se tornaria uma pessoa frustrada. Essa escolha trouxe instabilidade financeira e não ofereceu muito espaço para uma progressão de carreira. Por outro lado, “trouxe o reconhecimento do mercado e dos seus pares”.

Um dos problemas do jornalismo brasileiro hoje é a falta de investimento naquele jornalismo sem preguiça de cutucar vespeiros, investigar políticos por meses a fio, viajar por estradas esburacadas, enviar repórteres para os cafundós do Brasil e bancar reportagens que se transformam em dez páginas de revista, quatro páginas no jornal de sábado ou mini documentários de domingo à noite.

— Mas acho que foi super legal. Eu fui muito feliz. Sou muito feliz fazendo o que eu faço — o comentário se desmancha em risadas.

— Você acha que é o melhor emprego do mundo?, pergunto.

— Ah, eu acho. É uma experiência muito romantizada, mas é inacreditável ter esse salvo-conduto para viver universos tão distintos e ver a História acontecendo. Eu sou fascinado. Adoro. Espero continuar por um bom tempo.

Nos últimos vinte anos, as guerras deflagradas do lado de lá do globo passaram por um *upgrade* de tecnologia bélica, e a mais recente ferramenta popularizada durante a Guerra na Ucrânia foi o drone. O mini helicóptero guiado por controle remoto é utilizado para jogar pequenas bombas e inspecionar inimigos nas linhas de frente da guerra. Esse é um dos motivos que levam Yan a considerar o conflito no Leste Europeu um dos mais perigosos que já cobriu. Outro motivo é a simetria de armamento, a paridade de forças entre os dois lados da guerra — vale lembrar que até a posse do Presidente Donald Trump, em janeiro deste ano², os EUA foram os maiores apoiadores e fornecedores de armas do governo de Volodymyr Zelenski. Em comparação com as guerras Estados Unidos e Afeganistão *versus* Talibã, Síria e Iraque *versus* Estado Islâmico, e Israel *versus* Hamas, onde Estados nacionais enfrentaram grupos armados considerados terroristas por muitas nações — “*são conflitos de forças muito assimétricas, você tem um caça voando de um lado, e de outro, uns caras de AK 47 ou morteiros*” — em comparação com esses conflitos, a briga Ucrânia (com apoio da Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN) *versus* Rússia (com suposto apoio da China e da Coreia do Norte) é bem mais equipada. Os dois lados tem tecnologia de primeira.

— Tem muita artilharia, diferente de um conflito urbano, onde você sabe se esconder e se movimentar, na artilharia é uma questão, às vezes, só de chance. Quando cai uma bomba do seu lado, não há muito o que fazer. No campo de batalha, tá muito difícil trabalhar como jornalista, porque os drones estão por toda parte. Eu acho que é a guerra mais perigosa porque é a que tem mais chance das coisas darem errado.

A última vez que estive na Ucrânia foi recentemente³; ele foi sozinho e arrumou um *fixer*, fundamental para essas coberturas. Yan sugere os temas, elabora pautas, faz fotos e vídeos, até edita o material, mas nada disso é possível sem a ajudinha do *fixer*. Ainda mais porque o russo do Yan é bem capenga, diferente do inglês fluente. Enquanto estava lá, duas pautas vingaram: a vida nos pequenos vilarejos onde não há mais homens, só mulheres, e os problemas mentais que têm atingido os soldados ucranianos.

2 Donald Trump iniciou seu segundo mandato em 20 de janeiro de 2025, depois de vencer a candidatura democrata Kamala Harris nas eleições de novembro de 2024. Antes de Trump, a presidência foi ocupada por Joe Biden, eleito em 2020, que cumpriu seu mandato até 2024.

3 Yan ficou na Ucrânia entre o fim de janeiro e meados de fevereiro de 2025.

A última temporada de viagens começou no dia 9 de dezembro de 2024, dia seguinte à queda do governo de Bashar al-Assad. Yan ficou na Síria até antes do Natal, comemorado no Brasil, e retornou ao Oriente Médio no início de janeiro. Da Síria seguiu para a Ucrânia, de onde chegou dez dias antes dessa conversa. Não é fácil estabelecer uma rotina sem uma bola de cristal para antecipar reviravoltas do mundo. E as viagens, muitas vezes sem planejamento antecedente, geram algumas reclamações por parte da família. Para Yan, faz parte. Ele já trabalhava nesse esquema quando seus filhos nasceram.

— Acho que aqui é mais difícil do que lá. — Por quê?, pergunto — Porque aqui você tem que lidar com os pequenos problemas da vida, com pequenas coisinhas, enquanto lá você tem duas preocupações e duas tarefas relativamente simples, porque você tá focado nisso: voltar vivo e fazer uma boa matéria. Aqui, tem que pagar conta, resolver um problema no encanamento, a filha aprontou na escola... Então, a realidade, os pequenos problemas da realidade, da vida cotidiana — que é a vida de verdade, lá na guerra não é, lá é um momento — são problemas difíceis. Você ter que enfrentar essa realidade maçante enche o saco, né?

É, enche o saco mesmo. Ainda mais quando o correspondente volta ao país de origem com muita energia, altos níveis de estresse, instintos de sobrevivência à flor da pele, e é preciso descomprimir para poder lidar com a rotina nossa de cada dia. Para ajudar nesse processo, quando volta ao Brasil depois de ficar muito tempo fora, Yan faz pequenas obras em casa.

Em zonas de guerra, os pensamentos se voltam para questões como onde vão cair as bombas, qual é o abrigo mais próximo, quais as chances de ser sequestrado e qual a melhor rota de fuga. Essa discrepância entre as preocupações, bombas contra boletos, o fizeram perceber que “num ambiente em que as pessoas estão tentando sobreviver, várias questões da vida normal não fazem sentido”, como brigar por uma vaga de carro ou discutir política no grupo de mensagens.

Yan sente medo, sempre sentiu, porque os jornalistas que cobrem fronts não estão seguros. Dependendo do lugar, se tornam alvos, e é recomendável remover o patch de imprensa, aquela faixa escrito *PRESS*, do colete de proteção e parecer mais um soldado do que um jornalista. É importante ressaltar que o repórter não é um combatente e, portanto, carrega a vantagem de escolher ir embora quando a situação pesar demais. O soldado e o civil não têm essa possibilidade.

— Então somos observadores e participantes muito privilegiados.

Obviamente, as tropas que levam o correspondente à linha de frente não querem a culpa de um jornalista estrangeiro morto. Em vários momentos na Ucrânia, na Síria e no Iraque, Yan pediu para ir embora por não se sentir seguro. Ele definia períodos de tempo em que ficaria exposto, uma ou duas horas na companhia dos soldados, e depois saía dali.

— Outro lance importante é que a gente não é suicida, eu não sou suicida e a maior parte das pessoas que eu conheço não é suicida. Temos métodos, protocolos de segurança e instintos. Muitos riscos não valem a pena.

Yan conhece muitos correspondentes e encontra sempre as mesmas pessoas, aqui ou lá. Ele também já cobriu conflitos ao lado de muitas jornalistas mulheres, que frequentam as bases militares, as trincheiras e vão ao *front*. Sua maior parceira de trabalho é a jornalista Heather Murdock, do *Voice Of America*; várias matérias do *VOA News* levam o nome da dupla. Outra jornalista com quem Yan trabalhou é a palestina Hind Khoudary, freelancer que colabora com o *VOA News* e com o *Al Jazeera*, do Qatar. Devido à guerra, ela não pode sair do enclave.

— Ela é uma querida. A gente trabalhou junto em Gaza, e quando falo Gaza é Gaza mesmo, dentro da Faixa. Ela foi minha *fixer* informal lá, eu tava sem grana para caralho, e ela trabalhou quase de graça. Hind é uma pessoa muito especial, muito boa jornalista. (O YAN CONHECE A HIND!!!)

A competitividade entre correspondentes de veículos diferentes existe, e pode ser muito acirrada em vários momentos. Mas o senso de comunidade aflora quando a tribo se sente ameaçada. Outra situação comum é os jornalistas de veículos não concorrentes, ou *freelas*, se juntarem para fazer determinada cobertura, e dividir os custos da viagem.

A competitividade entre correspondentes de veículos diferentes existe, e pode ser muito acirrada em vários momentos. Mas o senso de comunidade aflora quando a tribo se sente ameaçada. Outra situação comum é os jornalistas de veículos não concorrentes, ou *freelas*, se juntarem para fazer determinada cobertura, e dividir os custos da viagem.

A desvantagem de trabalhar sozinho é ter que fazer quase tudo sozinho, desde o contato com as possíveis fontes até a edição final do material, e Yan não é muito fã da edição de vídeo (mas também, quem é?).

Trabalhar com esse formato foi a maneira encontrada para dar continuidade à carreira de repórter diante de um mercado em processo drástico de mudança. Para ele, é melhor do que ficar sentado numa redação reciclando notícia de agência.

Na opinião de quem já ocupou cargo de editor, uma das características da mudança, ou crise, de mercado do jornalismo é a falta de investimento em grandes reportagens e o excesso de comentaristas e colunistas para tudo. Produzir o que ele chamou de “informação primária” ficou caro, ou seja, as despesas de enviar um repórter a qualquer lugar, para ele “ir lá, ver, falar, sentir, perceber as coisas”, custam mais do que manter o jornalista em Washington, Nova York, Londres ou Paris, “comentando sobre o que acontece no mundo a partir de ‘informação primária’ produzida pelas agências”. Não há nada de errado nisso, mas numa utopia, o melhor seria mandar o correspondente para o lugar de onde a matéria vai falar.

É impossível saber que tipo de jornalismo surgirá nos próximos vinte anos, ou se o jornalismo ainda existirá na forma em que ainda o conhecemos, com valores éticos e regras. Para Yan, os canais que têm feito bom jornalismo hoje são aqueles estatais: *BBC (British Broadcasting Corporation)*, *CBC (Canadian Broadcasting Corporation)*, *NPR (National Public Radio, dos EUA)*, *PBS (Public Broadcasting Service, dos EUA)*, *VOA News, France 24, DW (Deutsche Welle, da Alemanha)*.

— Mas eu ando sem muita esperança de que vá ter uma reversão desse cenário. O caminho talvez seja outro mesmo, e esse jornalismo que a gente acreditou vai morrer.

Outro exemplo de mudança é a preocupação dos novos jornalistas com o *marketing* e a visibilidade do conteúdo produzido, como se não houvesse mais distinção entre tópicos de interesse público e tópicos do interesse do público. Fraude do INSS é um tema de interesse público, assim como o julgamento de um ex-presidente e as maracutaia da Confederação Brasileira de Futebol, a CBF. E o jornalista, ao escrever sobre tais temas, deve ter em mente a apuração, a clareza do texto e a contextualização das informações, e não se a matéria está suficientemente chamativa para despertar o interesse do público, aumentar o número de acessos do site e o engajamento nas redes sociais.

Outro fator que alterou a dinâmica do mercado foi o avanço da tecnologia, com destaque para os smartphones, as ferramentas de inteligência artificial e o jornalismo de dados. O primeiro permite ao jornalista

entrar ao vivo de qualquer lugar do mundo que tenha internet. O segundo agilizou tarefas repetitivas e demoradas, como transcrição de áudio e tradução de textos. E o terceiro trouxe um novo espectro de fontes de informação.

— Ajudou demais, é inacreditável. Hoje tem um volume de informação disponível... Antigamente, as pessoas faziam arquivo, recortavam trechos do jornal sobre um tema específico e guardavam.

As vantagens, ou privilégios, de jornalistas com contratos formais em relação aos *freelancers* estão mais relacionadas à estabilidade e garantia de salário, do que com credibilidade e status. Mas Yan acha que esses benefícios empregatícios não compensam o engessamento do repórter dentro da redação, que, na maioria das vezes, fica limitado a cumprir pautas e trabalhar com agências de notícias. Por exemplo, o *Estadão*. O caderno de Internacional tem duas ou três páginas, e é raro ter o nome do repórter, geralmente é só a sigla da agência: AP, AFP, EFE, NYT⁴ etc, e os comentaristas são ex-correspondentes e profissionais de Relações Internacionais. O Estadão ainda faz uma coisa legal: publica colunas do Fareed Zakaria (*The Washington Post*), e do Thomas L. Friedman (*The New York Times*).

Apesar das críticas, ele sente falta da rotina de redação, de conviver com as pessoas e receber um salário fixo.

— Ah, eu tenho saudade. Fui um cara que trabalhou quase vinte anos na redação e fui muito feliz, muito, muito, muito. Adorava a redação. Mas nos últimos tempos, isso já faz uns 10 anos, eu estava como chefe, gostava do ambiente, mas não fazia nada legal, entende? Coordenava pessoas, reescrevia textos. E eu sempre quis ser repórter, é o que eu gosto. Então, a redação acabou virando muito burocrática, eu não podia mais sair para fazer matéria. Se uma redação me contratasse para ficar fazendo matérias por aí, eu ia adorar.

Os estereótipos dos correspondentes, descritos no livro *Correspondente Internacional*⁵, suscitaram opiniões diversas entre os correspondentes entrevistados para esse TCC. Alguns discordaram totalmente, outro achou que estavam desatualizados, e Yan achou que vários eram válidos. Há, sim, profissionais que ficaram arrogantes, bêbados, e que não conseguem voltar mais pra casa porque estão viciados no trabalho. No livro, os termos usados foram “egoísta”, “solitário”, “falso”, “fugindo de problemas familiares e emocionais”.

4 Associated Press, Agence France-Presse, Agência EFE, da Espanha, e The New York Times.

5 O livro *Correspondente Internacional*, de Carlos Eduardo Lins da Silva, já foi citado no primeiro perfil deste livro. Os estereótipos dos correspondentes são citados entre as páginas 96 e 97.

— Mas acho que é uma descrição razoável, falsos eu não sei. É um tipo de trabalho que junta umas pessoas estranhas, a galera é meio estranha. Sai de casa, vai para uma guerra, dorme mal, come mal, fica excitadíssimo com aquilo.

Sua colega Carol Guzy, fotógrafa norte-americana e única mulher que ganhou quatro prêmios *Pulitzer*, enquanto tomavam uma cerveja em Damasco, definiu o trabalho de correspondente como um tipo de maldição. O jornalista está em casa no Natal, fez planos com a família, mas aí cai um governo no Oriente Médio e ele larga tudo e vai cobrir.

— Porque você não consegue ficar em casa. Você precisa ir lá ver. De certa forma, às vezes, é como se fosse uma maldição, né? Você não consegue se livrar disso, mesmo não querendo, você tem que ir, se você não for, vai ser muito ruim.

— Há uma culpa por não presenciar a História, por não cobrir?, pergunto.

— Culpa, frustração, medo de não fazer parte de algo importante, várias coisas, vaidade de não estar produzindo, não ter uma foto desse momento. Como você não tem uma foto desse momento? Como ver os amigos todos lá e você não?

Se a infância na Baixada Fluminense, lugar exposto à violência urbana, contribuiu com o rumo do repórter, é difícil dizer, mas pode tê-lo preparado para lidar com a violência extrema dos conflitos que reportou.

— Eu acho que você tem uma outra relação com o corpo humano, percebe que é um pedaço de carne, um bicho. Quando cobria Polícia em Santa Catarina, tinha muito acidente na BR 101. Uma vez, um cara transportava os pedaços de uma vaca, de abate clandestino, dentro do carro, e foi atingido por uma carreta, e você não conseguia distinguir o que era vaca do que era gente.

Yan lembrou de quando estava fotografando a destruição causada por um ataque russo que deixou dezenas de mortos na cidade ucraniana de Izium⁶. Mesmo com tantos corpos destroçados, ele não sentiu nada, e acha que essa ausência de repulsa, ou choque, se deve ao fato de estar acostumado com a violência explícita, “ela não é tão impactante assim”. Depois de fotografar, um dos correspondentes disse que estava morto de fome e chamou os outros para irem almoçar, e eles foram. Yan se recorda de pensar “Caralho, a gente é um bicho estranho, né?”. Toda aquela gente morta e eles apreciando a culinária ucraniana.

⁶ Imagine Izium como um ponto no meio de uma folha de papel. Acima, Kharkiv/Carcóvia, à esquerda, Dnipro e Zaporizhzhya/Zaporíjia, abaixo, Donetsk, e à direita, Luhansk.

Além do sangue frio para reportar a violência do mundo, o jornalista que quer ser correspondente deve ter outras características, como estar aberto para as diferenças, para trabalhar num mundo plural, e entender que:

— Toda guerra é contada a partir de uma perspectiva maniqueista, um discurso do bem contra o mal, e que você sempre está do lado do bem. Porque toda vez que você é levado ao *front*, tem alguém querendo que você conte a história sobre a perspectiva dele. Sempre. Então todo jornalista em área de conflito é um instrumento de propaganda daquele lado. E quando você cobre o conflito pelos dois lados, você vê que o método, a visão, o discurso, a narrativa dos dois lados, são exatamente os mesmos. “Aqui nós somos o bem combatendo o mal”. Não há espaço para compreensão. Não há espaço para debate. É a única maneira de fazer com que as pessoas peguem armas e matem outros seres humanos. Você tem que desumanizar o teu inimigo. Então, eu acho que para ser um correspondente nessas situações, é preciso, antes de tudo, entender isso, que você é um instrumento de propaganda e que a mentira é parte desse discurso. Não dá para comprar tudo (no sentido de aceitar os fatos apresentados por um dos lados), apesar das pressões.

Em algum momento dessa conversa, me referi a Yan como “correspondente de guerra”, coisa que ele não se considera, porque trabalha com outros temas além da cobertura de conflitos. Ele é um jornalista que vai à guerra, de vez em quando. Depois de muitas perguntas, chego na minha parte favorita dessas entrevistas, o ping pong.

Pense rápido!

Qual foi a melhor cobertura, a mais emocionante? *Mossul, no Iraque*.
E a pior? *Nagorno-Karabakh, a guerra entre Armênia e Azerbaijão*,
porque eu peguei covid, foi um horror.

Correspondência internacional em uma palavra. *Viver mundos diferentes*.

Um livro. *A América e os americanos, de John Steinbeck*.

Um filme. *Notturmo, documentário italiano sobre o Oriente Médio*,
filmado por Gianfranco Rosi. Me impactou muito nos últimos anos.

Fotojornalistas favoritos. *James Nachtwey, Mauricio Lima, Gilles Peress*.

Um país. Irã. *Foi um país que transformou minha vida. É lindo. As pessoas são muito legais, tudo ao contrário do que você já ouviu falar sobre muçulmanos radicais, é só amor.*

Melhor conselho. *Uma vez eu encontrei o Robert Fisk⁷ numa palestra no Canadá. (O YAN CONHECEU ROBERT FISK!!!) Ele falou assim: “Se você vai cobrir guerra, não tente saber quem é o general, quem são as melhores fontes. Leia História. Sem ontem não tem hoje”. Acho que esse foi um dos grandes conselhos que eu recebi na vida. E você leu história? Eu leio constantemente. Acho que é uma arma para escapar do discurso maniqueísta, escapar de ser um mero instrumento de propaganda. Entender a raiz dos conflitos é muito importante para entender como as coisas estão hoje.*

Pior conselho. *Foi de um fixer no Iraque, a gente estava sendo bombardeado, ele falou para mim: “Não se preocupe, porque Deus sabe a hora de cada um”. Aí eu falei: “Não, teu Deus é diferente do meu, vamos embora daqui agora”.*

Você teve algum mentor que te deu os conselhos certos? *Eu tive vários chefes que me ajudaram muito na vida. Cida Damasco, na Gazeta Mercantil. Maria Cristina Fernandes, no Valor Econômico. Delmo Moreira, na revista IstoÉ. Foram três pessoas que me ajudaram a entender melhor o que é jornalismo.*

Você tem algum sonho? *Sim, ficar rico. Quero parar de trabalhar. É um sonho muito justo.*

Melhor entrevista. *Ah, não sei, nem ideia.*

Está satisfeito com seu salário? *Eu tô satisfeito com meu salário, tô satisfeito com o que eu tenho ganho nos últimos anos, gostaria de ganhar um pouco mais, mas o problema é a instabilidade.*

O valor, em dólar, que um jornal paga por uma matéria equivale à diária de um fixer, então a conta não fecha para o jornalista: para juntar dinheiro entregando matérias, é preciso juntar dinheiro antes de começar e entregar pelo menos uma matéria por dia. É um investimento na própria carreira, que a longo prazo pode dar retorno, visibilidade e recompensa pessoal.

Tem algum evento histórico que você gostaria de ter participado da cobertura? *Tem. Eu gostaria de ter estado em Cabul quando o Talibã reassumiu o poder, em agosto de 2021.*

⁷ Jornalista e escritor britânico que foi correspondente internacional no Oriente Médio para o jornal The Independent. Ele faleceu em 2020.

Em 15 de agosto de 2021, o grupo fundamalista islâmico Talibã retomou o poder do Afeganistão depois de cercar e invadir a capital Cabul; o então presidente Ashraf Ghani fugiu do país e o grupo considerado terrorista assumiu o governo. O Talibã surgiu na fronteira do Afeganistão com o Paquistão, quando o país estava em guerra civil na década de 1990, e defendia a criação de um governo que seguisse as leis do islamismo, a Sharia. Seus fundadores eram conhecidos como mujahidin e tinham lutado contra a ocupação das forças soviéticas no país. A palavra “talibã” significa “estudantes” na língua pashto, da tribo pashtun do Afeganistão e do Paquistão. Depois que os EUA se retiraram, o caminho até o governo ficou aberto ao Talibã, que continua adotando restrições às mulheres e cometendo violações aos direitos humanos baseadas em uma interpretação extremista do islamismo.

Do que você tem medo? *Tenho medo de virar motorista de Uber. Mas uma viagem de Uber com você seria muito interessante. Tenho medo de não ter mais trabalho, de morrer cedo, não deixar meus filhos preparados para a vida, mas acho que eles estão, de qualquer maneira. De não terminar com dignidade.*

Você se considera famoso? *Não! Só no Serasa.*

Você é parente do Ricardo Boechat? *Nós trabalhamos juntos na IstoÉ, na Band, e o pai dele é primo de segundo grau do meu avô, um negócio assim.*

Um erro da profissão. *Ah, tem vários. Errei o tom de várias matérias. Mas é difícil olhar para o passado com o que a gente sabe hoje.*

A África é tão precária quanto a mídia faz parecer? *É bravo. África é bravo. O Congo é bravo. Brabíssimo. Sudão é bravo. Etiópia, não é fácil. Eu me lembro da primeira experiência no Congo, faz 12 anos, sei lá. Eu tive a impressão de estar num lugar pré-revolução industrial. É barra pesada lá. E o norte da África? Líbia, Tunísia, Egito? É melhor, mas é uma zona do caralho. Puta merda, eu odeio Cairo. Tunísia é legal, Tunísia é bacana.*

Você tem algum conselho para jornalistas que estão se formando e querem ser correspondentes? *Vai. Acho que é o melhor conselho que tem, se você quer ir, vai. Não fica aqui esperando a hora certa de ir, que não tem. Tem que ir, é difícil, mas é muito bom.*

Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria que eu tivesse perguntado? *Não, uma entrevista muito bem feita.*

Ah, só uma coisa antes que eu esqueça, eu entrevistei o Sérgio Utsch do *SBT* e pedi a ele umas dicas de jornalistas que deveria acompanhar. E ele falou que era um grande fã do seu trabalho. *Ah, é? Que bom. Fico feliz. Você conhece ele pessoalmente? Conheço, sim. A gente já se encontrou aqui em São Paulo, e na Ucrânia, eu acho.*

Uma hora, vinte e sete minutos e nove segundos depois, nos despedimos com fome, já que essa entrevista começou ao meio-dia. Algumas horas mais tarde, eu percebi que esqueci de perguntar como ele tinha machucado o dedo mindinho.

Eu conhecia o Yan de nome e sabia que era fotojornalista *freelancer*, mas não havia incluído ele na lista de correspondentes justamente porque ele não é um correspondente propriamente dito. Yan não mora fora e trabalha para um único veículo brasileiro. Ele reside aqui e colabora para várias empresas, nacionais e estrangeiras, e calhou de, durante a apuração para este texto, ele colaborar mais frequentemente para uma empresa norte-americana. O primeiro contato foi pelo *Instagram*; havia um endereço de e-mail e até um número de telefone, mas imaginei que fossem desatualizados. Yan respondeu minha mensagem rapidinho, topando participar do projeto. Perguntei sua disponibilidade para aquela semana ou a seguinte, e sua resposta foi *“Stella, eu tô na Ucrânia agora. Como tá teu prazo? A partir do dia 17 tô no Brasil. Acho que fica mais fácil”*. Acha? Eu tinha certeza que seria mais fácil entrevistá-lo no horário de Brasília do que no de Kiev.

Duas semanas depois, Yan retornou ao Brasil e eu retomei o contato. A entrevista por vídeo chamada foi marcada e aconteceu no mini estúdio de gravação dentro da redação de jornalismo da Rádio Unesp FM. Do lado de fora da redação, a equipe da rádio fazia uma festinha de carnaval adorável, com muita comida e marchinhas antigas. Eu pedi licença e fui para o estúdio. Segundos antes de Yan entrar na chamada, lembrei de tirar a máscara de papelão dourado do rosto. Seria muito anti profissional entrevistar um jornalista que acabara de voltar de guerra usando uma máscara de carnaval.

Referências

1. Guerra no Afeganistão

a. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/16/entenda-a-guerra-no-afeganistao.ghml>

b. <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-afeganistao.htm>

c. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Afeganist%C3%A3o_\(2001%E2%80%932021\)#::~:~:text=A%20Guerra%20do%20Afeganist%C3%A3o%20foi,outros\)%2C%20ao%20regime%20Talib%C3%A3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Afeganist%C3%A3o_(2001%E2%80%932021)#::~:~:text=A%20Guerra%20do%20Afeganist%C3%A3o%20foi,outros)%2C%20ao%20regime%20Talib%C3%A3).

2. Talibã

a. <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-afeganistao.htm>

b. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/15/o-que-e-o-taliba.ghml>

c. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/15/presidente-do-afeganistao-deixa-o-pais-diz-imprensa-local.ghml>

3. Queda de Bashar al-Assad

a. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/conflito-na-siria-veja-linha-do-tempo-da-queda-do-regime-de-bashar-al-assad/>

b. https://pt.wikipedia.org/wiki/Queda_do_regime_de_Bashar_al-Assad

c. <https://www.youtube.com/watch?v=y-esXw0Un2w>

Fabio Turci em Washington D.C.
Arquivo pessoal



A realização de um sonho

Fabio Turci - entrevista concedida em 17 de março de 2025

— O “Sem Fronteiras” está em Selma, 50 anos depois da morte de Martin Luther King, o mais importante líder do movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Viemos entender como estão as tensões raciais hoje. A ponte “Edmund Pettus” leva o nome de um supremacista branco, mas se tornou símbolo do movimento dos negros por igualdade. Em 1965, perto de 600 manifestantes negros partiram desta igreja, em Selma, rumo à capital do Alabama, Montgomery. Seria uma marcha de mais de 80km para reivindicar o direito dos negros de votar [...] Logo no segundo quilômetro da marcha, os manifestantes chegaram à ponte e viram, do outro lado, uma barreira de policiais com a ordem de não deixar que eles passassem. Os policiais fizeram o que mais sabiam fazer diante de manifestantes negros (a reportagem mostra o vídeo do acontecimento, em que policiais agridem as pessoas que terminam de atravessar a ponte). Aquele dia entrou para a história como o “Domingo Sangrento”, e o que foi feito para barrar acabou levando o movimento adiante. Duas semanas depois, com Martin Luther King à frente, 25 mil manifestantes se reuniram e chegaram a Montgomery. [...] Quando o Dr. King foi assassinado em Memphis, no Tennessee, há exatos cinquenta anos atrás, os Estados Unidos estavam mais perto de corrigir a sua história de escravidão, segregação e desigualdade econômica entre brancos e negros. Sim, a história mudou dali para frente, mas quanto?¹

Este é um trecho da série de reportagens que o jornalista Fabio Turci fez, em abril de 2018, para homenagear o aniversário de morte do pastor e principal líder do movimento negro nos Estados Unidos, Martin Luther King Jr. Nessa época, Fabio ainda trabalhava para a *Rede Globo* e era correspondente em Nova York. Essa série de reportagens sobre o ativista foi exibida na *Globo News*, no *Fantástico* e nos telejornais *Jornal Nacional*, *Jornal Hoje*, *Jornal da Globo* e *Bom Dia Brasil*. Fabio é um homem branco de rosto retangular e queixo quadrado, com cabelo e olhos castanhos mais claros do que escuros. Ele usa óculos de lentes retangulares com armação preta e fina. Hoje com 50 anos, mora em São Paulo com a família e apresenta o jornal *Radar* do canal *Times Brasil Exclusivo CNBC*.

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/sem-fronteiras/video/sem-fronteiras-a-realidade-de-selma-50-anos-apos-a-morte-de-martin-luther-king-6643593.ghtml>

O começo

As salas de aula onde eu estudo são as mesmas salas em que Fabio estudou, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) - Câmpus de Bauru. Quando o curso de Jornalismo organizou a edição da Semana de Jornalismo em comemoração aos 35 anos do curso em 2019, e posteriormente em 2023, ele foi um dos convidados. Um pouco antes da sua mesa de conversa, a equipe percebeu que ele não estava em lugar nenhum, mas em cima da hora Fabio apareceu. Disse que estava apenas passeando pelo câmpus para matar a saudade, e brincou que aquelas carteiras das salas 70 eram as mesmas, talvez exatamente as mesmas, que ele e seus colegas se sentaram entre 1994 e 1997.

Nascido em Pindamonhangaba, interior do estado de São Paulo, o jornalista nem sempre quis ser correspondente internacional, a vontade veio um pouco depois, ao acompanhar as coberturas de colegas que moravam fora. Em Bauru, Fabio (sem acento mesmo) começou a trabalhar como produtor na antiga *TV Modelo*, atual *TV TEM*, afiliada da *Globo* na região. Em 2001, ele voltou para o Vale do Paraíba para trabalhar na *TV Vanguarda* de São José dos Campos, também afiliada da *Globo*, criada pelo empresário José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.

— Eu passei a ter vontade de ser correspondente no 11 de setembro de 2001, no episódio das Torres Gêmeas. Na época, eu era apresentador em Bauru, e estava de férias em São José dos Campos, na casa dos meus pais. Naquele dia, a *Globo* interrompeu a programação e colocou no ar um plantão do *Jornal Hoje* ancorado pelo Carlos Nascimento e pela Ana Paula Padrão. Foi uma programação extensa, o dia todo, eles deram um show de transmissão. Aquilo me despertou a vontade de ser correspondente, de entender e acompanhar os assuntos internacionais de perto, de morar fora. Foi tudo isso junto que nutriu esse sonho.

No dia 11 de setembro, membros do grupo terrorista Al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais: dois colidiram intencionalmente com as Torres Gêmeas (do World Trade Center) em Nova York, um colidiu contra o Pentágono, a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e o quarto avião caiu em campo aberto no estado da Pensilvânia. 2.996 pessoas morreram. Todos os passageiros a bordo das quatro aeronaves, os dezenove membros do grupo terrorista e aqueles que estavam nas torres, que desmoronaram após os ataques. A resposta

americana ao atentado foi a “Guerra ao Terror”, do presidente George W. Bush, que resultou na invasão do Afeganistão. O líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, acusado pelo governo de ser o idealizador do ataque, estava escondido no Afeganistão sob a proteção do grupo Talibã. Ele foi morto pelos soldados americanos em maio de 2011, no Paquistão. Hoje, há um memorial às vítimas onde ficavam as torres, e um novo prédio foi construído, o One World Trade Center.

A progressão da carreira foi natural: coberturas de fim ano pelo Litoral Norte, reportagens para o *Jornal da Globo* e *Fantástico*, repórter da *SPTV* e do *Bom Dia São Paulo*, entradas no *Globo News*, até ser efetivado como repórter do *Jornal Hoje*, em 2004. Depois de dez anos de muita reportagem e várias conversas com as chefias da empresa, Fabio foi “promovido” a correspondente em Nova York, onde morou com sua família durante quatro anos, de 2014 até dezembro de 2018.

— Passar para correspondente é uma espécie de promoção na carreira, um reconhecimento ao trabalho do repórter à medida que ele evolui. Eu já tinha falado com a minha chefia sobre essa vontade, porque você precisa dizer para o seu chefe que você quer ser, né, até para você entender o que precisa desenvolver no seu trabalho para conseguir esse objetivo, e a chefia avalia se aquele repórter atingiu um nível de maturidade necessário para ocupar essa posição fora do país.

Até 2018, pelo menos, os correspondentes ficavam de dois a quatro anos no exterior, voltavam, e outro repórter era enviado. Mas parece que nos últimos anos esse rodízio parou de acontecer, porque agora os jornalistas estão passando mais tempo fora. Depois que retornou ao Brasil, Fabio assumiu a função de apresentador, geralmente do *Jornal da Globo* ou das edições matutinas do *SPTV*, e continuou a produzir reportagens, muitas sobre direitos humanos e preconceito.

Em 2023, o jornalista foi demitido da *Rede Globo* e passou a se dedicar ao podcast *Existo*, que conta a história de vida “de pessoas invisibilizadas por sua cor, classe social, orientação sexual, identidade de gênero etc”. Um trabalho extenso de reportagem para tentar “substituir estereótipos e preconceitos por respeito e admiração”, como está descrito no Spotify². Em novembro de 2024, Fabio voltou para a frente das câmeras como apresentador do *Times Brasil* e, sem deixar de lado sua experiência de correspondente, cobriu *in loco* a posse do presidente Donald Trump, em janeiro de 2025. Este perfil é apenas um recorte desta carreira de duas

² Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4kBlqh5maZ88jJPa28KRsr?si=2ecf7216c2544732> e no YouTube em: www.youtube.com/@existo.podcast.

décadas, um recorte de quatro anos sobre como foi ser correspondente em um dos principais escritórios brasileiros de jornalismo fora do país. Com você, caro leitor, Fabio Turci, meu veterano.

A realização do sonho

Aos interessados em trabalhar como correspondente, há três habilidades que precisam ser dominadas. Primeiro, o idioma do país para onde se quer ir, afinal de contas, é você quem vai realizar as entrevistas e apurar informações. Segundo, um repertório sólido de conhecimento geral: economia, geopolítica, relações comerciais, eventos diplomáticos, História pós Segunda Guerra Mundial, conflitos etc. Terceiro, ter jogo de cintura, ser versátil e proativo para fazer as pautas acontecerem. E em quarto lugar, não que precisasse esclarecer, ser um bom repórter, ter bom texto, saber entrevistar, fazer edição de áudio e de vídeo, ser capaz de montar a reportagem do início ao fim. Com um pouco de sorte, oportunidade e coragem, pode ser que chegue o momento de lidar com vistos, documentos e pautas em outra língua. O correspondente parece gostar de complicar as coisas.

Em um escritório como o da *Globo* em Nova York, os jornalistas trabalham com dois tipos de cobertura, um mais legal e menos frequente, outro menos empolgante e mais frequente. Na maioria dos dias e das pautas, utiliza-se o conteúdo das grandes agências de notícias; cada correspondente fica responsável por um conjunto de temas, ou de países, e utiliza o conteúdo disponível para redigir os textos.

— Nesses escritórios internacionais, você cobre uma região, e não um só país, então nem sempre se vai até os lugares, aliás, normalmente, você não vai. É um trabalho quase que de editor, em vez de repórter. E como é que era? Aquela pauta era atribuída para mim, eu entrava nas agências de notícias, fazia uma busca, como se fosse um Google, e recebia o material disponível: fotos, informações e vídeos. O texto é meu, mas baseado em imagens e informações que a agência aprovou. E aí você faz uma entrevista, vai para rua e grava uma passagem.

O outro tipo de cobertura, um pouco mais empolgante, envolve comprar passagens, enfrentar fuso horários e fazer uma viagem de três dias para o Vietnã para cobrir uma visita de Estado do presidente. Aí sim acontece um trabalho de “reportagem propriamente dita”; a viagem é possível porque o evento é excepcional, o lugar da matéria é na sua própria

cidade, ou a cobertura vai ser extensa.

Quando pergunto das primeiras coberturas presenciais que fiz nos Estados Unidos, Fabio cita duas ocasiões: a visita de Estado da então presidente Dilma Rousseff à Cidade do México, em maio de 2015, para tratar de acordos comerciais, e a visita do Papa Francisco à Filadélfia, no estado da Pensilvânia, em setembro do mesmo ano, em razão do VII Encontro Mundial das Famílias. Mas nem tudo são flores. Algumas coberturas, mesmo sem envolver qualquer conflito armado, oferecem riscos e perrengues suficientes para dar um frio na barriga.

Em 2016, Fabio ficou sabendo do desaparecimento de um grupo de brasileiros que tentava imigrar ilegalmente para os EUA. Para isso, eles contrataram coiotes (gíria para quem é traficante de pessoas, especificamente de migrantes), que também eram brasileiros, e se encontraram nas Bahamas, um país e arquipélago próximo ao estado da Flórida. Os viajantes se hospedaram com os coiotes alguns dias até o momento da travessia de barco. É preciso esclarecer que os coiotes cobram valores absurdos por esse serviço e a viagem é sempre muito arriscada: barcos pequenos e precários, lotados de imigrantes, sem qualquer tipo de responsável, que muitas vezes acabam à deriva, e naufragam. Na ocasião, a travessia começou e nunca terminou. Os emigrantes seguem desaparecidos até hoje. Para investigar essa história, Fabio e um cinegrafista foram até Nassau, capital das Bahamas, contrataram um casal de *fixers* e foram procurar pela casa dos coiotes onde os brasileiros se hospedaram; Fabio já tinha o endereço.

Ao chegar no condomínio, os *fixers* disseram que não entrariam com eles, porque “tem muito funcionário do governo, se eles ficaram aí, provavelmente tem gente perigosa envolvida”. Quando Fabio e o repórter cinematográfico responderam que entrariam de qualquer forma, o casal cedeu e os acompanhou. O combinado era deixar a van em que estavam do lado de fora, pronta para fuga caso desse algum problema. Como tudo que está ruim sempre pode piorar, ao manobrar a van, o motorista passou por cima de um toco de árvore e furou os pneus. Enquanto aguardavam o funcionário da seguradora chegar, Fabio e o cinegrafista foram fazer algumas imagens.

— Houve um momento que a gente começou a se sentir mais seguro ali, o tempo passou, nada aconteceu, e a gente decidiu descer da van. Fomos até a fachada do condomínio filmar. Nessa hora, chegou uma moradora e perguntou o que estávamos fazendo, e nós perguntamos sobre

os brasileiros. Ela saiu incomodada com as perguntas. Foi um pouco estranho, mas gravamos, trocamos o pneu da van e conseguimos sair.

Em seguida, a equipe foi até um porto da cidade de onde costumam partir as embarcações de imigrantes e perguntaram pelo comandante do barco, que deveria ter terminado a travessia. O clima ficou pesado, a atitude foi arriscada e havia a possibilidade de alguns daqueles pescadores e estivadores serem os coiotes.

Outra fria que Fabio passou foi durante a filmagem de uma base militar, embora ele não tenha se lembrado para qual matéria, nem porque estavam lá.

— Quando chegamos e começamos a filmar, os militares saíram furiosos, nos levaram para dentro e ficamos lá durante um tempo. Eles queriam entender qual era a pauta, estavam muito hostis com a gente. Explicamos do que se tratava, mostramos as imagens e tivemos que apagá-las. Depois de ouvir muita bronca, fomos liberados. Foi um momento bem tenso, porque você está em outro país e não sabe exatamente quem são aqueles militares, se eles são corruptos ou não.

Quando mencionei os estereótipos que envolvem jornalistas correspondentes — neuróticos, falsos, arrogantes, egoístas, solitários e bêbados — Fabio ficou um pouco bravo, “estereótipos são enganações, quando você toma o todo por uma parte, você certamente está cometendo injustiças”. Para ele, essas definições são equivocadas, e atribuem características pejorativas aos jornalistas por causa de um imaginário criado ao redor do profissional que, supostamente, caça desgraças, se alimenta do sofrimento alheio e mistura bebida alcoólica na xícara com café. Até podem existir pessoas que sejam assim, e jornalistas também, mas definitivamente não define os profissionais brasileiros com quem trabalhou.

Enquanto era correspondente, a escolha das pautas era um processo de mão dupla: tanto os jornalistas como os editores de cada jornal sugeriam assuntos para reportagens. Então, a equipe de produção do jornal selecionava uma pauta de algo que estava acontecendo nos EUA, e pedia a reportagem para o escritório de Nova York. Mas também acontecia o contrário, do escritório levantar um tema e oferecer aos telejornais até que um aceitasse.

Ao contrário do que outros correspondentes relataram, Fabio tinha uma rotina bem definida e sem grandes imprevistos. Ele e os colegas costumavam trabalhar em escalas: “tinha o repórter que entraria mais cedo para fazer o *Jornal Hoje*, um que entraria um pouquinho mais tarde

para o *Jornal Nacional*, e o que entraria mais tarde que todos para fazer o *Jornal da Globo*”, e assim seguia semana após semana. Mas Fabio também contou com o apoio e ajuda da esposa que, por questões de visto, não podia trabalhar nos Estados Unidos e ficou mais tempo em casa, cuidando das crianças. Ela também aproveitou esse período para fazer uma pós-graduação na Universidade de Nova York. Chique.

O jornalista explica que a dificuldade, ou facilidade, de organizar uma rotina está relacionada à estrutura, ou falta dela, que os correspondentes têm mundo afora. Em Nova York, havia uma equipe de produtores, cinegrafistas e técnicos para ajudar os correspondentes no dia a dia. Mas para quem está sozinho, esse apoio é praticamente inexistente: cabe ao correspondente contratar um cinegrafista, locar equipamento, comprar passagens, fazer reservas, correr atrás das entrevistas e produzir a matéria, então pode ser perrengue mesmo, e muito mais trabalho.

E há, para o correspondente internacional, mais um desafio a ser superado, entre os tantos superados diariamente: a tradução do que acontece lá fora para o público que está aqui dentro. E não só traduzir o idioma, mas ser capaz de explicar a complexidade de uma série de tópicos distantes desse público e qual é a relação que isso tem com a vida de todos os brasileiros.

Fabio também percebeu mudanças drásticas no jornalismo nos últimos dez anos, e destacou que a principal mudança, infelizmente negativa, é a precarização do trabalho. Em parte, isso se deve à ascensão das mídias digitais que desviaram da imprensa tradicional os recursos dos anunciantes, resultando na queda de verba publicitária que contribuiu para a crise financeira do jornalismo. Outra alteração foi a renovação, em termos de idade, dentro das redações, com a demissão de jornalistas que trabalham há mais tempo e recebem salários mais altos.

— Isso acelerou o rejuvenescimento da redação. Você precisa ter o profissional de 60 anos, o profissional de 50, de 40, de 30 e o trainee ou estagiário. Isso é importante porque enquanto o profissional mais experiente se prepara para sair, ele continua compartilhando a sua experiência para quem vem depois, e os mais jovens vão absorvendo isso. Se, de repente, você ceifar essas camadas mais velhas e ficar com uma redação muito jovem, você vai perder as referências, os profissionais em quem se inspirar. Eu lembro muito disso quando entrei na Globo, olhava para o lado e só via jornalistas tarimbados, que eu admirava demais, que já via na televisão há muito tempo. E aprendi muito convivendo com essas

pessoas, observando de perto o trabalho delas.

Fabio considera os quatro anos de correspondente como a realização de um sonho e a consolidação de um esforço pessoal e profissional que trouxe muito aprendizado, satisfação e orgulho. Também foi uma oportunidade de presenciar o início de algumas mudanças no cenário político internacional, como a primeira eleição de Donald Trump, em 2016. Inclusive, com a ajudinha de uma produtora da *Globo*, Fabio e o repórter cinematográfico Lúcio Rodrigues viajaram em um dos aviões da equipe de Trump e acompanharam de perto os últimos dias da campanha presidencial que terminou com a vitória do republicano.

Quatro “grandes, importantes e desafiadoras” coberturas impactaram o jornalista ao longo dessa temporada nos Estados Unidos. Em 2016, cobrir o fim da campanha de Trump — “passamos três dias voando e acompanhando os compromissos dele em quatro estados diferentes” — com certeza foi um desses momentos em que o correspondente se encontrava em um lugar muito privilegiado de testemunha da História. No entanto, a História não é feita só de conquistas e comemorações. No mesmo ano, em junho, aconteceu um dos maiores massacres do país, quando 49 pessoas foram assassinadas na Boate *Pulse*, em Orlando, no estado da Flórida. A casa noturna era frequentada pela comunidade LGBTQIAP+, e o governo da época classificou o atentado como terrorismo e crime de ódio. O atirador fez reféns dentro da boate e foi morto no local pelos policiais.

— Eu passei quatro dias em Orlando, cobrindo o entorno daquela boate e o drama das famílias e amigos que foram até lá, foi muito triste. Eu me lembro da minha esposa me telefonar no intervalo entre um jornal e outro para perguntar como eu estava, e eu não consegui responder. Foi muito pesado, muito difícil.

Em outubro do ano seguinte, um massacre ainda maior aconteceu durante o festival de música country *Route 91 Harvest Festival*, em Las Vegas; foram 59 vítimas. O atirador estava no 32º andar do cassino e hotel *Mandalay Bay*, nos arredores do festival. Ele cometeu suicídio antes dos policiais chegarem ao seu quarto, onde foram encontradas armas e munições. O Estado Islâmico reivindicou a autoria do ataque, afirmando que o atirador havia se juntado ao grupo meses antes. No entanto, a polícia federal americana, o FBI, relatou que não havia indícios de envolvimento do grupo terrorista no caso. Durante essa cobertura, Fabio entrou ao vivo no *Estúdio I* da *Globo News*, apresentado pela jornalista Maria Beltrão

na época, e se emocionou a ponto de não conseguir terminar a matéria.

— Eu estava conversando com a Maria e na hora chegou um casal que tinha perdido 10 amigos naquele tiroteio. Eles depositaram flores na calçada, tipo um memorial, se abraçaram e começaram a chorar. E na hora que eu vi a cena, parei de falar, me emocionei e não consegui continuar. A Maria, com toda a experiência e presença de espírito, percebeu e começou a narrar. Ela assumiu durante algum tempo, para eu me recompor, e aí me chamou de volta. Existem momentos em que, mesmo com toda a experiência que a gente tem, a emoção vem.

Para marcar os 50 anos da morte de Martin Luther King Jr., Fabio propôs à redação uma série especial de reportagens sobre direitos civis, racismo e o movimento negro americano. Com a ajuda dos produtores, agendou entrevistas com políticos e com o filho do Dr. King. Na companhia de um cinegrafista, ele viajou pelo país para filmar lugares importantes para o movimento, como a igreja de Selma, cidade do Alabama, e o Museu Nacional dos Direitos Civis, na cidade de Memphis, Tennessee. Em abril de 1968, o museu ainda era um hotel, e foi numa de suas varandas que King foi baleado e morreu.

— A cobertura sobre Martin Luther King teve dois lados. Por um lado, estávamos narrando a história de um herói que protagonizou a luta contra o racismo nos Estados Unidos. Ele foi assassinado na varanda de um hotel, que virou um museu lindíssimo. A varanda é um local fechado, você enxerga pelo vidro, mas não passa por ela. Então eu conversei com uma pessoa da equipe do museu e perguntei se poderia chegar até ali e fazer uma imagem. E ela disse “OK, pode ir, mas tem que ser rápido”. Então eu, literalmente, pisei onde ele foi assassinado, foi muito estranho estar num lugar onde uma pessoa como ele foi morto. E, por outro lado, foi também uma cobertura de momentos muito bacanas, por enaltecer aquele heroísmo e aquela luta por direitos iguais. Eu entrevistei o filho mais velho dele, que não é uma pessoa pesarosa, é alegre e orgulhoso do trabalho do pai.

Reportagens e coberturas como essas deixaram a sensação de “dever cumprido” quando Fabio retornou ao Brasil, “voltei orgulhoso do trabalho que eu tinha feito, voltei leve, feliz”. A volta foi uma decisão da família, que envolveu a carreira de sua esposa e a educação dos filhos. Depois de quase uma hora de conversa, porque não pareceu uma entrevista, sigo para as perguntas rápidas, que sempre trazem curiosidades, dicas e recomendações.

Pense rápido!

Correspondência internacional em uma palavra. *Sonho realizado.*

Um livro. *Um livro importante para correspondentes, chama-se “A crise de 2008 e a Economia da Depressão”, do Paul Krugman, colunista do The New York Times, ganhador do Prêmio Nobel de Economia. É um livro que esclarece muito sobre essa crise e fala de outras crises passadas no mundo, acho que é um belo guia para um correspondente entender mais sobre economia, sobre como as crises econômicas acontecem e como várias crises impactam vários países.*

Um filme. *Ainda Estou Aqui.*

Uma banda (de rock). *Van Halen, que foi a banda da minha adolescência, a banda da época em que eu fazia faculdade.*

Um país que você adorou. *Suíça.*

Uma cidade. *Bauru.*

Qual foi o pior conselho que você recebeu? *Nossa. Não sei se eu tive um pior conselho. Teve um melhor conselho? Eu tive um conselho da minha esposa que foi muito importante, para ser mais proativo, correr atrás dos meus sonhos, fazer mais pelos meus sonhos.*

Qual foi a melhor entrevista que você já fez? *Eu diria que as entrevistas para o Existo. Porque são 100% focadas na história daquela pessoa, com tempo e interesse legítimo em ouvir essas histórias, coisas que, no dia a dia do jornalismo, normalmente não dá tempo. Acho que as melhores entrevistas foram as que eu fiz para o Existo.*

Lista de personalidades entrevistadas por Fabio: Kirk Hammet, guitarrista da banda Metallica, Jared Leto, ator e vocalista da banda 30 Seconds to Mars, Jon Bon Jovi, Roger Waters, baixista e vocalista do Pink Floyd, George Ezra, Ozzy Osbourne, vocalista do Black Sabbath, e Milton Nascimento; do cinema, Will Smith, Rami Malek, Denzel Washington, Gal Gadot, e da saga *Star Wars*, Harrison Ford, que interpretou o piloto Han Solo, e Mark Hamill, que deu vida ao protagonista e *jedi* Luke Skywalker.

Você já foi hostilizado por ser brasileiro ou latino-americano? *Eu já fui ignorado solenemente, menosprezado, vamos dizer. Uma vez eu estava na Quinta Avenida fazendo entrevistas, parei uma senhora e perguntei se eu poderia entrevistá-la. Aí ela me olhou assim de baixo a cima e perguntou: “De onde você é”? Eu falei: “Do Brasil”. Ela virou as costas e saiu. Então assim, hostilizado por ser brasileiro, não, mas inferiorizado, algumas vezes, sim.*

Quando você era correspondente, você estava satisfeito com o seu salário? *Olha, a gente sempre pensa que pode ser mais, né?, ele responde rindo. Mas sim, a gente tinha uma vida confortável, morava num lugar bom, conseguia pagar o aluguel, sair de vez em quando.*

Tem algum evento que você gostaria de ter feito a cobertura? *Eu cobri as eleições, o Oscar, shows... Acho que não, acho que cobri de tudo.*

Você se considera famoso? Famoso? *Felizmente, não muito. Para mim a fama sempre foi um efeito colateral do trabalho em televisão, nunca gostei disso. Inclusive, eu não quis ser efetivado como apresentador, em parte, por isso também. Eu era apresentador eventual, substituto, e não queria um nível maior de exposição. Porque é algo que me incomoda, gosto de ir para os lugares, de comer fora com a minha família, quietinho, sabe, sem me sentir observado.*

Você é otimista ou pessimista com o futuro do jornalismo? *Difícil essa pergunta. Acho que mais otimista, até porque sou um apaixonado pelo jornalismo. Eu não consigo imaginar uma sociedade onde o jornalismo ainda não esteja presente. Talvez ainda mude muito, talvez se digitalize ainda mais, talvez se pulverize em vários produtores de conteúdo e menos veículos de comunicação. Mas acho que sempre vai haver público para o jornalismo, acredito na resistência dele.*

Alguém já te falou que você é parecido com o boneco Xerife Woody, do filme Toy Story? *Até em casa eu ouço isso! Caímos na gargalhada.*

E assim encerrou-se o bate-papo com o jornalista Fabio Turci: unes-piano, veterano, apresentador do canal Times Brasil e ex-correspondente da Rede Globo em Nova York.

Referências

1. Série de reportagens dos 50 anos de morte de Martin Luther King Jr.
a. <https://g1.globo.com/mundo/edicao/2018/04/04/50-anos-da-morte-de-martin-luther-king.ghtml>
2. Assassinato de Martin Luther King Jr. não enterra sonho de igualdade racial
a. <https://g1.globo.com/fantastico/video/assassinato-de-martin-luther-king-jr-nao-enterra-sonho-de-igualdade-racial-6627410.ghtml>
3. EUA conseguiram evitar mais de 50 atentados desde o 11 de setembro
a. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/video/eua-conseguiram-evitar-mais-de-50-atentados-desde-o-11-de-setembro-5408792.ghtml>
4. Campanha de Trump pede doações na reta final das eleições
a. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/video/campanha-de-trump-pede-doacoes-na-reta-final-das-eleicoes-5427860.ghtml>
5. Sem Fronteiras: A realidade de Selma, 50 anos após a morte de Martin Luther King.
a. <https://g1.globo.com/globonews/sem-fronteiras/video/sem-fronteiras-a-realidade-de-selma-50-anos-apos-a-morte-de-martin-luther-king-6643593.ghtml>
6. Atentado à boate Pulse
a. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-06/massacre-em-boate-de-orlando-e-um-dos-maiores-da-historia-norte>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Orlando
b. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/policia-de-orlando-divulga-imagens-do-massacre-na-boate-pulse.ghtml>
7. Atentado ao festival de música em Las Vegas
a. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/policia-investiga-relatos-de-atirador-em-casino-em-las-vegas.ghtml>
8. Atentado às Torres Gêmeas
a. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2x03150g7o>
b. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/atentado-do-11-de-setembro-completa-23-anos-confira-principais-dados-do-ataque/>
c. https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques_de_11_de_setembro_de_2001#V%C3%ADtimas



Luciana Taddeo em Buenos Aires
Arquivo pessoal

Eu lembrei que era feliz em Buenos Aires

Luciana Taddeo - entrevista concedida em 15 de fevereiro de 2025

— Olá, sou Luciana Taddeo, correspondente de América Latina pra CNN Brasil. A gente tá há mais de dez dias aqui na capital venezuelana, acompanhando o processo eleitoral, e a situação está cada vez mais difícil desde que o Conselho Nacional Eleitoral anunciou que Nicolás Maduro foi o vencedor das eleições presidenciais. Um resultado que é contestado pela oposição, liderada por María Corina Machado, e pelo candidato opositor, Edmundo González. Segundo a oposição, não houve acesso a todas as atas impressas pelas urnas de votação depois da eleição. A oposição diz que está em posse de 70% das atas com a totalização dos resultados, que essas atas dão vitória para Edmundo González e que, ainda que contassem os votos das atas que não tem em mãos, mesmo se o Maduro tivesse 100%, não seria o suficiente para reverter esse resultado de vitória de González. A oposição está saindo às ruas desde ontem, protestando contra esse resultado. Ontem teve confusão e repressão das forças de segurança. O Ministério Público afirma que há mais de 700 pessoas presas, houve ataques às instituições públicas e atos de vandalismo. O governo afirma que esses protestos são uma tentativa de desestabilização e de golpe de estado. Enquanto isso, a comunidade internacional também tem se pronunciado, pedindo a divulgação dos resultados desagregados, mesa por mesa, para que haja transparência no processo de contabilização dos votos. E o organismo mais importante de observação dessas eleições, o Centro Carter, saiu da Venezuela [...] os observadores deixaram o país, esses observadores que ontem exigiram a publicação imediata dos resultados, afirmando que era muito importante tanto para a observação internacional, quanto para os venezuelanos que exigem transparência no processo. Além dos opositores que estão protestando, o chavismo (ideologia do governo de Hugo Chávez, continuada por Maduro. A expressão é usada para se referir ao governo) pede que seus apoiadores saiam às ruas para defender o resultado. Então, há muito potencial de confusão, de mais feridos e até de mais mortes nas ruas da Venezuela enquanto essa situação não se solucionar.

Essa é Luciana Taddeo, como ela mesma se apresentou, correspondente de América Latina para a *CNN Brasil*. Esse vídeo foi divulgado nas

redes sociais no dia 30 de julho de 2024, dois dias depois da eleição, 28, e um dia depois do anúncio de vitória, e reeleição, de Nicolás Maduro, dia 29. As eleições venezuelanas sempre foram caóticas, mas desde a morte do presidente Hugo Chávez, em março de 2013, a situação só piorou. O governo venezuelano é uma ditadura mascarada de viés socialista, com um líder impopular para a comunidade internacional e “teoricamente” popular entre a “maioria” dos venezuelanos. Nos meses de campanha eleitoral, o governo cassou, um por um, os candidatos à presidência da oposição, inclusive María Corina Machado, até que sobrasse Edmundo González, que após a vitória/derrota, se exilou na Espanha.

Dessa última vez, Luciana passou três semanas em Caracas, capital do país onde morou por dois anos, 2013 e 2014, até não aguentar mais, literalmente. Além de ter tudo aquilo que os correspondentes apontaram como necessário para a função - domínio do idioma, experiência em reportagem e muito jogo de cintura - Luciana tem também um bom humor contagiante para encarar as pautas cabeludas da América Latina, inspiradas no realismo mágico da nossa literatura. Nesse mês de julho de 2024, ela tinha ainda mais uma vantagem em relação ao período em que morou no país: a passagem de volta para Buenos Aires, onde mora hoje, já comprada. Se bem que ela precisou ir primeiro para a Espanha para depois voltar para a Argentina. Mas isso, leitor, já é outra história.

Hugo Chávez foi presidente da Venezuela entre 1999 e 2013; foi eleito em 1998, seis anos depois de ter protagonizado uma tentativa mal sucedida de golpe de estado contra Carlos Pérez. Ele foi preso, anistiado, libertado e se tornou um homem da política, fundador do movimento bolivarianismo. Em 2012, os rumores sobre seu complexo estado de saúde se confirmaram, um câncer na região pélvica, e seu chanceler, Nicolás Maduro, assumiu a função de vice-presidente enquanto Chávez fazia algum tratamento em Cuba. Boatos dizem que ele faleceu na terra de Fidel Castro no fim daquele ano mas, oficialmente, sua morte foi anunciada no dia 5 de março pelo seu herdeiro político.

De acordo com a Constituição venezuelana, como as eleições haviam acontecido poucos meses antes, a presidência deveria ser assumida pelo presidente do Parlamento enquanto se organizava a campanha eleitoral. Mas o presidente do parlamento era o maior rival político de Maduro, que violou a carta magna para permanecer no cargo de vice enquanto realizava a campanha na qual ele mesmo era candidato. Só para recapit-

lar: de chanceler para vice, de vice para presidente interino e candidato à presidência, e de candidato a presidente eleito.

Nas últimas eleições, realizadas em 2024, Maduro perseguiu e cancelou a candidatura de sua principal opositora, María Corina Machado, que designou a professora Corina Yoris, de 80 anos, para seu lugar. A sucessora não conseguiu registrar sua candidatura junto ao Conselho Nacional Eleitoral e, no último minuto do segundo tempo, a oposição inscreveu o ex-embaixador Edmundo González Urrutia como candidato à presidência. Dois meses após o anúncio de vitória do herdeiro chavista, González deixou o país e pediu refúgio na Espanha, onde disse que permaneceria até a cerimônia de posse da presidência em Caracas, momento no qual assumiria o cargo. González não compareceu, não assumiu e Maduro exerce, agora, seu terceiro mandato como presidente da Venezuela.

O começo

Luciana é de São Paulo, tem 41 anos e mora em Buenos Aires desde 2016. cursou Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero e tem pós-graduação em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Na verdade, esta é a segunda vez que mora na capital argentina; da primeira vez, entre 2008 e 2013, foi para estudar espanhol. Seu plano era fazer aulas do idioma e conseguir um certificado de proficiência para fazer uma pós-graduação de Comunicação em Conflitos Armados, em Madrid, que acabou não dando certo. Anos depois, já em 2016, voltou porque lembrou que era feliz em Buenos Aires. A viagem para a Espanha ficou de lado quando lhe ofereceram um aluguel e surgiram algumas oportunidades de trabalho; ela deu aulas de português, foi revisora de texto e fazia um ou outro *freela* como jornalista.

— Meu desejo inicial era cobrir guerra, a doida. Acho que todo jornalismo tem um pouquinho disso, essa fantasia da cobertura de guerra, meio Yan Boechat, para fazer exatamente o que ele faz, estar na trincheira. Eu queria muito isso. Mas depois de morar na Venezuela, eu falei “onde que eu tava com a cabeça de querer fazer jornalismo de guerra?”, porque eu saí da Venezuela com crise de ansiedade por causa da violência política.

Que bom que os planos de cobertura de guerra não deram muito certo. Em 2012, Luciana trabalhava como correspondente do site de notícias *Opera Mundi*, veículo especializado em política internacional, hoje par-

ceiro do grupo *UOL*. Ela cobriu o governo de Cristina Kirchner, a estatização da empresa *Yacimientos Petrolíferos Fiscales, YPF*, que tinha sido privatizada na década de 1990, os movimentos sociais de organizações de direitos humanos e o julgamento dos crimes da ditadura militar argentina (1976-1983). Mas as pautas começaram a ficar repetitivas, e havia tantos países na América do Sul para conhecer...

Então, ela propôs ao *Opera* ir para Cuba acompanhar o governo de Fidel Castro, “ele vai morrer em qualquer momento, não adianta chegar lá de paraquedas achando que vai conseguir informação do governo, precisa cultivar fonte, conhecer o estilo de vida”. Porém, na mesma época, outro líder latino-americano andava mal das pernas, de saúde, melhor dizendo. Hugo Chávez estava com câncer e viajava frequentemente para Cuba, para fazer algumas cirurgias. Assim, o *Opera Mundi* enviou Luciana para a Venezuela num período super sossegado da política nacional.

Era a sua primeira vez no país, e apesar da demanda emocional e mental, o período em que viveu e trabalhou lá foi muito importante profissionalmente. Na Argentina, ela achava que sabia o que era polarização política¹; os venezuelanos elevaram o conceito à décima potência. A monotonia das pautas chegou ao fim logo na primeira matéria escrita: durante a campanha eleitoral de 2012, Maduro alegou que sicários de El Salvador, tipo assassinos de aluguel, planejavam matá-lo. Fazia pouco tempo que o então presidente Chávez tinha morrido e Luciana se lembra de pensar, na época, que o país corria o risco de ter uma guerra civil caso Maduro fosse morto. Esse era o nível de polarização venezuelana.

— Eu fiquei na Venezuela até o fim de 2014, mais ou menos. Essa sensação de não conseguir relaxar me fez muito mal e eu pedi para sair. No *Opera* falaram: “Olha, se você sair, a gente não tem onde te encaixar, queríamos você na Venezuela”. Mas eu priorizei a minha saúde e saí.

Abalada, ansiosa e estressada, talvez muito mais do que se tivesse feito cobertura de guerra, Luciana voltou ao Brasil e se afastou do jornalismo por um tempo. Fez muitas traduções, livros corporativos, trabalhou para agências de comunicação, mas nada que despertasse o mesmo interesse e brilho nos olhos como o trabalho jornalístico fazia.

— Fiquei em crise por um bom tempo. Sentia que estava me afastando da notícia, e não voltei para o jornalismo imediatamente. Mas eu

1 Polarização é quando uma sociedade se divide entre dois ou mais polos de ideias sobre política, cultura, religião, comportamento etc. A polarização política acontece quando os eleitores, ou a classe política, se concentram ao redor de duas ideologias políticas com valores distintos e conflitantes. Na pior das hipóteses, os apoiadores de A enxergam os apoiadores de B como inimigos, o que pode levar à violência política e à desinformação. Na Venezuela, a polarização é entre os apoiadores do governo, os chavistas (por causa de Hugo Chávez), e a oposição, que discorda do chavismo. Mais sobre polarização política em: <https://pp.ne-xojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2024/11/19/a-polarizacao-politica-em-9-pontos>.

sentia saudade da vida de correspondente, gosto de ser jornalista, tenho essa paixão, então era muito doloroso pensar em não continuar fazendo jornalismo. E aí eu lembrei que era muito feliz na Argentina.

Em 2016, Luciana voltou para Buenos Aires e começou do zero. Aulas de português, traduções e *freelas*. A maioria dos trabalhos *freelancer* que fazia eram matérias textuais para o *Opera Mundi*, *Revista TPM*, *UOL* e outros veículos que já não se lembra mais. Em determinado momento, começou a fazer matérias em vídeo para o *Opera* e chamou a atenção de um amigo correspondente da *Rede TV!*.

— Foi a primeira vez que comecei a fazer vídeo, e esse meu amigo falou: “Lu, achei que você cresce muito no vídeo. Eu tô pensando em ir embora (da Argentina) e te indicar como correspondente da *Rede TV!*”. Eu falei: “O quê? Imagina! Eu nem tenho perfil estético para aparecer na TV, não sei gravar, nunca fiz passagem com microfone” e ele falou: “Eu te ensino”. No fim, não me ensinou nada, mas me indicou. E aí, quem me ajudou muito foi a Patrícia Vasconcellos, do *SBT*.

Todos os trabalhos da correspondente eram nesse esquema de *freelancer*. Depois que dominou o jornalismo audiovisual, Luciana começou a atender mais veículos brasileiros, como a *Band TV* e a *Record*. Foram anos de matérias em vídeo, entradas ao vivo e coberturas para esses veículos, além dos textos e das traduções, que foram a principal fonte de renda para ela, “só com jornalismo, eu não conseguia sobreviver aqui”. Ocupadíssima, acabou recusando algumas propostas da *CNN Brasil*, até que a empresa a contratou formalmente como correspondente de América Latina em 2024. Além do canal de notícias, ela ainda escreve matérias sobre a crise econômica e o custo de vida na Argentina para o jornal *O Estado de S. Paulo*, geralmente aos domingos, no caderno de *Economia & Negócios*.

Venezuela

A caótica e insegura Venezuela conseguiu amplificar os desafios do ofício de correspondente internacional. Para situar o leitor, voltamos para 2013, ano em que Luciana foi para o país vizinho cobrir a crise política instaurada após a morte de Chávez e a campanha eleitoral do vice-presidente, presidente interino e candidato à presidência, Nicolás Maduro. A tensão política do país se manifestava com uma polarização que beirava o fanatismo religioso, havia quem amasse Chávez e Maduro, e havia quem os odiasse. Uma das orientações que recebeu ao chegar em Caracas

foi para não sair na rua com roupas vermelhas, cor associada ao chavismo. Luciana foi acompanhada pela sua editora na época, responsável pela cobertura do governo, enquanto ela, da oposição, representada por Henrique Capriles. Após a eleição, sua editora retornou ao Brasil e ela ficou por lá como correspondente.

Aos poucos, a escassez de produtos como papel higiênico, grãos e leite foi se concretizando, e o governo pediu à população que não estocasse mantimentos, porque assim eles acabariam e os mercados não teriam condições de repor. Crises de abastecimento como essa ficaram em segundo plano conforme a violência política se instaurava, com cenas dignas de filme de ação. Naquela época, os coletivos chavistas (grupos de apoiadores, geralmente em posse de alguma arma), um dos grandes temores do governo, montavam barricadas nas ruas. Uma de suas estratégias era esticar um arame que atravessasse a rua, de calçada à calçada, para proteger as barricadas, impedir o tráfego e, eventualmente, degolar motociclistas desavisados. E isso, de fato, aconteceu: numa grande avenida, nos arredores da casa da Luciana, esses arames foram instalados e causaram a morte de um mototáxi. Para piorar, o governo identificou um militar que ensinava, nas redes sociais, a instalar essas armadilhas.

— Aí o governo mandou prender esse militar retirado. Ele morava num bairro chique de Caracas, a capital, e a polícia foi até lá para prendê-lo. O cara se entrincheirou no muro da casa dele, com uma metralhadora, e gritou para a polícia: “Venham me pegar”. O bairro era majoritariamente anti-chavista, então as pessoas começaram a fazer panelaço contra a polícia! Hoje, eu rio, mas na época eu me perguntava o que é que estava acontecendo. Que loucura! Vendo isso de longe, parece um filme de ação. Mas essa violência restringia a movimentação, e você não consegue relaxar em nenhum momento.

Por ser uma época de protestos intensos, Luciana e outros correspondentes se comunicavam para avisar quando havia um confronto entre a polícia e os manifestantes. Durante uma dessas manifestações, uma colega sua saiu de casa à procura de um local mais seguro, já que a confusão acontecia na sua rua. Quando voltou, o vidro da janela estava quebrado e tinha um coquetel molotov dentro do quarto das crianças. Outro exemplo de insegurança foi a morte de um policial em uma rua que Luciana sempre passava para ir à terapia. A polícia determinou que o disparo na nuca que o matou veio de um apartamento residencial. Como nunca dava para saber de onde viria o próximo ataque, a correspondente vivia com altos níveis de estresse e ansiedade.

Além disso, ela precisava lidar com uma falta de informação oficial que, para ser superada, colocava em risco sua vida: era preciso cobrir uma manifestação ou confronto in loco, sem colete à prova de balas e sem qualquer garantia de proteção por parte do Estado. Uma das fontes oficiais é o canal de televisão estatal *Venezolana de Televisión, VTV*, através do qual o presidente e seus ministros fazem longuíssimos discursos. Luciana passava horas e horas sintonizada esperando alguma informação relevante, mas muitas vezes o painelço feito durante os pronunciamentos era tão forte que não dava para escutar a televisão.

Até começar a trabalhar na *CNN*, todos os trabalhos que fez para os diversos veículos de comunicação foram *freelas*. Enquanto morava na Argentina, Luciana propôs um pacote de dez matérias por mês para o *Opera Mundi*, já na Venezuela, o número aumentou para trinta e cinco. Hoje, ela geralmente recebe as sugestões de pauta da redação, mas como o processo é de mão dupla, ela também propõe temas para a *CNN*. As grandes agências de notícias não cobrem América Latina com tanto afincamento como cobrem Estados Unidos e Europa, e cabe ao correspondente ficar de olho no que está acontecendo para fazer um jornalismo mais dinâmico, de ir ao protesto, conversar com as pessoas e tirar suas próprias fotografias sem depender do conteúdo das agências.

Em Buenos Aires, Luciana é a única correspondente da *CNN*:

— Eu acho que o isolamento do jornalista internacional é um desafio, a gente trabalha sozinho, todos os jornalistas que eu conheço aqui trabalham assim. É muito comum que, entre os correspondentes, a gente crie uma espécie de comunidade. Mas eu sinto falta da troca com a redação, do processo de decidir qual é a melhor maneira de abordar isso, como não errar nessa notícia, algo que acabo trocando com correspondentes de outros países. A gente evita comentar o que tá fazendo, mas em geral somos amigos, sim, e tentamos nos ajudar porque é uma vida muito solitária.

Hoje, sua rotina é mais estruturada do que era quando morou em Caracas; pela manhã, faz uma ronda pelos jornais, canais de televisão e agências de notícias para saber o que está acontecendo de mais importante, de tarde e de noite, “trabalha” para a *CNN*, seja com matérias textuais, colunas ou entradas ao vivo nos jornais *Bastidores CNN*, *CNN 360°*, *CNN Arena* e *CNN Prime Time*. Ela admite que, na Venezuela, não estabeleceu limites para o trabalho.

— É um país onde, obrigatoriamente, você tem que se desconectar, porque senão você fica 24 horas trabalhando, e isso eu não soube administrar. Eu gosto muito de trabalhar, então faço isso com brilho no olho, porque estou envolvida, pensando no futuro, no que vai acontecer, no que isso significa. Só que tem uma hora que você precisa colocar limite, porque essa paixão pode drenar sua energia.

O modo como foi feita a cobertura das eleições presidenciais em julho de 2024 funcionou para a correspondente. Ela ficou três semanas no país, o máximo permitido com o visto de jornalista, e entregou um trabalho que agradou a redação, “não me auto vangloriando, mas sei que, na *CNN*, gostaram muito”. Em parte, o sucesso se deve ao fato de ela simplesmente não viver mais naquele ambiente de caos, e poder trabalhar de cabeça fresca, distanciada dos problemas que afetam a população local, sem ter sua percepção do que é ou não notícia afetada por crises de ansiedade e de violência política, como aconteceu entre 2012 e 2014. Por outro lado, o sucesso da cobertura também se deve ao fato da jornalista não terminar o trabalho com o emocional em frangalhos.

Luciana cobriu muitas pautas pelo continente, mais recentemente o falecimento de José Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, e a eleição de Yamandú Orsi em novembro de 2024. No Chile, o bicentenário da independência, em 2010, e o soterramento de uma mina no deserto do Atacama, que deixou 33 mineiros confinados debaixo do solo. Eleições no Paraguai, no Chile, no México, no Equador, a morte de Pelé, crise humanitária no Haiti, a vitória da Argentina na Copa do Mundo de 2022. Ela também entrevistou os dois principais nomes da atual oposição venezuelana, Edmundo González e María Corina Machado.

Uma das ocasiões em que sentiu mais medo foi no dia da eleição de Maduro em 2013. Luciana trabalhava para o *Opera* e estava no “quartel general” da oposição, uma tenda montada no meio de uma praça. A votação foi acirrada, os resultados demoraram para sair e surgiram rumores de que o candidato da oposição, Henrique Capriles, havia vencido, e que um palco estava sendo montado para o primeiro discurso do hipotético vencedor. Enquanto isso, no QG, os confusos jornalistas começaram a se perguntar se era seguro ir para esse palco, uma área externa e desprotegida, fazer a cobertura; será que não podiam passar os motoqueiros chavistas disparando contra eles?

Após muitas horas, já de madrugada, a vitória de Maduro foi anunciada, os jornalistas reportaram para seus respectivos veículos e países,

e começaram a ir embora. Luciana havia combinado com um motorista de ir buscá-la à noite, após a cobertura, porque era arriscado voltar a pé (em 2013 não tinha Uber), e deu carona para mais três pessoas: uma jornalista venezuelana, Patrícia Vasconcellos, correspondente do *SBT*, e o cinegrafista dela.

— A jornalista venezuelana começa a me puxar pelo braço: “Vamos rápido, entra no carro, você não sabe como é perigosa a Venezuela em dia de eleição”. Entramos no carro. O QG do Capriles era num lugar chique e a gente estava se dirigindo para outra região chique de Caracas, onde ficava nosso hotel. No meio da rua, de repente, o nosso carro, que era grande, é cercado por motoqueiros vestidos de vermelho — Luciana para e ri de desespero — Nosso motorista que não parava de falar um minuto, silêncio. A jornalista venezuelana ao meu lado, escorregou e se escondeu debaixo do banco. Eu lembro que só pensei “é agora que eu vou ser fuzilada”. Escondi a credencial com o nome do Capriles. Aí, um outro carro viu a situação, deu uma embicada em cima dos motoqueiros, que carregavam bandeiras, e eles dispersaram. Olhando agora, de longe, era só uma provocação. Mas na hora, cara, um medo. Eu lembro de chegar no hotel e chorar de pânico. E nesse dia também roubaram o meu computador dentro do QG, depois disso, aprendi a nunca mais ter confiança, até hoje não sei quem roubou.

Esses episódios de violência, ainda que não fossem diretamente contra a Luciana, obviamente contribuíam com sua sensação de insegurança. Manifestações que terminaram em morte, coquetéis molotov e bombas de gás caindo perto dela, fontes oficiais sem informação confiável, não andar mais de mototáxi por causa dos arames instalados nas ruas, carros ultrapassando o sinal vermelho, discussões políticas no supermercado, escassez de alimentos e itens de higiene pessoal, voos internacionais suspensos, todas essas circunstâncias despertam um sintoma muito comum hoje em dia, a ansiedade, que se não for devidamente tratada pode piorar e prejudicar outros aspectos da vida de uma pessoa, como sua capacidade de estabelecer uma rotina, sua autoconfiança, desempenho no trabalho, o humor e a qualidade do sono. Na primeira semana de Venezuela, Luciana já estava se perguntando onde tinha ido parar: no meio de uma eleição, achando que ia morrer, com medo de ser perseguida pelos grupos políticos rivais, cobrindo protestos sem proteção, sendo fotografada e intimidada pelos manifestantes. Isso não era vida.

Quando ela pediu para ir embora e, consequentemente, perdeu o em-

prego, senti um pesar muito grande por se afastar da notícia e não dar mais conta de viver sob tanta pressão e ansiedade. Se ela queria, no início, cobrir guerra, por que não aguentou cobrir os protestos na Venezuela? A “desistência” trouxe um sentimento de culpa muito forte, e a correspondente precisou de anos de terapia para entender que não estava se afastando porque não era boa jornalista, e sim porque sua saúde mental era mais importante, para ela, do que qualquer presidente sul-americano.

— E, na verdade, eu aguentei (a barra que foi trabalhar na Venezuela), só que eu descobri que não queria viver naquelas condições, entendeu? Às vezes, minha editora me dava sugestões com um olhar mais fresco por não estar imersa naquele contexto de ansiedade. Na Venezuela, isso é muito difícil, você tá consumido emocionalmente por aquilo. Não sei se eu me explico, se consegui verbalizar o que era essa complicação. Hoje, eu não voltaria a morar lá nessas condições. Não acho que seja produtivo como jornalista.

Até para ir embora foi complexo. Uma crise entre o governo e as empresas aéreas reduziu o número de voos para a Venezuela, então, na hora de partir, Luciana cogitou voltar para o Brasil por terra, e ter que fazer esse tipo de cálculo logístico até para se mandar trazia um desgaste mental muito grande. Quando saiu de lá, os amigos lhe diziam: “Não vai embora agora, esse governo tá caindo, Maduro vai sair do poder, não aguenta mais muito tempo” (ele segue no poder), mas ela sabia que precisava priorizar sua saúde mental.

A correspondente se deu conta do quão ansiosa estava quando começou a questionar a qualidade da sua produção. Ela não queria assinar os textos e ter seu nome publicado, tinha medo de reler as matérias e achar que estavam horríveis, checava várias vezes as informações publicadas.

— A ansiedade se manifestou de uma maneira muito difícil, porque eu não conseguia me ver não sendo jornalista. E eu acho que ninguém fala disso, do estresse que é estar submetido, todos os dias, a não errar. Porque uma vírgula fora do lugar pode ser usada contra mim, amanhã é minha imagem circulando nas redes sociais e as pessoas me atacando. Só que quem trabalha muito, erra. E como correspondente (ainda mais uma mulher) você se expõe muito, é sua cara, você vira referência, mas também pode virar alvo de muitas críticas, e eu comecei a ter muito medo disso. Só que quando você tem medo, isso te paralisa. E essa é a parte que eu acho que é muito pouco discutida no jornalismo, como a gente lida com erro, e eu nem tô falando isso com base em nenhum erro que eu fiz, entende? Eu tô falando isso com base no medo que eu tive de errar.

Depois de passar um tempo no Brasil afastada do jornalismo, Luciana se lembrou que era feliz em Buenos Aires, e queria se reconectar com esse sentimento de felicidade.

— Eu acho que me encontrei como jornalista sendo correspondente, criei uma identidade como correspondente, é o que eu faço bem: tentar traduzir outro lugar para o Brasil, conviver com uma sociedade diferente da minha e tentar traduzir essas curiosidades.

Luciana não só tem traduzido muito bem essas curiosidades como também tem feito algumas previsões... Ela contou que mesmo aos finais de semana, ou de férias, não consegue se desligar das notícias e está constantemente pensando em coisas que podem acontecer. Como uma “observadora privilegiada de coisas que demoram um pouco mais para serem notadas”, ela disse que precisa estar preparada caso aconteça alguma coisa com o Papa Francisco, que faleceu em 21 de abril de 2025, ou com o Pepe Mujica, que faleceu em 13 de maio de 2025, então é “um olho no descanso e outro nas notícias”.

Depois de uma hora e vinte minutos de entrevista, começo as perguntas ping pong. Foram tantos assuntos que até esqueci de descrever sua aparência: um rosto longo com traços suaves, emoldurado pelo cabelo castanho claro liso. Olhos castanhos escuros, sobrancelhas longas e um sorriso contagiante. Apesar de eu ter dito que não divulgaria a gravação da entrevista, ela estava preocupada com o cabelo e o ajeitava toda hora, “quero estar apresentável, se não vai parecer que você está conversando com uma correspondente doida”. Doida eu não sei, mas extrovertida e simpática, com certeza.

Pense rápido!

Luciana, qual foi a cobertura mais desastrosa que você já fez? *Foi uma ida de Bolsonaro ao Chile, tive muito problema tecnológico. Foi o dia que o Temer foi preso. Fiquei muitas horas debaixo do sol na base aérea em que o Bolsonaro ia chegar. E o celular trava quando a temperatura fica muito alta, né? Na hora que ele ia descer do avião, o celular travou e eu perdi a imagem do cara chegando. Depois, eu descobri, nesse dia, que o cabo que conecta no celular não reconhece a caixa de som. Então, num dia super importante, que é repercutir a prisão do Temer, chiou o áudio inteiro (da coletiva que o Bolsonaro fez ao chegar no país). Porque o celular não reconheceu a caixa de som. Eu perdi a*

entrevista inteira do Bolsonaro.

Correspondência internacional em uma palavra. *Tradução dos fatos.*

Um livro. *Um adivinho me disse. A Fortune-Teller Told Me: Earthbound Travels in the Far East*, de Tiziano Terzani, publicado em 1995.

Qual foi o melhor conselho que você recebeu? *Esse eu realmente preciso pensar, porque uma das coisas legais da vida dos correspondentes é isso, a gente recebe muito conselho dos que já estavam aqui há mais tempo. Então, quando eu cheguei, eu fui muito ajudada, recebi conselhos ótimos do Ariel Palacios, da Patrícia Vasconcellos, que já estava nessa muito tempo. Uma das primeiras regras que me ensinaram aqui em Buenos Aires é “acordou, troca de roupa”, não fica de pijama. Quando você faz texto, muita coisa você consegue resolver por telefone, sem sair de casa. Mas é uma questão de saúde mental, dar uma volta no quarteirão. Esse de acordar e tirar o pijama foi muito importante, te dispõe a sair de casa.*

Qual foi a pior fonte que você entrevistou? *Foi um venezuelano que eu perguntava da Maria Corina Machado e ele me respondia da guerra em Gaza. E aí, depois, ele ainda me ligou para falar que eu não podia falar sobre determinado assunto, que ele tinha me falado em on. Ele falou: “Não, eu te falei isso em off”. Eu falei: “Não, tá tudo gravado e em nenhum momento você esclareceu que isso era off”. E me mandou mensagens “te proíbo de falar sobre isso”. Mas tudo bem, eu preferi não criar caso com isso.*

Você já passou por alguma situação de assédio, por ser mulher? *Já, não na redação, foi com uma fonte. Que propõe tomar um café e depois propõe tomar um vinho de noite. Já me afastei de uma fonte importante que tentou contato físico.*

Você está satisfeita com o seu salário? *Ela riu antes de responder. A Argentina passou por uma transformação muito brutal nos últimos meses, o nosso custo de vida dobrou. Mas aí me lembro de como sou feliz aqui, como não fui feliz na Venezuela, e cada vez que volto para o Brasil, reforço a convicção de que gosto muito de morar na Argentina, amo isso, adoro caminhar pela cidade. Das capitais latino-americanas, é a melhor; você consegue voltar caminhando para a casa de madrugada. Então, no momento, estou mais disposta a reduzir o custo de vida do que ir embora. Já tem muita preocupação jornalística para ficar preocupada economicamente também.*

Do que você tem medo? *Medo? Profissionalmente ou em geral? Profissionalmente. De errar. É um dos meus maiores medos, errar. Eu fico mal quando eu identifico um erro, você entra cinco vezes ao vivo por dia, em alguns dias vai ter alguma informação errada, por mais que você seja cuidadoso de checar. É muita entrada ao vivo, muita exposição, porque na CNN a gente não lê nada, é tudo falado na hora, e a gente ainda tem esse problema do idioma, você está exposto a notícias 24 horas em espanhol, falando com as pessoas 24 horas em espanhol, na hora de falar ao vivo, vai sair algum espanhol, por mais que você tente controlar.*

Você se considera famosa? *Não, sou conhecida entre a comunidade brasileira de Buenos Aires, me conhecem pelo Instagram e não por causa da CNN.*

Tem algum sonho que você queira realizar? *Difícil, hein? Tô sem sonhos no momento, eu acho. Tô muito feliz com o que conquistei, e o fato de ser contratada, é ter chegado no que eu sempre quis, um pouco de estabilidade depois de tantos anos como freela.*

Você é otimista ou pessimista em relação ao futuro da profissão do jornalismo? *Eu sou otimista, só que eu acho que o jornalismo está demorando para se adequar às redes sociais. A minha geração, por exemplo, eu adoraria ter mais tempo para usar as redes sociais, a minha geração é muito resistente a isso. O papel do jornalismo hoje é “vamos esclarecer o que foi essa notícia”, mas é tanta coisa acontecendo que é difícil acompanhar o ritmo com que as notícias surgem nas redes. A gente ainda não entendeu como sair desse formato do jornalismo quadrado para fazer isso nas redes.*

Tem alguma coisa que eu não perguntei, mas que você gostaria que eu tivesse perguntado? *Eu já falei muito, tô morrendo de medo dessa publicação, na verdade. Você vai com cuidado! Apesar do aviso, Luciana disse isso sorrindo. Ela deu a entrevista toda sorrindo.*

Você tem algum conselho para uma jornalista quase formada? *Ir. Não esperar que te mandem, começar a fazer, começar a sugerir. Não espere aquele formato do do jornalismo antigo que você vai, faz uma trajetória na redação e aí te reconhecem e te mandam pra fora. A maioria dos jornalistas que estão aqui, vieram e começaram a propor. Não é fácil. Por muitos anos, eu articulei com outras coisas, dei aula, fiz tradução, mas isso também me deu muita experiência de rua, de conhecer, de falar com os argentinos, tudo isso soma. Então, minha sugestão é ir. Ir para o país,*

É a melhor profissão do mundo? *Com certeza não, mas eu não quero outra.*

Devia ser quase onze horas da manhã quando terminei as perguntas. Havia ainda tempo de sobra para ir à academia, limpar a casa, ler jornal, adiantar trabalho e o que mais se pode fazer em uma manhã de sol. Assim encerramos o livro, numa segunda-feira qualquer, na companhia de Luciana Taddeo, correspondente da *CNN Brasil* em Buenos Aires.

Esta entrevista aconteceu em um sábado, mas devia ter acontecido no dia 10 de fevereiro, segunda-feira. Logo de manhã, Luciana me enviou uma mensagem pedindo para remarcar: quarta-feira, no mesmo horário, 12h. Eu achei ótimo. No dia 12, entrei na vídeo chamada no horário combinado, assim como ela. Luciana já começou me pedindo desculpas, porque tinha pouco tempo para mim: a Argentina, justo naquela manhã, havia reunido quórum suficiente para fazer uma votação sobre algum projeto de lei importante. Ela então sugeriu sábado, dia 15, às 9h. “Muito cedo?”, perguntou, com cara de quem pede desculpas. “Não, imagina, está ótimo nesse horário!”, eu respondi.

Ela estava agitada, provavelmente com mil e uma coisas na cabeça, mas falava comigo se fôssemos amigas e ela estivesse, mais uma vez, remarcando um café previamente combinado. Honestamente, achei o máximo saber qual era sua pauta do dia. Para tranquilizá-la, disse que havia entrevistado o Ariel Palacios num sábado também. Luciana ficou feliz ao ouvir isso, e fez meu dia ao dizer “Ah, então estou em boas mãos!”. Deixamos marcado para sábado mesmo. Ela se despediu e saiu da chamada. Que simpática! Mesmo sem entrevista, desliguei o computador feliz da vida. Eu também me encontrava em boas mãos.

Referências

1. Resultado das eleições de 2024 na Venezuela
 - a. https://www.instagram.com/reel/C-D8qxKRLZM/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=MzRIODBiNWFIZA==
 - b. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgkprl dkgeo>
 - c. https://en.wikipedia.org/wiki/2024_Venezuelan_presidential_election#Candidates
 - d. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/09/10/em-exilio-na-espanha-edmundo-gonzalez-manda-recado-para-venezuela-atraves-de-carta-nao-desanimem-que-nao-os-decepcionarei.ghml>
 - e. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/opositor-edmundo-gonzalez-pede-asilo-politico-a-espanha-e-deixa-a-venezuela/>
 - f. https://youtu.be/I_UYuoZVUO8?si=EoFRN8yQ_6jUjb8H
2. Hugo Chávez
 - a. <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/hugo-chavez.htm>
 - b. <https://www.camara.leg.br/tv/397223-morre-em-caracas-o-presidente-da-venezuela-hugo-chavez/>
 - c. PALACIOS, Ariel. **América Latina lado B**: o cringe, o bizarro e o esdrúxulo de presidentes, ditadores e monarcas dos vizinhos do Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

EPÍLOGO

Depois de nove meses trabalhando nesse livro, e dois meses escrevendo um pouquinho todo dia, confesso que estou cansada de falar sobre jornalismo internacional e correspondência. Você gostou do livro, leitor? Você reparou que tentei encaixar uma descrição física de todos os perfilados? Percebeu que alguns deles se conhecem pessoalmente? Que cobriram os mesmos conflitos para veículos diferentes? Eu adorei encontrar essas pequenas conexões, assim como adorei receber respostas diferentes para as mesmas perguntas.

Sérgio, Ariel e Fabio discordaram dos estereótipos, Luciana e Yan concordaram com alguns. Fabio tinha uma rotina mais organizada, Luciana e Yan, não. Paola é mais reservada e introspectiva, Luciana conversou durante duas horas. Agora uma característica que os seis têm em comum, sem sombra de dúvidas, é o excelente trabalho jornalístico. Leio matérias do Yan na *Folha*, assisto Luciana, Fabio e Sérgio na televisão ou no *YouTube*, acompanho Ariel e Paola nas redes sociais e penso: que profissional incrível, não acredito que entrevistei ele ou ela. E sorrio sozinha para a notícia.

Em alguns momentos durante a escrita deste livro, os relatos dos jornalistas me fizeram cogitar se eu realmente gostaria de ser correspondente: os riscos, a instabilidade, o *home office*, a distância da família, esses fatores me renderam muitos minutos de reflexão debaixo do chuveiro ou no ponto de ônibus. Percebi que deveria me aprofundar em História, Ciência Política e Política Internacional, estudar outros idiomas, montar um portfólio mais atraente, incrementar meu currículo, investir e guardar dinheiro, comprar uma câmera fotográfica... e nessa lista sem fim me afundava em sofrimento por antecedência. É o fim da graduação se aproximando.

Deu pra ver que não está fácil para ninguém, nem para os correspondentes dos canais brasileiros que, hoje, têm mais jornalistas no exterior, como *Globo* e *CNN Brasil*. Deu pra ver também que a crise mercadológica do jornalismo, apesar de grave, ainda não impede a realização de um bom trabalho, com responsabilidade, contextualização e ética.

Quero deixar claro que os seis entrevistados foram simpáticos o tempo todo, nada de falsidade e arrogância, e olha que eu fiz perguntas

atrevidas sobre salário, vida pessoal e saúde mental. Algumas respostas foram em *off*, outras pude compartilhar, mas alguns deles não responderam e educadamente disseram “prefiro não falar sobre isso”, ou “essa é uma informação particular que prefiro não compartilhar”. Melhor uma negativa clara do que uma resposta difusa.

Para finalizar, que eu não aguento mais esse assunto, queria contar que a lista de candidatos para esse livro era grande e enxuguei até sobraarem cinco profissionais. Desses cinco, recebi três respostas, uma negativa e duas positivas: Sérgio e Ariel. Então uma nova lista foi elaborada, com seis novos nomes, e quatro me responderam: Paola, Luciana, Fabio e Yan. Quando comparo a primeira lista de sugestões com a lista de entrevistas concretizadas, percebo que a segunda é mais diversa e equilibrada do que a primeira; pensar que eu poderia não ter escutado algumas das coisas que Luciana e Paola me contaram me deixam muito grata desse trabalho ter saído como saiu, e não como eu primeiro idealizei. E isso comprova, mais uma vez, um aprendizado muito importante durante a faculdade de Jornalismo: na maioria das vezes, as coisas não se desenrolam como a gente planeja, mas com esforço e o apoio daqueles que você admira, coisas melhores acabam acontecendo. Entrevistar Sérgio, Ariel, Luciana, Yan, Paola e Fabio foi uma das melhores coisas que me ocorreram durante a graduação. E, por isso, eu serei sempre grata.

Stella Gomes
Arquivo pessoal



Agradecimentos:

Agradeço à minha orientadora Angela Maria Grossi, pela ideia, orientação, incentivo e bom humor. Agradeço os correspondentes Sérgio, Ariel, Luciana, Yan, Paola e Fabio, por concederem uma hora de seu valioso tempo para colaborar com um trabalho universitário. Agradeço à Rebeca Alice Neris de Oliveira pela linda capa e diagramação. Agradeço aos queridos amigos Gabrielli, Valentin, Leonardo, Gabriel e João Pedro Piza, pela amizade, risadas e companhia. Agradeço também aos amigos da Rádio Unesp, em especial Marcela, Júlia, Priscila e Zeca, pelas sugestões, incentivo e festas com bolo e refrigerante. E por fim, ao precioso, temperamental e estimado Michel, meu computador. Foi divertido demais escrever esse trabalho.

Sobre a autora:

Stella Silva Gomes está se formando em Jornalismo na Unesp, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru. Natural de São José dos Campos, sua infância foi rodeada de livros, revistas da editora Abril e jornal de papel, que seu pai ainda recebe toda manhã. Escolheu Jornalismo porque parecia não haver outra alternativa para quem gosta de ler, escrever, falar e estudar História. Fez estágio na Aletheiafact.org, com checagem de fatos, e na Rádio Unesp FM. “Do Brasil para o Mundo: Perfis de correspondentes” é seu primeiro quase livro. Se tudo der certo, daqui a alguns anos, também vai cobrir conclaves, guerras tarifárias, conflitos armados, crises políticas e cúpulas da ONU.

Sobre o Livro

“Do Brasil para o Mundo: Perfis de correspondentes” reúne o perfil de seis correspondentes brasileiros de diferentes veículos de notícia, que moraram em diferentes países e têm diferentes rotinas. Sérgio Utsch, do SBT, Ariel Palacios, da Globo News, Luciana Taddeo, da CNN, Yan Boechat, do VOA News, Paola De Orte, da Globo News e Fabio Turci, do Times Brasil. Neste livro, você, leitor, vai encontrar histórias, dicas profissionais, perrengues, contradições, muito trabalho duro e paixão pelo Jornalismo. Cada jornalista tem o seu estilo, e ao reuni-los em um único livro, espero ter conseguido uma definição do que é correspondência internacional.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

STELLA SILVA GOMES

**DO BRASIL PARA O MUNDO:
PERFIS DE CORRESPONDENTES**

BAURU

2025

STELLA SILVA GOMES

**DO BRASIL PARA O MUNDO:
PERFIS DE CORRESPONDENTES**

Relatório do Projeto Experimental do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Assoc. Angela Maria Grossi

BAURU
2025

STELLA SILVA GOMES

**DO BRASIL PARA O MUNDO:
PERFIS DE CORRESPONDENTES**

Relatório do Projeto Experimental do
Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo da UNESP, pela seguinte
banca examinadora:

Profa. Assoc. Angela Maria Grossi
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Profa. Dra Liliane de Lucena Ito
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Assoc. José Carlos Marques
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Bauru, 26 de junho de 2024

RESUMO

Este relatório descreve o processo de escrita do livro "*Do Brasil para o Mundo: Perfis de correspondentes*", um produto de jornalismo interpretativo no formato de livro-reportagem-perfil. O objetivo do trabalho é mostrar a rotina do correspondente através de um perfil que relate sua trajetória profissional dentro da editoria de política internacional, considerando o cenário midiático atual, a dependência da rede de internet, a simultaneidade das informações e o uso das redes sociais para divulgação do jornalismo. Como metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória, onde foram utilizados os procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental e entrevista em profundidade. Na etapa das entrevistas, como a maioria dos correspondentes entrevistados para este trabalho não mora no Brasil, as gravações foram feitas por vídeo chamada; os perfis foram escritos com base nessas conversas e não são a transcrição das entrevistas. O correspondente é aquele profissional sediado em outro país para reportar as notícias do lugar onde está a um veículo de imprensa do seu país de origem. A partir da leitura da obra, espera-se que o leitor adquira familiaridade com o ofício do jornalista e com os bastidores da reportagem em terras estrangeiras.

Palavras-chave: Correspondência internacional; perfil; livro-reportagem; jornalismo interpretativo; jornalismo internacional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 GÊNERO E FORMATO.....	8
3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	10
3.1 Pré-produção.....	10
3.2 Produção.....	11
3.3 Pós-produção.....	13
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	14
4.1 Público de interesse.....	15
4.2 Projeto gráfico-editorial.....	15
4.3 Custos.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19
APÊNDICE.....	20

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre o jornalismo internacional não foi tema recorrente durante a graduação, nem pautou trabalhos ou projetos de extensão. Poucos professores indicaram veículos de comunicação internacionais como leitura obrigatória para o jornalista em formação. Sendo assim, a produção de um livro de perfis de jornalistas correspondentes, como Trabalho de Conclusão de Curso, foi uma tentativa de preencher uma lacuna na formação acadêmica quando se trata de ultrapassar a imprensa nacional e conhecer os profissionais brasileiros que trabalham no exterior.

Com o surgimento da internet, do e-mail, das videoconferências e das redes sociais, o cenário do jornalismo internacional sofreu mudanças que transformaram a rotina e o papel do correspondente. Se antes um jornal tinha alguns repórteres que enviavam seus despachos do estrangeiro e uma equipe de redatores para filtrar e editar telegramas das agências de notícias, agora esse jornal possui assinaturas de conteúdo dessas mesmas agências, uma redação reduzida e eventualmente envia um repórter para o exterior como enviado especial.

De certa forma, a cobertura de política internacional é como assistir a História Mundial acontecendo. Acompanhar a política nacional já é parte da rotina, e só ganha dimensão histórica com grandes eventos, como eleições ou escândalos políticos. Por outro lado, o que é rotina na Europa e no Oriente Médio não faz parte da realidade do Brasil, como a guerra na Ucrânia, um casamento real e a nomeação de um primeiro-ministro. E é inquietante que os graduandos em jornalismo não estejam ansiosos para saber o desfecho dos acontecimentos externos: a reeleição do primeiro presidente norte-americano condenado na justiça, a ineficácia da negociação de cessar-fogo na Guerra Israel-Palestina, e a nomeação de um novo Papa dentro da Igreja Católica. Mas o correspondente está inquieto. Se não estivesse, não se arriscaria mundo afora para trabalhar em outro idioma.

Este livro de perfis pretende responder quem são esses profissionais, como se tornaram correspondentes, se trabalham sozinhos ou em equipe; se estão em segurança, se sentem medo, quais as suas funções e como se protegem. Os objetos deste TCC são, portanto, os próprios jornalistas e suas rotinas de trabalho, estejam eles exercendo atualmente a função de correspondente, ou não.

Seis jornalistas serão apresentados: Sérgio Utsch, correspondente do *SBT* em Londres, Ariel Palacios, correspondente da *Globo News* em Buenos Aires, Paola De Orte, correspondente da *Globo News* em Paris, Yan Boechat, jornalista *freelancer* para veículos nacionais e internacionais, Fabio Turci, ex-correspondente da *Globo* em Nova York e atual âncora do canal *Times Brasil*, e Luciana Taddeo, correspondente da *CNN Brasil* em Buenos Aires.

O problema sobre o qual este trabalho se debruçou são os métodos e obstáculos para se inserir na editoria de política internacional, a rotina de trabalho e as dificuldades enfrentadas ao longo da carreira. Uma hipótese acerca da inserção no mercado de trabalho é que esses jornalistas, além da competência, podem contar com privilégios, como uma boa situação financeira, domínio de outro idioma e experiência de intercâmbio. Outra hipótese, ou constatação, é que a paixão pela profissão ofusca os riscos de noticiar o desenvolvimento da História.

Como justificativa, recorre-se a ausência do estudo da editoria de política internacional durante a graduação e, como consequência, o desconhecimento e o distanciamento dos alunos com as dinâmicas e com os profissionais inseridos neste ramo. É preciso que o público consumidor de notícias saiba como é feita a boa reportagem, a fim de valorizar o jornalista diante da desconfiança dos grandes grupos de mídia, e de desinformação generalizada nas redes sociais.

O diferencial da obra é tratar especificamente sobre a cobertura internacional, realizada por jornalistas brasileiros, numa era em que conexões praticamente ilimitadas são feitas diariamente, com alta disseminação de informação através de redes sociais. Quando o mundo inteiro recebeu, ao mesmo tempo, a notícia da nomeação do Papa Leão XIV, o que resta ao jornalista contar?

O objetivo dos perfis é aproximar o público da rotina da profissão jornalística, divulgar a atuação dos correspondentes dos grandes grupos de mídia e continuar a narrativa da história do Jornalismo e da Imprensa Brasileira. É um incentivo para o leitor acompanhar pautas internacionais e compreender sua influência nacional, e também uma forma de instigar o brasileiro a ampliar sua visão de mundo através do contato com diferentes culturas, governos e conflitos.

Por fim, cabe explicar a estrutura do relatório. O primeiro capítulo trouxe o tema, a justificativa e os objetivos deste TCC. O segundo capítulo aborda o referencial teórico de gênero e formato. A metodologia de produção é apresentada no terceiro capítulo. A quarta parte descreve a obra, do roteiro ao projeto

gráfico-editorial e os custos de execução. E no último capítulo estão as considerações finais sobre o processo de escrita do livro.

2 GÊNERO E FORMATO

Quanto ao gênero, esse livro é um trabalho de Jornalismo Interpretativo, em que os objetos do livro-reportagem — o correspondente e a correspondência internacional de hoje — serão selecionados e retratados de modo mais completo possível. Segundo Luiz Beltrão (1976, p.12), “a interpretação jornalística consiste no ato de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, a fim de proporcionar ao público os [dados] que são realmente significativos”. Neste trabalho, os dados coletados são a carreira, a personalidade e a percepção de cada correspondente sobre o cenário do jornalismo internacional. A interpretação dessa realidade, a partir da construção do texto com as informações mais relevantes, fica a cargo do leitor, que pode chegar às suas próprias conclusões (Beltrão, 1976, p. 48).

Carlos Eduardo Lins da Silva (2011) discorre sobre como o desenvolvimento tecnológico acompanhou o correspondente e alterou significativamente sua rotina de trabalho, desde as cartas transportadas em navios, até o FAX, o e-mail e a videochamada, marco dessa era em que a informação é imediata graças à conexão de internet (Lins da Silva, 2011, p. 62). Tais mudanças merecem destaque: a tecnologia ajuda ou ameaça estes profissionais?

Por isso, o papel do jornalista é “identificar, investigar, documentar, prognosticar [...] e difundir a informação em toda a sua integridade” (Beltrão, 1976, p. 47), para que “a massa possa, ela mesmo, interpretá-la [...]” (Beltrão, 1976, p. 50). Ao apresentar um panorama atual da correspondência internacional, através do perfil dos correspondentes, o público - intelectual, nichado e exigente - pode questionar os possíveis futuros dessa profissão.

O livro-reportagem-perfil é definido por Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 51) como capaz de :

[...] evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. Pessoas que representam, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, como que personificando a realidade do grupo em questão .

As personalidades públicas evidenciadas são os correspondentes, conhecidos dentro da profissão, anônimos para quem não acompanha o noticiário, mas, acima de tudo, representantes de uma tribo de jornalistas que cobrem as

notícias do mundo para o público brasileiro e explicam como os acontecimentos estrangeiros impactam a política nacional.

O livro-reportagem se caracteriza pelo conteúdo factual, mais ou menos pereene, que reflete o estado das coisas em determinado momento (Lima, 2009, p. 27). Apesar do formato e das técnicas narrativas literárias, o livro-reportagem tem a função de informar, orientar e explicar um acontecimento através de uma “abordagem multiangular, a procura de sua variedade de causas e consequências”, com diversos pontos de vista, “praticando desse modo o jornalismo interpretativo” (Lima, 2009, p. 29). Por isso, o tratamento dado ao livro, da linguagem à edição do texto, será jornalístico: com eficiência, fluência, exatidão, clareza e concisão.

Quanto ao formato, Lima (2009, p. 427) define o *perfil* como o texto que “vai escavando e trazendo à tona valores, motivações, receios, lados luminosos e facetas sombrias” do perfilado. Para isso, é preciso “registrar símbolos de status de vida” e fazer o leitor “captar a essência do lugar, do personagem, do ambiente e do clima” (Lima, 1993). Sergio Vilas Boas (2014) reforça a importância de não idealizar o “personagem” do texto; a subjetividade da obra não pode distorcer as características do perfilado, pois se trata de um trabalho jornalístico, que deve se manter fiel à realidade.

João Batista Natali (2004) traz uma retrospectiva desde a primeira “newsletter” sobre comércio no século XVI até a cobertura da Guerra do Iraque pela *Folha de S.Paulo*. Para o autor e ex-correspondente, o jornalista de internacional é curioso e apaixonado por História, mas nos últimos 40 anos, seu perfil profissional mudou: “Não se trata mais de uma personalidade na qual se valoriza sua capacidade de emitir opiniões. O correspondente é hoje bem mais um repórter [...]” (Natali, 2004, p. 103), e não há mais a exigência de textos opinativos sobre o país onde está. Se não é um colunista, e a informação se tornou instantânea com os avanços tecnológicos, o que cabe ao correspondente relatar?

Para Lins da Silva (2011, p. 11), “o jornalismo no exterior amplifica os problemas da profissão, por isso merece atenção e estudos que, paradoxalmente, são raros na literatura específica”. Por isso, este TCC pretende esclarecer quais são esses novos problemas e funções, e como o correspondente mantém a relevância da editoria de política internacional: se é através de reportagens aprofundadas ou de sua posição de “observador privilegiado de coisas que ainda não foram muito notadas” (Lins da Silva, 2011, p. 174).

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Neste capítulo estão descritas as etapas de produção do livro, divididas em pré-produção, produção e pós-produção. Após a definição de uma lista de seis correspondentes, foi feito um levantamento bibliográfico para reunir a maior quantidade de informações sobre cada um. O roteiro foi elaborado com perguntas gerais e específicas para cada entrevistado; as entrevistas foram realizadas por videochamada; o material coletado foi armazenado no Google Drive; e a diagramação do texto foi feita por uma aluna do curso de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Unesp Bauru.

3.1 Pré-produção

Em agosto de 2024, a autora abordou a professora Angela Grossi durante a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Jornalismo para falar sobre sua vontade de fazer um TCC dentro do tema de Jornalismo Internacional. A dúvida era o recorte temático e o formato do trabalho. A professora sugeriu um livro de perfis de correspondentes: elaborar uma lista diversa, entrar em contato, fazer uma ou duas entrevistas e escrever o texto. A sugestão foi aceita.

O primeiro passo era a definição de um cronograma de atividades. Setembro e outubro de 2024 seriam dedicados à leitura da bibliografia sugerida; em novembro, o objetivo era desenvolver o projeto de pesquisa; as entrevistas deveriam ser feitas entre janeiro, fevereiro e março de 2025; e em abril e maio, a redação, diagramação e edição do material, que seria entregue à banca avaliadora na primeira semana do mês de junho. Esse cronograma foi seguido sem grandes complicações.

O segundo passo foi elaborar uma lista de correspondentes e ex-correspondentes. Os escolhidos foram Sérgio Utsch do *SBT*, Ariel Palacios da *Globo News*, Lourival Sant'Anna da *CNN Brasil*, Cecília Malan e Ilze Scamparini da *Globo*. O roteiro de perguntas, disponível no apêndice, era abrangente e serviria para todos os nomes sugeridos, mas alguns tópicos específicos seriam adicionados para cada correspondente, por exemplo, cobertura de guerra para Utsch e Sant'Anna, conclave para Scamparini, América Latina para Palacios etc. As questões específicas seriam definidas durante a preparação de cada entrevista, conforme

fossem consultadas redes sociais, sites pessoais, entrevistas, textos, reportagens e livros publicados pelo jornalista.

No roteiro pré-definido, há questões sobre formação acadêmica, inserção no mercado, rotina de trabalho, dificuldades e temores, experiências significativas, mudanças na profissão, e uma seção de perguntas no estilo ping pong. Outras perguntas surgiram ao longo das entrevistas e, quando necessário, foi possível retomar o contato para tirar dúvidas. Em janeiro, convites foram enviados e restou aguardar as respostas.

Perguntas de cunho pessoal, como nome dos pais, cônjuges e filhos, nome completo, bairro ou zona da cidade onde mora e aspectos da infância, não foram incluídas no roteiro para não expor a vida privada de cada jornalista. Além disso, as respostas dessas perguntas não agregariam no objetivo do texto, que é apresentar a rotina do repórter correspondente, e ficariam sem propósito algum.

3.2 Produção

A mensagem do primeiro contato foi quase igual para todos os jornalistas: *Oi, Nome! Como vai? Meu nome é Stella, sou estudante de Jornalismo na Unesp em Bauru e estou no último semestre do curso. O meu projeto de trabalho de conclusão de curso é escrever um livro de perfis de jornalistas correspondentes, e eu adoraria escrever um perfil sobre você. Acompanho seu trabalho desde..., e fiquei admirada com (exemplo de cobertura). Por isso, eu gostaria de convidá-lo(a) para ser um(a) dos jornalistas perfilados(as) do meu TCC. Caso aceite o convite, deixo meu e-mail para contato. Obrigada. Atenciosamente, Stella.*

Os correspondentes foram escolhidos considerando alguns critérios: veículo para o qual trabalham, onde moram ou já moraram e assuntos que mais cobrem. A ideia era ter um número igual de homens e mulheres, mas, de modo geral, é mais difícil contatar jornalistas mulheres; Luciana e Paola foram exceções porque tinham endereços de e-mail disponíveis em suas redes sociais e sites pessoais. No fim, o livro traz dois jornalistas da *Globo*, um do *SBT* e uma da *CNN Brasil*, os veículos com mais correspondentes, um *freelancer*, que faz matérias para veículos nacionais e internacionais, e um ex-correspondente, que continua no jornalismo.

Dentre os temas, Ariel e Luciana para América Latina, Luciana com o diferencial de ter morado na Venezuela. Sérgio, Paola e Yan para cobertura de conflitos, Yan com o diferencial de ser *free/a* e fotojornalista. Fabio e Ariel por terem

trabalhado mais de vinte anos no mesmo veículo, Fabio com o diferencial de ter trabalhado no principal escritório de jornalismo do Brasil no exterior, a “*Globo de Nova York*”. Luciana e Paola, duas mulheres, Paola com o diferencial de ter feito cobertura nos Estados Unidos e em Israel. Fabio e Sérgio, repórteres consolidados que foram promovidos a correspondentes. Yan, Luciana e Ariel que simplesmente se estabeleceram em outro país sem nenhuma garantia de emprego. Enfim, todos esses aspectos e singularidades foram considerados.

Foi muito difícil encontrar um e-mail dos jornalistas, por isso a maioria das mensagens foi enviada através da rede social Instagram. Sérgio Utsch respondeu rápido e a entrevista foi feita pelo Google Meet no dia 16/01/2025. Ariel Palácios demorou mais para responder e a entrevista foi realizada no dia 01/02/2025, pelo Instagram. Para gravar o áudio e a imagem, foi utilizado um atalho de gravação de tela do sistema Windows: Windows + Alt + R. Lourival Sant’Anna respondeu o contato por e-mail pedindo mais informações, mas acabou recusando o convite por estar com alta demanda de trabalho e outras questões pessoais (*Infelizmente no momento estou sem tempo para a entrevista. Se puder, por favor, me procure mais adiante. Um abraço*). Se a autora não conseguisse nenhuma outra resposta, um segundo convite seria enviado ao Lourival.

Não foram encontrados e-mails das jornalistas Cecília Malan e Ilze Scamparini, e as mensagens enviadas por rede social não foram respondidas. Contudo, a autora pediu a ajuda do jornalista Pedro M., de sua cidade natal, São José dos Campos, para entrar em contato com algum produtor de jornalismo da *Rede Globo*. O jornalista compartilhou o contato da produtora do escritório de Londres, Lívia P., que respondeu as mensagens rapidamente e fez o contato com as jornalistas Cecília e Ilze. Após três semanas, ela deu uma negativa: as duas correspondentes estavam muito ocupadas e não tinham disponibilidade para colaborar com o TCC.

Enquanto isso, outra lista foi elaborada e muitas mensagens foram enviadas. Duas das escolhidas, Luciana Taddeo e Paola De Orte responderam duas semanas depois do envio dos convites. A entrevista da Luciana foi realizada no dia 15/02/2025, e da Paola, no dia 11/03/2025, ambas pelo Google Meet. As gravações foram salvas no Google Drive e no computador. Outros dois nomes escolhidos foram Yan Boechat e Fabio Turci. O primeiro logo respondeu pelo Instagram, mas como estava trabalhando na Ucrânia, pediu para retomar o contato após seu retorno ao

Brasil; a entrevista foi realizada no dia 27/02/2025. Fabio demorou para responder, mas uma vez que isso aconteceu, a entrevista foi marcada para alguns dias depois, 17/03/2025, pelo Google Meet.

A entrevista mais curta durou 50 minutos, a mais longa, 1 hora e 47 minutos. A decupagem foi feita com a ferramenta *PinPoint* do *Journalist Studio* do Google. A ferramenta transcreve um arquivo de áudio para um PDF que pode ser editado, mas não diferencia vozes nem tem pontuação ortográfica. Como a redação do perfil seria feita pela própria entrevistadora, não houve necessidade de corrigir e editar as transcrições. Por esses motivos, extensão dos PDFs e ausência de correção e edição, esses documentos não serão compartilhados nos apêndices. Além disso, em todas as entrevistas, há informações que foram dadas em *off* e que os entrevistados pediram para não serem divulgadas. Portanto, se não é possível compartilhar as transcrições na íntegra, não há motivo para compartilhar apenas trechos, pois os trechos selecionados estão nos perfis.

Seguindo o cronograma, todas as entrevistas foram realizadas até o último dia de março e a redação dos seis perfis foi feita entre abril e maio. Assim que um perfil era concluído, a orientadora já fazia as devidas correções e sugestões. Foram selecionadas seis fotos, uma de cada correspondente, para ilustrar cada perfil. Os textos corrigidos e as fotos foram compartilhados com a aluna Rebeca Alice Neris de Oliveira, do curso de Design da FAAC, que faria a diagramação do material no programa InDesign. Um contrato de prestação de serviço foi redigido e assinado pela autora e pela *designer*, que mantiveram contato por WhatsApp e videochamada. Ficou combinado que o texto do TCC seria disponibilizado na última semana de abril e que a diagramação deveria ser concluída até a última semana de maio. O cronograma foi cumprido.

3.3 Pós-produção

A pós-produção foi a parte mais rápida e envolveu a leitura de todo o texto — Apresentação, Introdução, seis perfis e Epílogo — pela orientadora, as correções e a entrega do material pronto à *designer*. A fonte do texto, espaçamento, tamanho da página, cores da capa, estrutura dos capítulos (serão detalhadas na seção 4 deste relatório), tudo já estava pré-definido desde fevereiro, quando a autora e a diagramadora assinaram o contrato de prestação de serviço. Durante o mês de maio, foram feitos ajustes no trabalho, que foi entregue no dia 1º de junho. Por hora,

o trabalho não será publicado nem como livro nem em nenhuma plataforma digital, e foi entregue à banca no formato PDF. Após a avaliação da banca, pretende-se avaliar a possibilidade de publicação.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem-perfil *Do Brasil para o Mundo: Perfis de correspondentes* ficou com 116 páginas diagramadas. No arquivo do Google Docs, foram 99 páginas, 36.171 palavras e 218.016 caracteres. O texto está dividido em Apresentação, Introdução, os seis perfis e um Epílogo. Os perfis têm entre 12 e 16 páginas, têm uma “abertura”, que descreve um trabalho em vídeo do correspondente, e estão divididos em intertítulos: “O começo”, um intertítulo individual, “Pense rápido” e “Referências”, onde estão os links dos vídeos, notícias, entrevistas e documentários utilizados para explicar fatos históricos.

Ao longo do perfil, há parágrafos separados em *itálico*, que explicam algo mencionado no texto, como o que é o Talibã, qual era o cenário político da Argentina em determinada ano, como morreu tal presidente, o que é um “estado pêndulo” na eleição norte-americana etc. A opção por inserir as explicações no meio do texto e não em notas de rodapé ou no fim do livro é uma questão de gosto pessoal da autora. Com as explicações inseridas entre um parágrafo e outro do perfil, não há interrupção da leitura nem quebra de raciocínio. A ordem do texto não acompanha a ordem das entrevistas, e sim a de redação dos textos, que intercalam dois homens, uma mulher, dois homens e outra mulher.

O roteiro foi dividido em blocos temáticos. Primeiro, informações pessoais básicas, como data e local de nascimento, estado civil, filhos, onde mora hoje e onde estudou jornalismo. Em seguida, perguntas sobre o início da carreira e como se tornou correspondente. O terceiro bloco envolve os desafios, problemas, riscos, ameaças e perigos enfrentados pelos correspondentes durante suas coberturas. Depois, há perguntas sobre estilo de vida, capacidade de estabelecer rotina, saudade do país de origem, relação com a redação, rotina de trabalho em escritório ou em *home office*, e trabalhos *freelancer*. As perguntas seguintes amarram pontas soltas, como o que significa ser correspondente, qual é a relação com os colegas de

trabalho, se os estereótipos representam esses profissionais, e como a tecnologia contribuiu ou atrapalhou o profissional. E para fechar, o ping pong.

4.1 Público de interesse

O público de interesse é geral, desde a comunidade acadêmica da área da Comunicação, alunos, docentes e pesquisadores, até um público externo, interessado em jornalismo internacional ou apreciador do gênero perfil. A linguagem é acessível e os fatos históricos, como eleições, ataques terroristas e golpes de estado, foram explicados ao longo do texto para que qualquer leitor possa compreender o contexto do que está lendo.

4.2 Projeto gráfico-editorial

A capa do livro foi inspirada na coleção de *Jornalismo Literário* da editora Companhia das Letras, que têm cores sóbrias, como azul, verde escuro, preto, vermelho, branco, com duas ou três fontes diferentes, serifadas ou não, que estão em direções perpendiculares, ora na horizontal, ora na vertical.

A capa segue esse modelo: a frente é vermelha e a contra capa, azul marinho. O título do livro está em azul e branco, em diferentes direções, com fontes com e sem serifa misturadas. O vermelho é apelativo e chama atenção, o azul marinho é elegante e sóbrio, e o branco equilibra a intensidade das duas cores.

O livro tem 116 páginas. Dimensões de impressão 140mm x 210mm. Margem: 20mm x 25mm x 25mm x 15mm. Sangria: 5mm. Fonte: Times New Roman - tamanho 10 pt. Justificado com a última linha alinhado à esquerda. Justificação 90 - 100 - 110 / 98 - 100 - 102 / -3 - 0 - 3. Hifenização: 6 - 3 - 3 - 3. Entrelinha: 12 pt. Recuo: 5mm.

A escolha da fonte com serifa é para parecer um livro impresso, assim como a simplicidade da diagramação. Não foram adicionados títulos coloridos, elementos gráficos, figuras ou código de cores, porque a intenção era aparecer um livro de literatura e não uma apostila didática. Antes de cada capítulo, há uma fotografia de cada correspondente, com legenda e créditos. As fotografias ocupam quase toda a página e estão na posição retrato, apesar de serem “paisagem”. Dois motivos justificam a escolha de “entortar” as fotos: deixá-las grandes e entregar uma diagramação única inusitada.

Figura 1 - Capa do livro



Fonte: Rebeca Alice Neris de Oliveira (2025)

4.3 Custos

Os custos de execução envolveram a compra de uma *webcam*, que custou R\$154,90 e o pagamento da prestação de serviço da diagramação. A capa ficou no valor de R\$150,00 e a diagramação no valor de R\$ 601,00, pago na entrega do produto finalizado. O total de gastos foi R\$ 905,90.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos do livro *Do Brasil para o Mundo: Perfis de correspondentes* era aproximar o público leitor da rotina de trabalho dos correspondentes brasileiros. Mas como essa obra deve ter sido lida por umas cinco pessoas até agora, não é possível afirmar que o objetivo foi alcançado. Contudo, só a produção deste trabalho de fôlego, afinal de contas, foram 116 páginas, já foi capaz de aproximar pelo menos a autora da rotina dos correspondentes. No fundo, esse era o objetivo real deste TCC, leitor. Aprofundar os conhecimentos da própria autora ao preencher uma pequena lacuna de sua formação acadêmica. Pequena porque todas as outras habilidades necessárias para entregar esse livro foram aprendidas ao longo da graduação em Jornalismo: apuração, produção de pauta, entrevista, decupagem, redação, pesquisa bibliográfica, checagem de fatos e normas ABNT.

Seria muito gratificante descobrir, daqui alguns anos, que as disciplinas de Jornalismo Especializado e História do Jornalismo abordam a editoria de política internacional, mas não só política, também economia, cultura, meio ambiente, conflitos armados, cúpulas governamentais, desastres naturais, esportes, todas as editorias com um olhar estrangeiro. Não para diminuir o jornalismo brasileiro e, sim, para comparar estruturas, vantagens, defasagens e costumes, tanto sociais quanto jornalísticos. Até porque o segundo objetivo era ampliar a visão de mundo do leitor.

Entrar em contato com as fontes, principalmente as mulheres, representou um desafio na etapa de produção. As duas entrevistas confirmaram que é mais difícil, sim, contatar as jornalistas, que optam por bloquear mensagens nas redes sociais por causa de assédio, violência verbal, ameaças e ofensas gratuitas. Explorar o efeito da alta exposição midiática do correspondente, sobretudo de mulheres, é um caminho para dar continuidade aos estudos sobre correspondência internacional. Outros dois temas mencionados pelos perfilados que também renderiam boas pesquisas é a pressão auto imposta e o medo de errar como jornalista (divulgar uma informação errada que prejudique alguém inocente, por exemplo), e as situações perigosas que esses jornalistas se submetem para cobrir conflitos armados, manifestações, eleições, terremotos, muitas vezes sem suporte algum: apenas com seu passaporte, celular, bloco de notas, câmera fotográfica e colete de “segurança”.

Outro desafio foi escrever os perfis de modo que parecessem perfis e não entrevistas. Deixar a linguagem literária do livro-reportagem se sobressair em vez da linguagem prática e informativa da reportagem jornalística. Escrever 116 páginas em dois meses também foi desafiador, mas a satisfação pessoal é tão grande que os perrengues e mensagens não respondidas já foram esquecidos.

Por fim, a autora espera que esse trabalho possa, um dia, ser publicado. Se não exatamente estes perfis, que seja um livro com novos textos, de correspondentes brasileiros, norte-americanos, asiáticos, europeus, de guerra, *freelancers*... ou então, que a própria autora se torne, enfim, correspondente da *[insira aqui o nome do canal ou jornal]* em *[insira aqui o nome do país]*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, F. Detetive, antropólogo, arqueólogo: Múltiplas funções em A arte da biografia. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 166–171, 2023. DOI: 10.5212/RevistaPautaGera.v.10.21918. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21918>. Acesso em: 17 nov.2024.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo : Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4 ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MELO, José Marques de; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). **Perfis de jornalistas**. São Paulo: FTD, 1991.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros: 22 personagens e 1 ensaio. Barueri: Manole, 2014.

APÊNDICE

Roteiro de perguntas para os correspondentes

Informações pessoais: Data e local de nascimento; Estado civil e filhos; Onde mora hoje; Onde fez faculdade e pós-graduações.

1. Onde e como começou no jornalismo? Como se tornou correspondente?
 - a. Há quanto tempo trabalha como; caráter temporário ou permanente.
2. Quais as motivações e inspirações que fizeram você escolher ser repórter fora do país?
3. Qual foi a primeira cobertura internacional? (correspondente ou rep. especial).
4. O jornalismo no exterior aumenta os problemas da profissão? Hoje, quais são os principais desafios de ser correspondente?
 - a. Tem dificuldade com o idioma? Precisa da ajuda de um intérprete?
 - b. O jornalista brasileiro é levado a sério ou ignorado?
5. Quais são os empecilhos para contatar fontes estrangeiras?
 - a. O que fazer quando uma fonte Oficial pede sigilo?
 - b. Como conquistar e manter contato com as fontes?
6. O trabalho como correspondente vale os riscos de cobrir um conflito armado, ou outro evento mais violento ou tenso?
 - a. Qual foi a situação mais perigosa que presenciou? Estava sozinho? Como foi? Você sentiu medo?
 - b. Quais os conflitos que você cobriu, e de onde?
7. Já sofreu com ameaças, assédio ou agressão - de uma fonte, de um cidadão, de um usuário da internet, de um grupo armado/terrorista? Qual foi a estratégia para superar o episódio?
 - a. Para mulheres: enfrentou algum episódio de machismo, seja por assédio, desrespeito ou preconceito - durante o seu trabalho? É seguro viajar desacompanhada como jornalista? Qual país mais seguro e qual o mais perigoso?
8. A prática do jornalismo internacional permite o estabelecimento de uma rotina?
 - a. Cansaço da rotina; tempo para lazer; saúde física e mental.

9. Sente falta do Brasil? Já passou pela experiência de retornar ao Brasil e ter um choque cultural de expatriado?
10. Já teve algum episódio de discórdia com chefe de redação ou com a linha editorial do veículo?
 - a. Autonomia em relação ao Brasil; decisão de pautas.
 - b. Está sozinho ou tem um escritório da empresa?
 - c. Faz algum trabalho freelancer?
11. Como a profissão mudou desde que você começou e o que você gostou e o que não gostou?
 - a. Apesar da tecnologia ter facilitado alguns aspectos do trabalho jornalístico, foi preciso aprender seus recursos e a forma correta de usar. Esse processo de aprendizagem, ou a transição de equipamentos tecnológicos, atrapalhou a execução das matérias e entradas ao vivo de alguma forma?
 - b. O uso excessivo de tecnologia alterou sua percepção de tempo?
12. O que significa ser correspondente?
 - a. “Quase todos querem o tempo todo estar junto uns dos outros, por receio de não ter acesso a uma informação que os outros terão, ou porque, como todos são estrangeiros, sentem-se fragilizados, sem conexões, sem redes de apoio, e procuram se apoiar.” - existe uma cultura do correspondente? A amizade e o senso de comunidade se sobressaem à rivalidade?
 - b. Estereótipos dos correspondentes: falsos, neurótico, prostituído, bêbado, pretensioso, arrogante, fugindo da rotina e dos problemas, solidão, busca por aventuras, egoísta, solitário e exibido. É verdade?
 - c. Ser correspondente para a Rede Globo confere mais status ao jornalista?
 - d. É o melhor emprego do mundo?

Perguntas do livro Correspondente Internacional - Extra

1. No livro Correspondente Internacional, de Carlos Eduardo Lins da Silva, o autor fala do risco do correspondente acabar se tornando mais britânico/americano/italiano do que brasileiro. Isso chega a acontecer? O

correspondente corre o risco de favorecer o país/a fonte estrangeiro em vez do seu próprio país?

2. “O correspondente deveria ser ‘o observador privilegiado de coisas que demorem um pouco mais até serem notadas’ (Ulf Hannerz)”. CELS.
3. Tem alguma coisa que eu não perguntei, mas que você gostaria que eu tivesse perguntado?
4. Você tem algum conselho, ou quer deixar alguma declaração, para os focas e jovens jornalistas que querem ser correspondentes?

Roteiro de Perguntas Ping Pong

1. a melhor cobertura internacional? por quê?
2. a pior cobertura internacional? por quê?
3. *correspondência internacional* em uma palavra.
4. um livro.
5. um filme.
6. um país.
7. uma cidade.
8. o pior conselho que já recebeu? Seguiu?
9. o melhor conselho que já recebeu? Seguiu?
10. um sonho.
11. pior fonte, entrevista.
12. melhor fonte, entrevista.
13. você está satisfeito com seu salário?
14. o correspondente ganha em qual moeda?
15. tem algum evento/alguma cobertura que você gostaria de ter presenciado?
16. do que você tem medo?
17. você se considera famoso ou famosa?
18. você é otimista ou pessimista em relação ao futuro da profissão?
19. um erro e um acerto da profissão.